

Na porta da seguinte enfermaria está pintado um homem sem boca, que logo entendi ser o *Silencio* dizia a letra:

Em me calar escolho a melhor parte.

Os desta casa são uns que por seus pecados foram pôr seu amor em parte, onde, se o dizem, lhe pode vir mais mal que bem, e não outro premio, senão os sonhos que a continua imaginação lhes acarreta, e ainda nestes é muito certo acordar ao quebrar dos escudos e derramar das lagrimas. Tambem aqui jazem uns pecadores, que de levarem muitos maus dias e noites por grangearem a vontade da pastora, tem recado que podem entrar a uma depois da meia noite, e ainda que o coração lhe diz que pode haver cilada, todavia entre amor e temor entram; senão quando (Deus nos livre) sai o trunfo de paus, e dando lhe muita pancada, ele vai em falsete lançando o contraponto ao cantochão do compasso que nas costas lhe fazem; e finalmente faz o mofino tres val, e ficando com o risco, com o pau nas costas e a sota na baralha. Estes comem carne de boi, que como elles a cortam depois de servir, outros comem leite de dormideiras. De uns é a enfermeira a *Alliveza*, de outros a *Desgraça*.

A divisa da seguinte enfermaria era um *Asno* sem dentes, olhando para um alqueire de cevada, e diz o mote:

Boa é minha vontade, mas não posso.

Estes são uns velhos loucos e namorados, que, quando com momos enganam a rapariga inocente ou com dinheiro pagam e obrigam a puta baixa, lhe não toma a espingarda fogo, estando já sobre a caça, os quaes depois de entrados na estacada, aparecido o sol e dado sinal da justa, por mais que com as esporas piquem o fraco rocim e lhe puxem polo freio, não lhe podem fazer alevantar a cabeça, que tem o estoque tão branda a tempera que facilmente ajunta a ponta com os cabos, e disto é para haver dó. Aqui jazem tambem uns cobardes, que por parecerem homens namoram a peccadorinha, que, cuidando que o são, se lhes entrega, e aqui troce a porca o rabo, e se vem elles em um grande aperto, porque nunca lhe pareceu que o negocio chegasse a tanto, e dão desvio à occazião, porque tem mais medo de lhe tocarem do que Adão teve de tocar o pomo vedado, e assi se boa estava a moça, boa a deixam. Pois vem cá parvo, se andavas após isto, agora que o tens, que lhe esperas? como não saltas nele a unhas e a dentes, e no cabo lhe lambes o dedo e a mão toda? Vai-te ao dezerto, madraço, mija na polvora, que não sabes o que perdes. A todos estes dão aqui desejos frios, e são suas enfermeiras a *Impotencia* e *Cobardia*.

Na divisa da seguinte enfermaria estava *Narciço* namorado de si mesmo, e o mote dizia:

Contente sou de mim, e a mim só quero.

Certo que me espantou a confiança destes. E querendo saber quem eram, achei serem uns que andam de amores comsigo mesmo, mais melindrosos que uma dama Valenciana, prezam-se de bom coração, e não andam de noite, porque dizem que lhe faz mal o sereno, e dormem com luvas de cão por terem boas mãos, imprensam a barba e o topete, uzam de meneios e palavras afeminadas, e trabalham quanto podem por não parecerem homens, e se algum lhe lembra mulher, cuidam que é obrigada a roga-los. Estes merdinhas, estes ninguens, me aborrecem como moscas, porque não são homens nem mulheres, e é mal empregado o tempo que se falla neles. Todos comem cebo confeito, e é sua enfermeira a *Fanchonice*.

Daqui me saí com a mão nos narizes e o estomago embrulhado de ver estes filhos das putas; mas desempoei-me com a divisa da seguinte enfermaria, que era um *Almofreixe* com o mote assim:

Na mudança sirvo e valho,
Que minha esperança e gosto
Na mudança tenho posto.

Estes doentes pola maior parte são uns que tem amores das portas adentro, porque assim as donas, como o veador, andam sempre com o olho sobre o hombro, e elles todo o anno esperando polo inverno e sua entrada, em que se muda a caza da villa para a Cidade, e na do verão em que se muda para a quinta, porque então no carregar, descavalgar e cavalgar, prega-se o gosto, dezejo, e aguilhão, mas como bespa logo morrem, porque este jubileu de amor lhe permite o tempo não mais que uma vez no anno; estes coitados comparo eu á mão de Judas, que não serve mais que uma vez no anno. Estes comem figados de esperanças, porque lhe comem tambem os seus; é sua enfermeira a *Mudança*.

Na porta da seguinte enfermaria estava um *Rouxinol* cantando, e diz o mote:

Canto até alcançar o que dezejo.

Os desta caza são uns velhaquinhos, que nenhum momento deixam de solicitar a dama a que se afeiçoaram, e não a deixam a sol nem a sombra. Estes regatões do bem querer não tem parte ou habilidade que não desenfardelem com mui pequena ocazião; cantam, tigem e bailam, correm, e saltam, e finalmente brigam, por mostrar que tem postura airosa com a espada na mão; e prezam-se de terem tomado lições de Paredes, mestre que foi del Rei de Espanha. Estes pola maior parte fazem feira de seus amores com quem quer que encontram, e polos não terdes por palreiros, dizem-vos logo ao principio da paga que — *El mal comunicado se mejora*; e após isto, vai o feito e por fazer, que como quer que sejam escrupulosos, alimpam a consciencia de tudo. Ora se vem a alcançar o que pretendem, e tomam a lebre após que andam e tem tanto corrido, em lhe pregando o dente nenhum caso fazem mais della, e dizem que é carne que continuada faz pelar o pelo; e fazendo-se na volta do sargaço, dizem que assi o fez Eneas com a Rainha Dido, a quem ela quis obrigar com lhe dizer que no mais secreto de suas entranhas sentia vivas prendas suas, e o velhaco assobia-lhe como Roxinol, e vai-se para uma e outra parte. Estes comem carne de Cuco, por ser passaro que em nenhuma parte faz ninho: é sua enfermeira a *Velhacaria*.

Bem diferente gente são os da seguinte enfermaria, a qual tinha sobre a porta uma *Rola*, turbando com os pés a agua que queria beber, e dizia a letra:

Pois a Morte me deu tal perda e magoa,
Não quero verde ramo ou fermosa agoa.

Os doentes desta enfermaria é gente de melhor feição, porque todos são uns amantes de veras, que, depois de morta sua amada pastora, não sabem mais querer a outra, nem perder a dor e sentimento que disso tem, tendo-a continuamente retratada na memoria, e se estão sós, fallam com ella, e elles mesmos se respondem, e se choram, afigura-se-lhe que vem a causa de suas lagrimas e magoas, queixando-se da morte, ou porque lhe levou quem amavam ou porque os não leva a elles, e em fim se tem algum gosto, logo o turbam com a lembrança do que perderam, e vivem uma triste vida ou para melhor dizer em continua morte. Estes se sustentam de lembranças tristes do que perderam, e é sua enfermeira a *Saudade*. Aqui jazem tam-

bem uns firmes namorados entregues a pensamentos tristes e amorosos, que para os lograr andam buscando lugares solitarios, apartados do trato humano, inimigos da conversação da gente, prodigos de lagrimas e suspiros, useiros e vezeiros em fazer soliloquios tristes, e tão bem satisfeitos deste estado, que o não trocarão polo mais felice da vida. Estes comem codornizes, de quem se escreve se sustentam um certo tempo do anno de uma semente venenosa; e é sua enfermeira a mesma *Melancolia*.

A ultima enfermaria tinha por divisa o monte Parnaso e *Apolo* sentado em Castalia, e dizia o mote:

Que cousa ha melhor que a poesia,
Nem que tenha tal preço e tal valia?

Aqui estão os Poetas namorados, gente soberana e divina, todos coroados com capelas de louro, e merecedores de alcançar dos homens grande fama e gloria, e das mulheres o fruto de seu trabalho e habilidade, que se é verdade que donde ha amor, efeitos de amor se causam, claro está que melhor, mais doce e suavemente mostram amor estes e mais de veras amam, e que nem por isso fazem versos, porque então mentem, que é verdade serem estes milagres de amor, que ele não faz, senão donde o ha.

Ora, senhor, nestes tresmalhos entra toda a sorte de peixe que no mar de Amor anda, nestas quinze enfermarias jaz hoje o mundo todo. Este é o hospital de Cupido que me mandais pedir, e por vos informar largamente o corri todo, tirando a casa dos Orates, porque receei achar-me nela, e me não quis atrever a ver tal amigo em tal lugar e estado. Peço-vos que não cuideis que por estar cá nestes montes ando ocioso para me entregar a semelhante brinco como este, que inda que mudei de freguesia, tambem cá pago os dizimos e primicias de meus cuidados, lembranças, desejos, e pensamentos, e a todas as horas.

Item escrever tres folhas de papel em julho é peor que tomar suadouros, mórmente quando o vosso moço me limita quatro horas, quando a um homem que padece, lhe dão vinte e quatro horas para arzeoar. E fechando a abobada com novas minhas, vos digo que anda minha liberdade para se pôr com dono, e já estava posto a segui-la e servir o que a levar, que, segundo entendo, são uns formosos olhos. A etc. deste monte em 9 de julho. &



XII

Resenha bibliográfica

A exegese biográfica e critica, em matéria literária, requer sempre a posse dos textos originaes impressos, e muito mais no caso do Rodrigues Lobo, cerceado e lesado nas edições tardias e vulgares. Abarbou-nos a rebusca das edições principes das obras do nosso escritor.

A Biblioteca Nacional de Lisboa appareceu-nos singularmente desbalizada; possui apenas: — a *Primavera*, na 3.^a ed., que é ainda

impressão autêntica do A.; — a *Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, publicada por Roiz Lobo; — a *Côrte na Aldeia* e a *Jornada*. Das mesmas edições póstumas poucas tem. Houve em tempo ali, segundo a fé dos verbetes catalogados, as 1.^{as} edições das *Églogas*, do *Condestabre*, e é natural que também não carecesse do *Pastor Peregrino* e do *Desenganado*. Levaram sumiço ou sofreram mão baixa por parte dalgum rato — praga habitual desta biblioteca — de dente cubiçoso das especialidades do Lereno.

Recorremos às livrarias particulares — à do nosso finado amigo F. Tomás, ao depois dispersa, e à de Fernando Palha, na posse do dr. Francisco Vanzeller que nos franqueou bizarramente o seu acesso. A primeira propiciou-nos o *Condestabre*, a 2.^a ed. dos *Romances*, a *Jornada*, e o inestimável retrato do Lereno; a segunda conta, além dalgumas raras edições póstumas, o *Condestabre*, as *Églogas* e a *Primavera* (3.^a ed.).

Enriquecem a Biblioteca da Universidade de Coimbra as edições príncipes do *Pastor Peregrino* e do *Desenganado*, além das *Églogas*, *Condestabre*, *Côrte*, *Jornada* e outras edições, que a tornam a mais rica das livrarias portuguesas em obras do bucólico ¹.

Ficávamos todavia insatisfeitos, porque não víamos ainda preenchidos todos os números das edições autorais — *Primavera* (1.^a e 2.^a), *Romances* (1.^a) e *Elegias ao SS. Sacramento*. Batemos à porta da Biblioteca Pública do Rio de Janeiro, a que serviu de núcleo a livraria do bibliófilo abade de Sever; a busca diligente do dr. Cícero, director da biblioteca, amávelmente provocada a nosso pedido, graças à intervenção obsequiosa do empregado da nossa o sr. G. Senna então na capital fluminense, foi de todo improficua. Melhor fortuna adveiu do apêlo para Londres e Madrid. Da magnífica Bibl. do *British Museum*, por intervenção da nossa legação e grata boa vontade dos ex.^{mos} srs. Teixeira Gomes, nosso ministro, e Câmara Manuel, vinha-me notícia da 2.^a ed. da *Primavera*, assim como a doutras espécies tão importantes para o nosso propósito, especialmente em mss., tanto autênticos, como apócrifos (v. cap. xi).

Graças á experimentada amizade do meu ilustre colega madrileno dr. D. Federico Montaldo e à diligência do bibliófilo o sr. D. Gabriel Del Rio y Rio, deparou-se-me a preciosa edição inaugural da *Primavera*, e a 2.^a do *Pastor Peregrino*. A admirável Biblioteca de Madrid é um repositório riquíssimo das obras do Lobo, não há outra

¹ Muito devemos neste ponto à amabilidade do erudito prof. Mendes dos Ré-médios. Meu filho Ricardo Jorge, ao tempo (1910) aluno da Universidade, tirou-me cópias na Biblioteca do que me importava.

que sequer se lhe aproxime; às do seu fundo primitivo juntou mais tarde as das livrarias de Agostinho Duran e Pascoal de Gayangos. A fatura vai tão longe, que possui em duplicado a maior parte das edições autorais. Este tesouro merecia romagem de estudo, a que pessoalmente tivemos a fortuna de proceder em maio de 1912, sob a continuada gentileza do sr. Del Rio, chefe da secção dos livros raros.

A edição original dos *Romances*, tão importante documentalmente, essa é que se frustou de todo ao nosso empenho; a muito favor vimos apenas o exemplar da edição póstuma. Das *Elegias ao SS. Sacramento*, obra autêntica do Lobo, nem amostra nem vestígios; nenhures se me deparou esta ignorada peça.

Aí vai a descrição e a enumeração da série editorial do escritor, e com ela a indicação do pouso conhecido das obras — notícia por todos os modos útil e tão de costume esquecida pelos bibliógrafos.



OS ROMANCES. — Estreia do poeta Lereno, os bibliógrafos inscrevem assim a 1.^a ed. dos *Romances* na testada do rol das suas obras:

PRIMEIRA E SEGUNDA PARTE DOS ROMANCES de Francisco Rodrigues Lobo de Leiria. Coimbra, por António Barreira, 1596. In-16.º.

Barbosa certamente que a viu; Inocêncio, Galhardo, Salvá, nunca a divisaram. Bati a todos os ferrolhos de que me lembrei e que me lembraram, sem topar o paradeiro dum exemplar. Não apareceu em nenhuma livraria particular ou pública do país; tão pouco no estrangeiro em Londres, Madrid e Rio de Janeiro.

Logrei sòmente, como já disse, pôr os olhos na edição de 1654, de que existem exemplares na Biblioteca Nacional de Lisboa (2 exemplares), Biblioteca Municipal do Pôrto e na Livraria hoje desfeita de Fernandes Tomás; lá fora sei apenas doutro no *British Museum*. Inocêncio diz ter visto um no poder de Figanière.

PRIMEIRA / E / SEGUNDA / PARTE DOS / ROMANCES / DE FRANCISCO / Rõiz
Lobo, de / Leiria. / EM LISBOA. / Com todas as licenças necefsarias. / Por
Manoel da Sylua / anno 1654. / A custa de Felipe Iorge merca / dor de
liuros, na rua noua.

Dim. 12,6 × 7,5 = In-8.º = Fl. 88, numeradas pela frente, além de II fl. prelim. sem num. (rosto e licenças) — Sign. A-L, todas de 8 fl. = In-fine: *Finis*.

A 1.^a licença é de 19 de maio de 1654 e as de correr e taxa são de 7 e 8 de julho do mesmo ano. Na informação do conselho diz-se;

«Pode se tornar a imprimir este livro...» — o que mostra que a obra fôra já editada. Noticiei já que Roiz Lobo, à frente do *Pastor Peregrino* (1608), insere os *Romances* na lista dos seus livros estampados. Tudo concorre, pois, incluindo a leitura crítica do texto, para dar fé à menção dos bibliógrafos da edição príncipe de 1596 que se me foi inencontrável. A própria de 1654, que talvez seja a segunda,

PRIMEIRA
E
SEGUNDA
PARTEDOS
ROMANCES

DE FRANCISCO
Roiz Lobo, de
Leiria.

EM LISBOA.

Com todas as licenças necessarias.

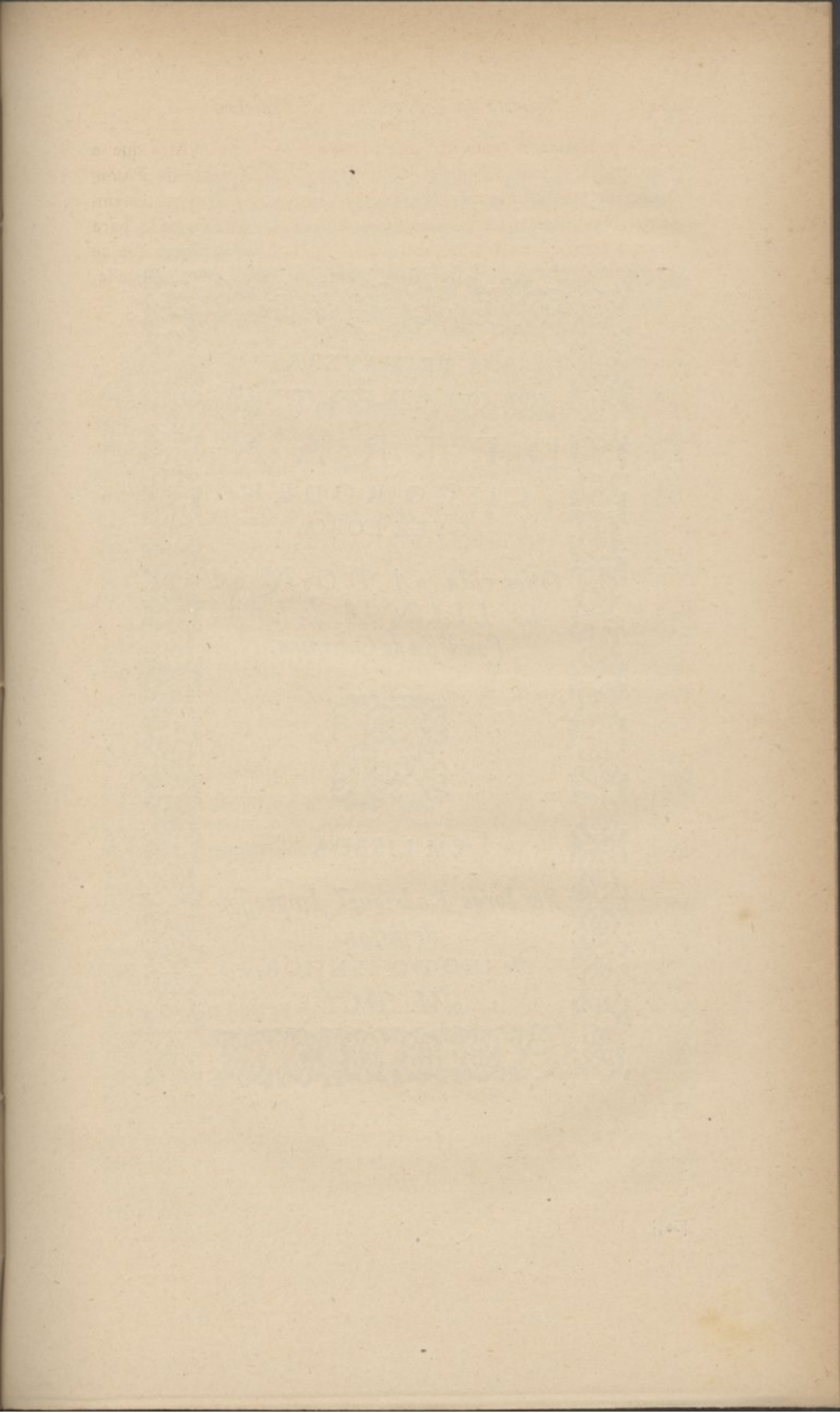
Por Manoel da Sylva.
anno 1654.

A custa de Felipe Jorge mercador de livros, na rua noua.

tornou-se uma raridade — por sinal, que, como todas as edições póstumas, está inçada de deturpações e erros, alguns dos quais irremediáveis.



A PRIMAVERA. — Toca à Biblioteca Nacional de Madrid a honra de possuir, e em duplicado, a 1.^a edição da *Primavera* de 1601; é a única amostra de que pude haver notícia.



A PRIMAVERA

DEFRAN-
CISCO RODRI-
GUEZ LOBO.

*Offerecida A DON A
IVLIAN A de Lara
Condessa de Odemira.*



EM LISBOA

*Per Iorge RodrigueZ Impressor
de livros.*

ANNO DO SENHOR,
M. DCI.

Portada orlada:

A PRIMAVERA / DE FRAN- / CISCO RODRI- / GVEZ LOBO. *Offerecida A*
DONA / IULIANA de Lara / Condessa de Odemira. (Vinheta tipográfica). /
EM LISBOA / Per Iorge Rodriguez Impressor / de liuros. / ANNO DO SE-
NHOR, / M.DCI.

Dim. 18,0 × 11,5 = In-8.º = II fls. preliminar., s. n. — Fls. 196, num. pela frente. — Sig. A-Bb, de 8 fls., menos a ult. de 6. = In-fine: *Fim / SOLI DEO HONOR & GLORIA*. E dentro duma orla: *Impresso em Lisboa per Iorge / Rodriguez / Anno do Senhor MDCI*.

Exemplar em excelente conservação, encadernado em carneira verde; pertenceu a Ag. Duran. As licenças veem no verso da portada. Data de 19-9-600 o despacho para a revisão do livro. O parecer de fr. Manuel Coelho informa assim: «Vi este livro intitulado a Primavera, juntamente com quatro eglogas. Autor Francisco Rodrigues Lobo; não tem coisa alguma contra a nossa santa Fé catholica, bons costumes e guarda delles, antes he obra muito curiosa e que ha de contentar a muitos». A licença final para a impressão é de 23-10-600. Segue a dedicatória a Dona Juliana de Lara, condessa de Odemira ¹ (v. cap. iv).

O informador, que por sinal agoira com presciência critica o bom successo da obra, fala de quatro églogas que vão juntas; orã tais peças não foram impressas. É possível que com a pastoral o Lerenio incorporasse quatro églogas, já então compostas, das que quatro anos depois veiu dar a lume. Mudaria naturalmente de propósito, e desviá-las-ia do prelo para lhes reservar êsse destino.

Os nossos bibliastas (Barbosa e Innocencio), ao terem entre mãos a 3.ª edição de 1619, concluíram que devia haver uma 2.ª, mas não a acusam de vista, nem de data. Salvá no *Cat.* (t. 1, 1872) diz ter visto um exemplar; outro se refere no *Ensayo* de Gallardo (t. iv,

¹ A DONA IULIANA / DE LARA CONDESSA / DE ODEMIRA. / PROLOGO. / Ningvem duuida, q̄ as flores desta primavera, se deuem mais ao Sol, que as criou, que a terra onde nacerão: & que o ser de V. S. lhe dà mais graça, & pode dar mayor fama que o meu ingenho. Este conhecimento (fora outras obrigações) me faz que offereça a V. S. este liuro, ao qual quando faltem merecimentos da minha parte, teuda de V. S. muytos fauores pera esta oufadia, que como fauorecida fica desculpada: & os meus pastores muyto naturais pois por melhor que fallem & digaõ feus queixumes diãte o intendimento de V. S. sempre feraõ rusticos. Quando elles por humildes, & a obra por ser minha não merecer inueja de muytos, o certo he, que a teram todos de ver quam bê a empreguei: & receo de offender com a lingoa o que V. S. honrou com o seu nome. E fe hum feruiço tam pequeno interessado em tão grandes merces for de pouca estima, ponha V. S. o preço delle na vontade, que pera tam grande animo & juyzo deue valer mais que tudo o que he menos, que elle Nosso Senhor guarde a V. S. por muytos annos.

1889). Esta extrema raridade existe no *British Museum* e na Bib. Nac. de Madrid em duplicado.

Portada orlada:

A PRIMAVERA / DE / FRANCISCO RO- / DRIGVEZ LOBO / De nouo emendada & acrecentada nesta se / gunda impressão pello mesmo Autor / Offerecida a DONA IULIANA / de Lara Condessa de Odemira. (Vinheta tipográfica). Com licença da Santa Inquição / Em LISBOA / Impresso por Pedro Crasbeeck. / Anno de 1508 (sic por 1608).

Dim. 21,2 × 12,5 = In-8.º — IV fls. prelim. s. n., 156 fls. num. pela frente — Sig. A-V, todas de 8 fl., menos a ultima de 4.

In-fine: SOLI DEO HONOR & GLORIA / Impresso em Lisboa por Pedro Crasbeeck / Anno do Senhor MDCVIII.

O exemplar de Londres, encadernado em pergaminho, tem a assinatura ms. de Don Diego de Colmenares ¹. O de Madrid, que pertenceu a Ag. Duran, está encadernado em vitela verde, juntamente com a 1.ª edição do *Pastor Peregrino*, que é do mesmo ano, do mesmo impressor, no mesmo tipo e com a mesma portada. Informação de fr. Manuel Coelho e licença de 11-12-604. Se não há engano de cifra, a impressão demorou quasi 4 anos sobre a licença do Santo Officio. Seguem a dedicatória a D. Juliana e um prólogo «ao leitor» ².

¹ Deve tratar-se, se o nome não falha, duma personagem literária — D. Diego de Colmenares (1586-651), poeta e historiador graduado, autor da *Historia de Segovia*.

² PROLOGO AO LEITOR. / Hum fo erro fem desculpa se falua, quando o que errou fe melhora, porque ninguem ha tam fabio, que em tudo acerte, nem pode parecer nefcio, o que contra sua opiniam admite conselho. Perfeuerar na mesma culpa, ou he de nefcio enganado, ou de porfioso desconhecido, ou quando a necessidade não dá lugar a razão. Direis sabio Leitor, que dou esta sentença contra mim, pois tendo na primeira impressam⁷ desta obra com auiso dos que a encontraram, tantos defenganos do que me podia montar o fruto della, commetti a fazer a segunda, q̄ agora vos aprefento, com as proprias armas, & defenfam, com que no primeiro encontro a recebestes, & que assim porfio contra o que veyo, e me engano com o que faço. Respondo que se no primeiro erro escufaua fatisfações, ainda tenho grande desculpa, porque bem poderoso engano he, para hum homem arriscar tempo, trabalho, & opiniam a esperança de faser seu nome mais conhecido. E já que eu nam colheffe este fruto de meu atreuimento, não me deixou tam enganado o fauor, com que muitos o receberão que porfiaste de nouo com os que o reprouaram. Antes estando hem alheo de renouar esta Primavera como coufa a que se acabava o tempo, soube que alguns mais intereffados em seus ganhos, que lembrados de minha perda trataram de licença para a imprimir, & porque de dous males auia de escoller, me pareceo que era o menor, fair emendada pello seu Autor proprio, que adulterara por quem se arriscaua tam pouco em seus erros. Não faz para mim tam leue este cuydado que me não pufesse em muitos por que querendo emendar

A última edição de mão do autor é a 3.^a de 1619, ainda rara; conheço apenas entre nós 2 exemplares — Liv. Palha, e B. N. de Lisboa.

Portada orlada.

A PRIMAVERA / DE / FRANCISCO RO- / DRIGVEZ LOBO. / De nouo emendada & acrescentada nesta terceira / impressam pello mesmo Autor. / Offerecida a DONA IULIANA / de Lara Condeffa de Odemira. Uma vinheta gravada em madeira, que representa um peregrino em caminho de montanha, tendo em inscrição na cercadura — *Vias tuas Domine demonstra mihi* —. Com todas as licenças necessarias / Em Lisboa. Por Antonio Alvarez Anno 1619. / A custa de Domingos Martines, Mercador de liuros.

Dim. 18,5 × 12,7 = In-8.º = IV fls. prelim. s. n., fls. 156 num. pela frente — Sign. A-V., todas de 8 fls., menos a última de 4. = In fine: FIM / *Soli Deo Honor & gloria.* / Impresso em Lisboa por Antonio Aluarez. / Anno do Senhor 1619.

Teve editor, o livreiro Domingos Martins, que também o foi da 2.^a ed. do *Pastor Peregrino*, publicado na mesma época.

Após o frontespício, vem na fl. II a informação de 3-7-618, licença final de 6-8-618, e taxa de 17-3-619. Segue-se a dedicatória a D. Juliana de Lara, e o prólogo ao leitor, reproduzido da 2.^a ed., apenas mudando *segunda* em *terceira*.

As emendas e acrescentos, a que Lobo se refere na testada e no prólogo, fê-los na 2.^a ed. de que a 3.^a é reprodução integral. No verso a única correcção e adição de monta é a das endechas da *lei dos amantes* (v. cap. VIII).

algũas coufas de que me advertiram, achei q̄ erãõ aquellas mefmas, as q̄ outros tinham julgado por melhores, & com o encontro destes pareceres, me nam atreui a faser eleiçam em muytas dellas, & deixandoas no primeiro estado, remetto a voffo juyzo o melhorallas: com tanto que creais de mim, que no lugar aonde nam emendei o que vos parecia, não segui proprio engano, antes confelho, nas palauras da profa, no estilo dos versos, na inuenção da historia, no decoro das pefloas, na discripã dos lugares, contentar a poucos he muyto quanto mais dar razão a tantos, nem estou pella sentença de alguns, nem quero ter a todos da minha parte, mas o que neste liuro achar algũa de merecimento, perdoe a effa conta o castigo de algumas faltas que com esta cautela me atreui a tirar a luz o pastor Peregrino, que ategora tinha escondido a femrazão cõ que alguns trataram mal os principios da sua historia, & pois eu a não figo por acabar cuidados, que não tem fim, antes por dar gofsto a quem o mostra ter de ouuir feus queixumes agradeceime ao menos a vontade, quando o trabalho defmerecer. E peço ás damas curiosas, & inclinadas a ler os humildes pensamentos dos meus Pastores, que com os poderes com que tudo sujeitam a feu senhorio defendam este liuro, ao qual eu não quero maior preço que ter a ellas por valedoras, nem maior vingança dos murmuradores, que fairem de sua obediencia fo a fim de tomarem armas contra minha humildade.



As EGLOGAS. — Da rara edição-príncipe das *Églogas* sei dos exemplares da Liv. Palha e da B. da U. de Coimbra; é dos livros sumidos da B. N. de Lisboa. Fora do país, encontra-se na B. N. de Madrid e no Museu Britânico.

Frontespício todo gravado, reproduzido no *fac-simile* inserto no cap. iv.

As EGLOGAS DE / FRANCISCO / RODRIGVES LOBO. O resto do frontespício é ocupado por uma estampa alegórica, gravada a traço fino: ao centro, dentro duma cercadura elíptica, um bando de pombos e um morcego, voando sobre píncaros de montanhas, com a letra no alto — *Volavit in lucem*; em baixo, entre duas cornucópias de frutos: *Impresso co' licenca* (sic) *em L.^xa por pedro / Crasbeeck co' preuilegio ao 1605*; a sigla do gravador no fundo *P. P. Fe*; de cada lado, uma árvore, com seu pastor de cajado.

Dim. 18, × 12,4 = In-4.^o = II fls. prelim. s. n., 114 fls. num. pela frente — Sig. A-FF, todas de 4 fls., menos a última de 2. = In-fine: *Soli Deo Honor, / & gloria.*

Na fl. prel. II vem a informação de fr. Manuel Coelho: «vi estas eglogas de Francisco Rodrigues Lobo, não tem cousa algũa contra a nossa Santa Fé e bõs costumes, antes mostra o autor nellas agudeza, & artificio, & de baixo do estilo pastoril ensina muitas verdades». Seguem-se duas licenças de impressão, uma de 9-11-604, outra de 8-3-605. No verso da fl. II a concessão régia de privilégio por dez anos por despacho de 8-3-605. A fl. I do texto abre pelo *Discvrso sobre a vida, e estilo dos pastores.*



O PASTOR PEREGRINO. — Da 1.^a ed. de 1608 dispõem a B. da U. de Coimbra, o Mus. Brit. e a B. N. de Madrid que possui nada menos de 3 exs.

Portada orlada.

O PASTOR / PERIGRINO / DE FRANCISCO / RODRIGVEZ / LOBO / *Segunda Parte da sua Primavera / Offerecido a DOM LVIS / da Sylueyra, Senhor da casa de / Sortelha, & guarda-mór de sua / Magestade.* (Vinheta tipográfica). EM LISBOA, / *Com licença do S. Officio & do Ordinario / Por Pedro Clasbeeck* (sic), Anno / *de 1608.*

Dim. 21,2 × 12,5 = In-8.^o = IV fls. prelim. s. n., 160 fls. num. pela frente — Sig. A-X, de 8 fls., menos a última de 4 fls. = In-fine: *O louvor a Deos.*

No *Cat.* da Academia vem como impressor António Álvares,

O PASTOR
PERIGRINO
DE FRANCISCO
RODRIGUEZ
LOBO.

Segunda parte da sua Primavera.

OFFERECIDO A DOM LVIS
da Sylueyra, Senhor da casa de
Sortelha, & guarda môr de sua
Magestade.

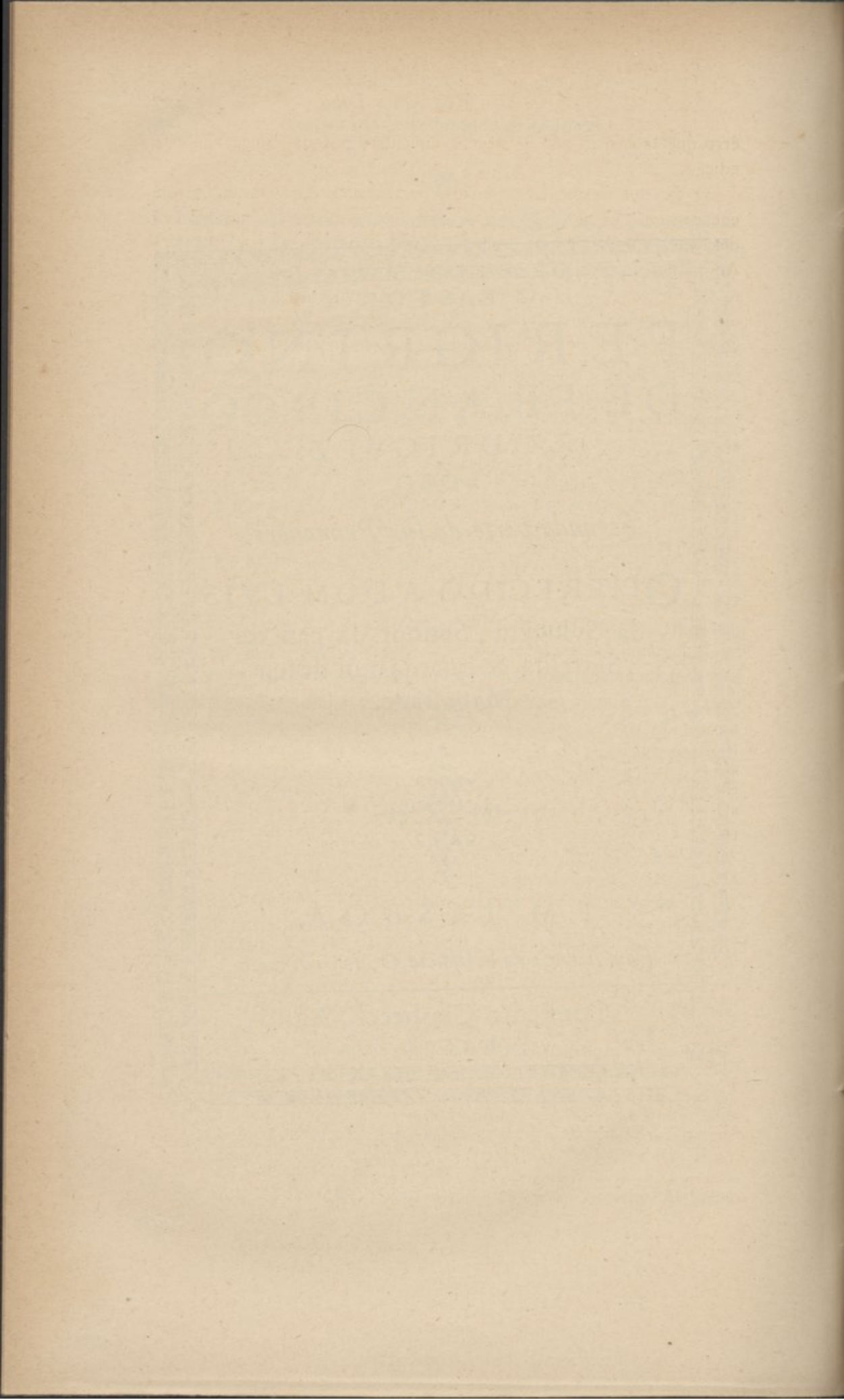


EM LISBOA,

Com licençã do S. Officio, & do Ordinario.

Por Pedro Clasbeeck, Anno
de 1608.

*Officio do Senhor da Casa
de Sortelha, no Real
Castello de Lisboa.*



êrro que Inocência não conseguiu dilucidar, porque nunca viu esta edição.

O ex. que tivemos entre mãos, pertenceu a Ag. Duran, e está encadernado, como já dissemos, com a 2.^a ed. da *Primavera*. O despacho de informação é de 21-2-608; o parecer de fr. Luís dos Anjos, datado de S. Francisco de Enxobregas em 27-4-608, diz «que na forma em que vai ordenada, mostra o autor a abilitade e engenho que costuma em suas obras». Licença do Paço de 10-6-8, e summa do privilégio por dez anos, da mesma data. Segue a dedicatória a D. Luís da Silveira ¹ (v. cap. iv). No verso da fl. iv lê-se: *Sam*

¹ A DOM LVIS DA SYLVEIRA, SENHOR DA CASA DE SORTELHA, & GUARDA MOR DE SUA Magestade. / Qvem para acreditar suas obras busca a v. m. prezo & desterrado, bem mostra que conhece o valor de seu grãde animo, & que confia delle, não só preualecer contra as aduerfidades & encontros da Fortuna, mas amparar & deffender aos perseguidos della, & a lhes dar valia & confiança, com que fação rosto ás femrazões com que ella pretende acanhar os poderes da Natureza. E pois v. m. a esta té mayor obrigação, como morgado de todos os bens, & graças que ella tinha: bem he que tome a empreza á sua conta, & que desse castello disbarate já agora esta descuberta inimiga: que posto q̄ lhe faça guerra de prizão tam apertada, o lugar estreito não limita os pensamentos generosos, nem o mais subido aleuanta aos que de sua natureza são acanhados: que o gigante deitado em hũ poço, sempre he grãde: & o enaõ subido em hum outeiro, sempre he piqueno. V. m. se ouue de maneira, que cõ o vento contrario da ventura, afsim soube nauegar em seus perigos, que os venceo, vzando do castello de Lisboa, como de hũa praça, onde sua Magestade o tinha para de nouo grangear credito & fama. Nella deu v. m. ás armas tãta honra, tanto alento e fauor aos soldados & fez tanta inueja a seus mayoraes, que não deue estranhar agora que o busquem as Mufas, & o grangee para deffenfor este meu pastor Perigrino, que desterrado & offendido, se apparta da cidade, & pollas aldeas e desertos vai ouuinlo cuidados alhéos, entretendo os proprios, & achando em todos o mesmo queixume. Por perigrino lhe deue v. m. por os olhos com brandura: porque alem de este estado mouer mais aos peitos illustres, he v. m. tão perigrino em partes e feições como elle o é no trajo & nos lugares: Como desterrado lhe tem v. m. obrigação, pois tambem está ausente de sua patria, portanto á custa della, que pode dizer o que Diogenes respondeo aos de Ponto que o desterraraõ: que se elles o condenauão a desterro, elle os condenaua a viuerem sem Diogenes. Que soldado? que cortesão? que homem de partes auera? naquellas em que v. m. he conhecido, que não deseje sua presença, e sinta a falta della, & aja por sua a offensa que v. m. recebe: senão sôr a inueja lhe tire o conhecimento desta razão: Eu que as tenho tanto mayores de confessar esta diuida, quãto de mais perto recebi fauores & merces de v. m. pois não posso mostrar este conhecimento, & o meu desejo por outra via, offereço a v. m. esta hystoria de males differêtes, porque á vista delles, tenha dos seus menor sentimento. Aceite v. m. as mostras desta vôtade em lugar de maiores feruiços, que eu tenho cõfiança que sempre esta polla cau a alcãce merecimento ante v. m. a quem Deos Guarde:

De Leiria, em 20. de Nouembro de 607.

Francisco Rõiz Lobo.

impressos do Autor os liuros seguintes / Os Romances / As eglogas / A primavera / O Pastor perigrino.

Os nossos bibliógrafos falam duma 2.^a ed. que nunca viram, e que Salvá enumera no seu *Cat.* Desesperava já de encontrar esta ultra-raridade, quando tive a boa fortuna de topá-la e manuseá-la na B. N. de Madrid.

Portada orlada.

O PASTOR / PERIGRINO / DE FRANCISCO RODRI- / GVEZ LOBO / Segunda parte da sua Primavera / Offerecido a DOM LUIS DA SYLUEIRA, Se- / nhor da casa da Sortelha e guarda / mor de sua Magestade. Vinheta com a inscrição: *Vias tuas Domine demonstra mihi. Em Lisboa / Com todas as licenças neccessarias / Por Antonio Aluarez. Anno de 1618 / Á custa de Domingos Martins Mercador de liuros.*

Dim. 21,2 × 12,5 = In-8.^o = IV fls. prelim. s. n., 160 fls. num. pela frente — Sign. A-X, menos a última de 4 fls. = In-fine: *O louvor a Deos.*

A informação é de 8-6-618, a licença de 19-6, e a taxa de 29-11. Traz privilégio por 10 anos para a *Primavera* e *Pastor Peregrino*. Insere a dedicatória e mais um rol de edições: *Sam impressos do Autor os liuros seguintes: / Os Romances / As Eglogas / A Primavera / O pastor peregrino / O Desenganado / O Condestable / As Elegias ao Santissimo Sacramento.*

Esta 2.^a ed. é traslado intacto da 1.^a.

Puderia induzir-se uma 3.^a edição ao lêr na edição póstuma do *Pastor Peregrino* de 1651: «de novo emendada e acrescentada nesta terceira impressão pelo mesmo autor», o que deve ter-se como barbicacho copiado e repetido da 3.^a ed. da *Primavera*.



O CONDESTABRE. — Sumido da B. N. de Lisboa, encontra-se nos Arquivos da Torre do Tombo e nas livs. Palha e Fernandes Tomás. Possuem-no também as Bbs. de Coimbra e Pôrto, assim como as de Madrid e do Museu Britânico. O frontispício é todo de boa gravura em cobre com o braço floreado dos Braganças, reproduzido em *fac-simile* no cap. III.

Portada orlada.

O CONDESTABRE DE PORTUGAL / D. NYNO ALURES / PEREIRA / DE FRANCISCO RODRIGES LOBO / Offerecido Ao Duque dom Theodosio segundo deste nome, Duque de Bragança, / & de Barcellos, Marques de Villauisosa, Conde de Ourem, de Arrayolos, de, / Neiva, & Penafiel Senho de Monforte Montealegre e Villa decomde, / Conde estabre destes Reinos e Senhorios de Portugal. Segue-se o braço enramado. Em Lisboa.

Com as licenças necessárias por Pedro Crasbeeck. Anno 16010. Ao canto inferior direito a sigla do gravador Antonio pint. exculp.

Dim. 19,3×13,2=In-8.º=IV fls. prelim. s. n., 314 fls. num. pela frente — Sig. A-Q, todas de 8 fls. menos a última de 10 = In-fine: *Lavs Deo*.

Como se vê, o rosto tem não poucas gralhas, sendo a mais reparável a da data — 16010 em vez de 1610. Inocêncio fala duma edição de 1609 por a vê registrada em Fr. Manuel de Sá (*Mem. hist. dos escrit. da Ordem do Carmo*, 1727). Com efeito, ao falar de Nunalvares, cita o frade o *Condestabre* do Lobo, publicado em 1609 por Pedro Crasbeeck com o retrato do heroe acompanhado dum epigrama latino. É manifesto equívoco de data.

O exemplar que tenho presente, pertencente à liv. Palha, tem a rubrica manuscrita do possuidor *J. A.º de Sousa de Brito*.

A fl. prel. II traz a informação de 23-7-608, dada pelo graciano D. fr. António Freire, por mandado do bispo Inquisidor-mór D. Pedro de Castilho. As licenças para imprimir são de 29-7-608 e de 9-8-608. A do S. Offício para imprimir traz a data de 18-1-610, no que há equívoco em face da licença seguinte de 9-608 e da taxa para correr depois de impresso, que vem no verso, datada de 28. Na fl. III vem a breve dedicatória a D. Teodósio¹, datada de Leiria em 20-6-609. A fl. IV insere o retrato do Condestável, já em figura de frade carmelita a rezar numas contas. É uma gravura fina em cobre, reproduzida em *fac-simile* no cap. IX; tem no canto direito do alto P. P. f.², e por baixo o epigrama latino, que também transcrevemos (*ib.*).

¹ AO DUQUE DOM / THEODOSIO, &c. / Esta Historia do valeroso Capitão, & Religiofo fenhor, O Condestabre Dom Nuno Alures Pereira, por sua deue fer de V. Excellencia fauorecida, & de todo o mundo respeitada: & posto que feus gloriosos feitos pedião hum engenho dino de tão grande empreza, nem o podia auer tal que a merecesse, nem as faltas de meu estylo, lhe podem tirar merecimento: mormente quando V. Excellencia lhe puser os olhos, que bastara paraque leue tras si os de todos. Noffo Senhor guarde a V. Excellencia por muitos annos. De Leyria em 20. de Mayo de 1609.

Francisco Rodriguez Lobo.

² O gravador é Pedro Perret ou Pereto, como se vê das indagações agora feitas sobre a *Iconografia de Nunálvares* (publicação de Alberto de Sousa e Mário Salgueiro, 1917, com os trabalhos de José de Figueiredo e de Júlio Dantas). Como já dissemos, esta gravura é manifestamente imitada da xilografia que orna a *Crónica*, apenas com a adição da mão e do rosário. O retrato primitivo do condestável, mandado pintar no século XIV pelo Duque de Bragança D. Afonso, e existente na sacristia do convento do Carmo, foi destruído pelo terremoto (*ib.*). José de Figueiredo crê que seria do punho de António Florentim, pintor de D. João I — o

Não consta nenhuma outra edição durante a vida do autor. A 1.^a reimpressão é a do Jorge Rodrigues em 1627.



O DESENGANADO:—Teem-no a B. da U. de Coimbra e a N. de Madrid em duplicado; faz parte da liv. Cabral, hoje na posse do conde de Sucena, e encontra-se também um exemplar sem frontespício na liv. de José Pessanha.

Portada orlada.

O DESENGANADO / DE FRANCISCO / RODRIGVEZ / LOBO / *Terceira Parte da sua Primavera* / OFFERECIDO A / *Dom João Lvis de Meneses, & / Vasconcellos, Senhor da Villa / de Mafra.* Vinheta, um vaso de flores. EM LISBOA / *Com todas as licenças, & Priuilegio. / Por Antonio Alvarez,* Anno 1614.

Dim. 20,5 × 12,5 = In-8.^o = IV fls. preliminar., 153 fls. num. pela frente— Sig. A-R, de 8 fls., a última de 5 = In-fine: *Soli Deo Honor & Gloria / Com as licenças & aprouações necessarias / Em Lisboa, Por Antonio Alvarez / Anno 1614.*

A informação do dr. Fr. António Freire de 26-6-613, diz: «he liuro de muito engenho e curiosidade, com que não só será de muita recreação em suprimimento doutros della que se não deixão ler, mas ainda de proveito em muitas materias moraes». A licença de imprimir é de 8-7-613; tem alvará de privilégio para as 3 partes da *Primavera* de 19-7-613. Segue a dedicatória a D. João Luis de Meneses e Vasconcelos¹ (v. cap. iv), datada em Leiria a 20-5-613.

que tem de aceitar-se como uma suposição plausível. A xilografia da *Crónica* derivaria dessa tábua, assim como o retrato seiscentista a óleo, existente na Casa Pombal, que o mesmo crítico atribue ao Mestre de S. Bento.

Há um lado médico neste retrato — a torção da boca para a esquerda, que, embora menos sensível, se mantém nas gravuras derivadas do original. Notou-o José de Figueiredo, procurando comentá-lo patologicamente. Alvitra a possibilidade dum ataque apoplético, entroncando-o nos seus «caracteres dum congestivo, que sofria de vertigens». As vertigens, aliás em idade pouco avançada, diriam melhor com a nevrastenia (vid. cap. ix). Estas exegeses médico-históricas são muito espinhosas, e difíceis de profundar. A semelhança que me dá a facies retratada, é a duma paralisia facial à direita; mas não dou nada por esta nosografia. A tortura da boca mostra-a muita gente sã, como dismorfia natural e corrente; o pintor exageraria essa distorsão, e quem sabe até se não seria mera descaida do seu pincel. Êstes primitivos não eram certos a debuxar o corpo humano; erravam proporções, linhas e gestos.

¹ A D. IOÃO LUIS DE MENESES, E VASCONCELLOS, SENHOR DA VILLA DE MAFRA. / Dedicado a V. M. esta Terceira Parte da Primavera por ser o Liuro mais desejado

O DESENGANADO
DE FRANCISCO
RODRIGVEZ
LOBO.

Terceira Parte da sua Primavera.

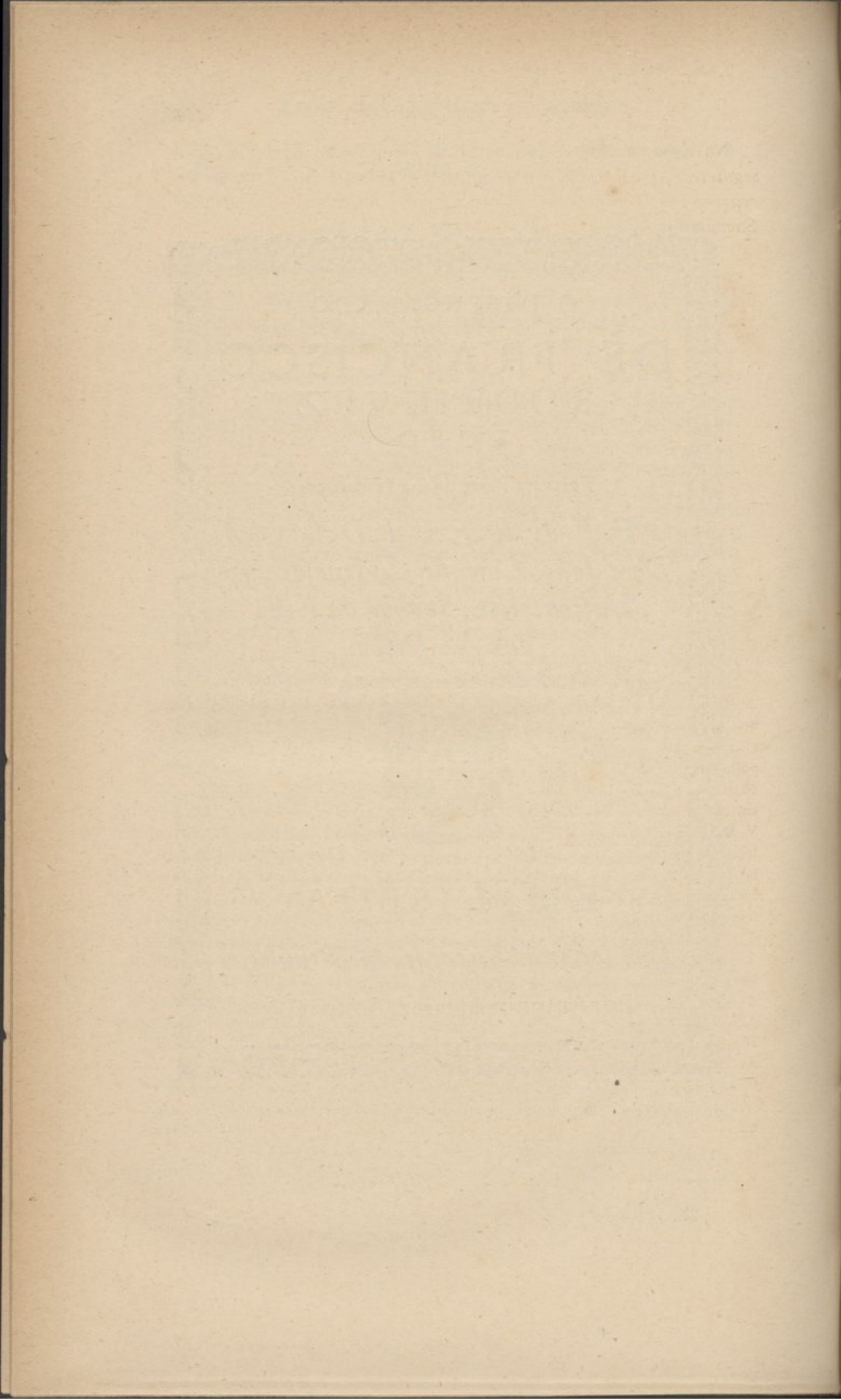
OFFERECIDO A
Dom João Luis de Meneses, &
Vasconcellos, Senhor da Villa
de Mafra.
de Carmelitas descalços de Sombra.



EM LISBOA.

Com todas as Licenças, & Privilegio.

Por Antonio Alvarez, Anno 1614.



No verso da última fl. preliminar: *Sam impressos do autor / os liuros seguintes: / Os Romances / As eglogas / A Primavera / O Pastor Peregrino / O Defenganado / O Condestabre / As Elegias ao Santissimo Sacramento /*



EUFROSINA. — Da célebre comédia do Jorge Ferreira de Vasconcelos fez edição emendada Roiz Lobo por amor à obra e à língua. É livro raro de que se encontra amostra na B. N. de Lisboa (2 ex.), na B. M. do Pôrto, e na Liv. Palha:

COMEDIA / EUFROSINA. / *Nouamente impressa & emendada. / Por Francisco Roiz Lobo. / OFFRECIDA A / Dom Gastão Coutinho. /* Vinheta, um vaso de flores. *Em Lisboa, com Priuilegio. / Com todas as licenças & aprouações necessarias. / Por Antonio Aluarez. Anno 1616. / Taxado a 140 reis em papel.*

Dim. 13,2×9,1 = In 8.º = IV fls. preliminar. s. n., 223 fls. num. pela frente = Sig. A-Ee, todas de 8 fls. = In-fine: *Laus deo / Tarja. Em Lisboa / Com todas as licenças necessarias. / Por Antonio Aluarez. / Anno 1616.*

Informação de 15-5-616, em que o fr. Diogo Ferreira diz que o livro foi emendado pelo licenciado Roiz Lobo «& com as emendas que tambem lhe fiz», licença para imprimir de 15-7-616, taxa de

de minhas Obras, q̄ pois não posso pagar as com que V. M. me honrou se não com defejos, quero valerme dos alheos, para acrescentar valia á minha satisfação: & assim confesso, que estou mais obrigado aos que procurarão, esta parte de Historia, polla ocasião, que me derão de a offerer a V. M. que pollos fauores, & louuor cõ que acreditarão a Primeira, & Segunda. Nesta ponha V. M. os olhos, como em coufa sua, lembrandosse, que tambem o he o Autor: & desta maneira, nem a V. M. ha de decontentar, como costumão as coufas proprias, nem poderão preua-lecer contra ella as cêsuras alheas: O fer defensor della deue V. M. mais a quem he, que ao que me deue, pois sempre aos q̄ são grandes por animo, & nascimento forão encomendados os escritos dos ingenhos da sua idade. Quão grande V. M. seja por ambas as vias, podera eu aqui dizer, se escreuendo a V. M. me fora licito tratar de seus proprios louuores: mas deixando os pertos, que eu sey delles para se ouirem com os longes de minha pena, podera eu aqui empregar na clareza de Sangue, Grandeza de espirito, & Obras de immortal esforço de seus Illustrissimos Auós, Ramos, saídos ha tantos annos da Casa Real deste Reyno, que já a Coroa delle os affombrou de muy perto. E ainda nisto tinha tanto, que dizer, que faria esta carta mais comprida, que o Liuro, que offereço, se ouesse de tratar, como deuo de seu valor: porem se o tempo á meus intentos der lugar não o terá piqueno esta lembrança, em penhor da qual aceite V. M. agora debaxo de seu amparo ao meu Defenganado, que estando de todos os fauores da Ventura, busca o de V. M. a quem nosso Senhor guarde, por muitos felizes annos.

de Leiria 20. de Mayo de 1613.

Francisco Roiz Lobo.

17-10-616. Dedicatória a D. Gastão Coutinho ¹ (v. cap. iv), datada de Leiria em 2-9-616.

E a 3.^a ed. da comédia. Da que se julga a 2.^a, há o único exemplar conhecido na liv. Palha.



CÔRTE NA ALDEIA. — Saída do prelo em 1619, existe nas Bbs. de Lisboa, Pôrto e Coimbra, e lá fora nas de Madrid e Londres.

O meu saudoso amigo Fernandes Tomás encontrara há anos

¹ A DOM GASTÃO COUTINHO. / PROLOGO. / Ainda que todas as coufas prohibidas, obrigação a vontade a procurallas, mais que outras a que não poem preço a difficuldade, & sempre o nosso defejo se esforça ao que lhe defendem, o que V. M. mostrou de ler esta Comedia Eufrosina, (quando na sua quinta do Carualhal me tratou della) não tinha por sy fômente esta razão, porque mais que todas a obrigava a excelencia da sua linguagem, a propriedade de suas palauras, a galantaria de seus conceitos, a verdade de suas sentenças, a agudeza, & fal de suas graças: & sobre tudo ser Liuro tanto em fauor da lingua Portugueza, que todos os seus afeiçoados o erão a elle; & tinham magoa de não poderem vfar com liberdade da sua lição, por alguns descuidos, e erros que nella auia.

Agora, que de nouo fae ao mundo, emmendada, ou (para melhor dizer) restituída por my á impressão, a offereço a V. M. dando este piqueno seruiço de final d'outros mayores, que ainda espero fazer: Nos quais não só V. M. mas todos os do seu Illustrissimo appellido, fiquem obrigados, & deuedores á minha; que se a ventura der occasiões, como o valor de V. M. nos da esperanças, não lhe faltarão a ella muitas de ficar mais famosa, & mais engrandecido o Castello de S. Martinho de Mouros que a V. M. ficou como reliquia da antigua Casa dos Condes Marialua seus Auós que acrecentado com titulos de mayor grandeza eternizarão a memoria de suas honradas mortes com obras viuas de seu braço, lembrando ao Mundo juntamente, que desde o Conde Dom Gonçalo Coutinho, quarto Auó de V. M. té o senhor Dom Henrique, seu Pay, q̄ catiuou na batalha de Alcaçar, todos os descendentes, que o forão por linha masculina, morrerão armados contra infieis, & merecerão com o preço de seu sangue, alem da glória, a que deixarão a seus Succesores na voz da fama. E se desta se descuidassem os Escriitores, ainda por outro caminho lhes ficaua hum campo muy largo na vida daquelle grande Diogo Soares de Melo, Bisauó de V. M., monstro de atreuimento, & de fortuna, que entre tão remotas nações só por o valor de sua pessoa, sem outro exercito, nem armada foy Rey da Monarchia do Pegú. E se por outra linha (em que algũs mal aduertidos cuidarão, que se adalgassara esta familia, ouuessem de tecer os modernos noua historia, deuida era, a outro tres Bisauó de V. M. Lopo Barriga que na Africa deixou tão admiravel fama q̄ se não adiantou da sua nenhum, da que por suas obras tomarão o celebrado nome de Africanos. Emquanto isto tarda, de V. M. lugar a meus defejos nesta piquena offerta, & ao tempo para outro mayor emprego. Nosso Senhor guarde a V. M. muitos annos, de Leiria 2. de Setembro de 1616.

Francisco Rõiz Lobo

num exemplar da *Côrte na Aldeia*, pertencente a Eduardo Rego do Pôrto, o retrato de Roiz Lobo que teve o cuidado de mandar reproduzir. Pela morte do seu possuidor o livro foi vendido num alfarabista. Dessa reprodução esmerada é que fizemos tirar o *fac-simile* que vai na testada.

Examinei e mandei examinar os exemplares de que sabia o poiso, sem enxergar tal retrato, donde conclui que foi luxo raro de que só parte da edição logrou. Até que o caso se me desvendou ao cotejar os dois exemplares da B. N. de Madrid. Houve de facto duas tiragens diversas da *Côrte na Aldeia*: uma, edição de luxo, com frontespício impresso e com retrato; outra, edição ordinária, com rosto simplesmente impresso e sem retrato. Duma e doutra há em Madrid exs. integros:

Edição de luxo:

Frontespício inteiramente e finamente gravado em cobre, inserto já em *fac-simile* no cap. III.

CORTE / NA ALDEA, E / NOITES DE INVERNO DE / FRANCISCO RODRIGUEZ / LOBO / OFFERECIDO AO SENHOR DOM DVARTE / Marques de Frechilha, & de Malagão / Brasão do Marquês todo floreado. Em Lisboa, por Pedro Crasbeeck Anno 1619.

Segue-se a fl. das licenças; entre esta e as fls. da dedicatória está o retrato, onde se nota no alto a divisa — *etiam in siluis* — e em baixo a sigla do gravador.

Está encadernado em pergaminho com filetes dourados; *Corte en la aldeia* na lombada.

Edição ordinária:

Frontespício simplesmente impresso.

CORTE / NA ALDEA / E NOITES DE IN- / Verno de FRANCISCO / RODRIGUEZ LOBO. / Offerecido ao Senhor Dom / Dvarte Marques de Franchilla & de Malagão. / Armas do Marquês gravadas em madeira. Em Lisboa / Com licença, por Pedro Crasbeeck. Anno 1619.

Dim. 18,5 × 12,7 = In-8.º = V fls. prelim. s. n., 161 fls. numer. na frente — Sig. A-V, todos de 8 fls. sendo a última de 7. = In-fine: FIM. / O louuor a Deos, & á Virgem / Sanctiffima.

No rosto da primeira o título do marquês é Frechilha, deturpado na segunda em Franchilla. O exemplar da B. N. de Lisboa tem a portada de luxo, mas falta-lhe o retrato; pertenceu á liv. de D. Francisco Manuel. Na Liv. Monteverde havia exemplar da ordinária. No resto das fls., tanto preliminares, como de texto, as duas edições são idênticas.

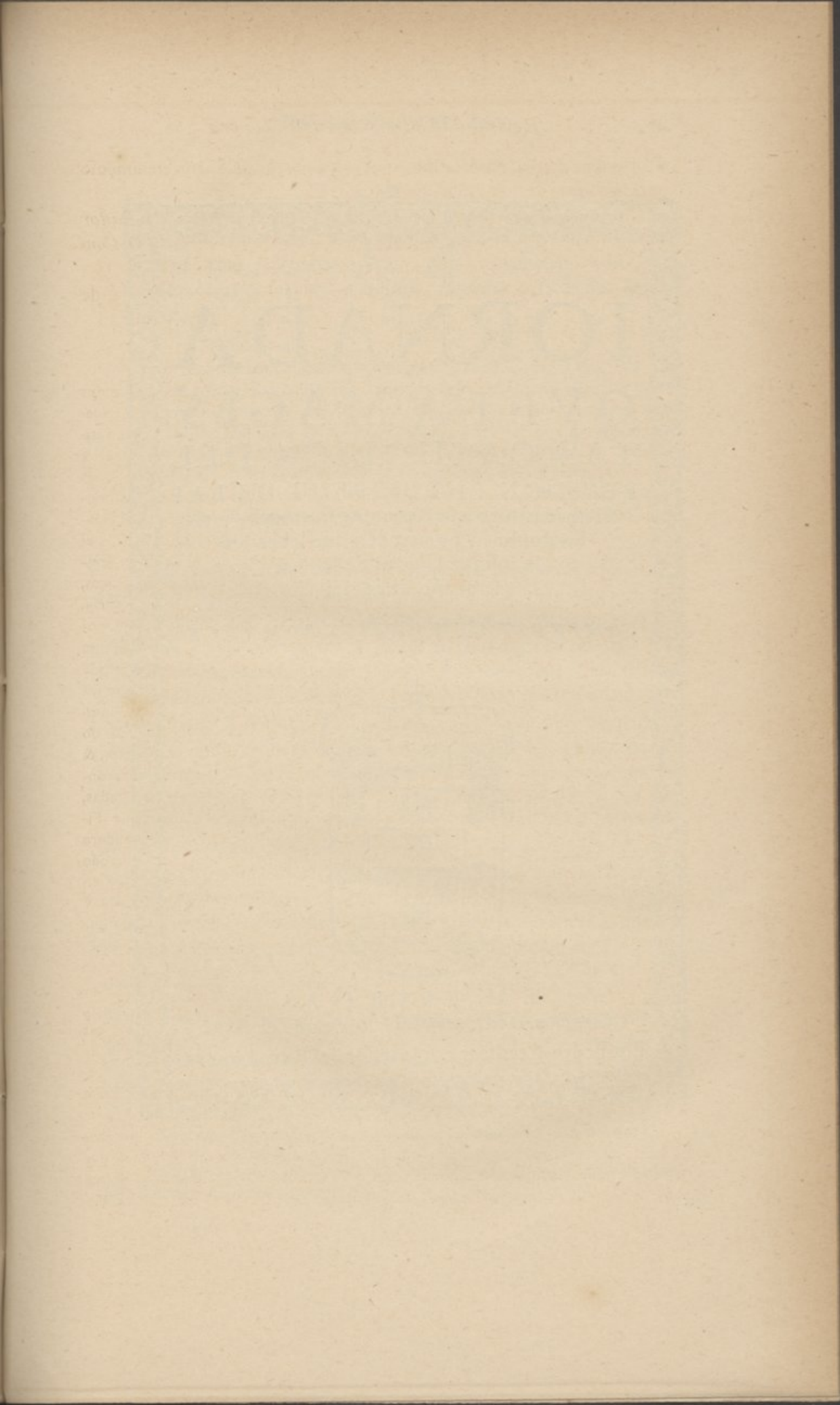
Informação de 1-9-617, licenças para imprimir de 8-2-618, licença para correr de 8-4-619, taxa de 23-5-619, em que fr. Tomás de

S. Domingos diz parecer-lhe «que será de grande entretenimento para os curiosos dos estilos de Corte».

Liuros que são impresos do Autor. A Primavera. / O Pastor Peregrino. / O Defenganado. / As Eglogas. / Os Romances. / O Condesftabre. / As Elegias de deuação. / A Corte na Aldea.

Segue-se a dedicatória ao D. Duarte de Bragança¹, datada de Leiria em 1-12-1618.

¹ AO SENHOR DOM DVARTE MARQUEZ DE FRECHILHA E DE MALAGAN. / Depoys que faltou a Portugal a Corte dos Serenissimos Reys, ascendentes de V. Excelencia (da qual as nações estrangeiras tinhão tão grande fatisfação, & as vesinhas tão igual inueja) retirados os titulos polas Vilas, & lugares do Reyno, & os Fidalgos, & cortefãos por suas quintãas, & cafaes, vierão a fazer Corte nas Aldeas, renouando as faudades da passada, com lembranças deuidas a aquella dourada idade dos Portugueses, & até V. Excelencia que na de Hespanha podia aventajar de toda sua grandeza; escolheo para morada essa cidade de Euora, que ja el Rey Dom Ioão, com o Iffante Dom Duarte auô de V. Excelencia, & os mays Principes seus irmãos habitarão, cujos caydos muros, & edificios, desamparados Paços, & incultos jardins, parece que agradecidos á assistencia, & faoures de V. Excelencia, refuscitão agora: & não sómente os Mosteiros antigos, a que faltaua aquella nobreza, que os engrandecia, se reedificarão á sua fombra, mas ainda encostados ao amparo della, se fabricarão outros de novo, com mayor perfeição. Com a mesma confiança busca a V. Excelencia esta Corte de Aldea composta dos riscos e fombas que ficarão dos cortefãos antigos, & tradições suas; para que V. Excelencia a ampare, como protector da lingua, & nação Portuguesa, honre como reliquia do sangue Real deste Reyno, & acredite como espelho, & exemplo das virtudes, & partes soberanas dos Principes passados. Aqui offereço a V. Excelencia hũa conuersação de amigos bem acostumados, hũas noites de Inuerno, melhor gastadas, que as que se passão em outros exercicios perjudiciaes á vida, & consciencia. Finalmente hũa Corte, que como bonina do mato, a que falta o cheiro, & a brandura das dos jardins, ainda que na apparencia, & cores a queira contrafazer he com tudo differente. Se os ditos destes aldeãos, cheirarem a Corte; acreditarão o titulo do liuro: & se foubarem ao monte, tambem nelle se confessa por Corte de Aldea: & com muyto mayor razão o será quando chegar á vista de V. Excelencia, em que se podem reformar de policia, as que são na Hespanha mays apuradas. V. Excelencia a ampare com sua humanidade; lembrandose, que como não pode auer Corte sem Principe, que esta o não podia parecer, sem que tiueffe por sy a V. Excelencia; & que como em noites de Inuerno, ficará muyto ás escuras este liuro, sem a luz, & graça que espera communicar de sua clareza. E se algüem me julgar por atreuido em tratar de coufas de Corte, nascendo em idade, em que já a de Portugal era acabada; sabendo que na de V. Excelencia fuy muytas vezes fauorecido de merces suas & honrado com ellas na do Excellentissimo Senhor Dom Theodosio irmão de V. Excelencia, não condenará minha oufadia com justa razão, & achará algüas com que dê a estes Dialogos merecimento que posto que lhes faltem muytos para ferem oferta digna de tão grande Principe, neste pouco que pode dar por fruyto o meu engenho, pago com a vontade o em que para outras obras faltarão a natureza, a arte, & a ventura: & ante quem em tudo he tão



L A
IORNADA
QVE LA MAGES
TAD CATHOLICA DEL

REY DON PHELIPPE III. DE LAS
Hespañás hizo a su Reyno de Portugal; y el
Triumpho, y pompa con que le recibió
la insigne Ciudad de Lisboa
el año de 1619.

COMPVESTA EN VARIOS ROMANCES
per Francisco Rodrigueꝯ Lobo.



E M L I S B O A..

Com licença da S. Inquisição, Ordinario. & Paço.

Por Pedro Crasbeeck Impressor del Rey. An. 1613



A JORNADA. — A *Jornada*, saida em 1623, existe nas Bibs. de Lisboa (2 exs.), Ajuda, Coimbra e Pôrto; figurava também na Liv. Fernandes Tomás; tem-na o *British Museum* e a B. N. de Madrid (3 exs.)¹.

Portada orlada.

LA / JORNADA / QUE LA MAGES / TAD CATHOLICA DEL / REY DON PHELIPPE III. DE LAS / Hespañas hizo a su Reyno de Portugal; y el / Triunpho, y pompa con que le recibió / la insigne Ciudad de Lisboa / el año de 1619. / COMPVESTA EN VARIOS ROMANCES / por Francisco Rodriguez Lobo. Armas de Portugal. EM LISBOA / Com licença da S. Inquiisição, Ordinario, & Paço. / Por Pedro Crasbeeck Impressor del Rey. An. 1623

Dim. 19,3 × 12,0 = In-8.º = II fls. prelim. s. n., 92 fls. num. pela frente — Sign. A-M, todas de 8 fls., a última de 4 fls. = In-fine: *Soli Deo Honor, & Gloria.*

A informação é de 18-11-621, subscrita pelo fr. Tomás de S. Domingos, aplaudindo a obra do licenciado que «tem tanto artificio e curiosidade que bem corresponde a galantaria & preço delles á curiosa & antiga fabrica dos Arcos & Architectura, o que não pode ser sem muito engenho como se vê na variedade dos Romances, & muito mais nos termos & modos proprios com que se accomoda ao que descreue, & declara: pelo que julgo a obra por muy digna de estampa, & que resultará della á nação Portuguesa a gloria que em semelhantes poesias se pode esperar». Licença final para imprimir de 23-4-622; taxa de 27-2-623; conf. ao original, 2-3-623.

Sabia pelo académico Ferreira Gordo (*Apontamentos para a história de Portugal, coligidos dos ms. que existem na bib. Real de Madrid, etc.*, 1790, in *Mem. da Academia*, v. III) que em Madrid se encontrava um exemplar ms. da *Jornada*, o qual, segundo sua informação, pertencera ao conde-duque de Olivares. Vi a que supponho ser esta notável peça. Está cuidadosamente encadernada em perga-

grande, nada o pode parecer senão esta confiança, fundada na benignidade com que V. Excelencia sempre authorizou minhas obras, que me assegura que assim aceitará agora este piqueno feruiço, poys não he menor grandeza obrigar-se dos humildes que fazer a todos grandes merces. Nosso Senhor guarde a V. Excelencia muytos annos, de Leiria a 1. de Dezembro de 1618.

Francisco Rodrigues Lobo.

¹ Na livraria Manuel dos Santos está neste momento (10-17) á venda um exemplar ao preço de 35\$000 reis.

minho e dourada por fôlha, com o titulo na lombada de — *Viage del Rey D. F. 3.º a Portugal de Fran. Roiç Lobo*. Conserva ainda a implantação de ataduras de seda de côr. Nas 322 fls. encontra-se o texto idêntico ao da *Jornada* impressa. No frontespício ficou a nota dum dos seus possuidores transactos: *ex Bibliotheca—D. André Gonzales Barrera Carvallido Vega—1706*.



EDIÇÕES PÓSTUMAS.—Quantas pudemos arrolar, vão no quadro junto, que indica ao mesmo tempo o respectivo paradeiro. Apesar de numerosas, não é possível assegurar que esteja completa a lista. Ainda no decurso do nosso trabalho, topamos uma completamente desconhecida, a de 1704, posta à venda num alfarrabista da Calçada do Combro e por nós adquirida. Desfizemos lapsos e dúvidas sôbre algumas destas edições, a respeito de cujos méritos nos pronunciamos no cap. XIII.

Mostra a lista séries edicionais da *Côrte* e da *Pastoral*: tais a de 1649-51 da oficina de António Álvares, a de 1670 de António Crasbeeck de Melo. Seguiu-se a recopilação de 1721-22 em 2 tomos, a de 1723 em volume único, a mais compendiosa, e emfim a de 1774 em 4 tomos¹. É natural que outras tenha havido: em casa de P. Crasbeeck imprimiu-se em 1630 a *Côrte* e em 35 a *Primavera*; em 1695 a *Côrte* e em 1704 a *Primavera* na oficina de Pedroso Galvão; ora é natural que a estas impressões se succedessem o *P. Peregrino* e o *Desenganado*, de que aliás não encontramos vestígios.



VERSÕES ESPANHOLAS.—As traduções já apontadas (cap. I) do Morales, e de que nos ocupamos de espaço no cap. XIII, abrangem a *Côrte na Aldeia* e a *Primavera*; o *Pastor Peregrino* e o *Desenganado* chegaram a ser vertidos pelo benemérito montilhana, mas não consta que fôsem impressos.

A *Primavera* castelhana é livro dos mais raros; escapou aos próprios Salvá e Galhardo. Há-o em Madrid na B. N., e em dupli-

¹ São estas duas últimas edições as que aparecem com mais freqüência no mercado, sendo a mais estimada a de 1723. Estão a subir de preço, mormente com a alta prodigiosa dos livros velhos, promovida pelos alfarrabistas e ajudada pela fraqueza perdulária dos coleccionadores.

cado; só sei de mais outro que pára hoje em minha mão. Pertenceu ao conhecido bibliófilo Marqués de la Fuensanta del Valle de que tem colado na capa o *ex-libris* brasonado. Adquiriu-o no espólio do titular a casa alfarrabista — Viuda Rico —, que o inscreveu no seu catálogo pelo preço de 60 pesetas. Tendo incumbido da sua compra



o meu estremado amigo Dr. Montaldo, a casa recusou a venda, dizendo tê-lo pôsto à disposição do conhecido escritor E. Cotarello que projectava fazer uma reprodução fotográfica da preciosa raridade para a R. Academia Española. Até que emfim o meu fraternal amigo Prof. Augusto de Vasconcelos, nosso representante na côrte de Madrid, me trouxe, à volta da sua primeira missão em 1911, como mimo de *recuerdo*, a cubiçada *Primavera* do lusitanizante Morales.

Portada orlada, abrangendo no alto a palavra *Traducion* e em baixo o milesimo.

TRADUCCION / DE LA PRIMAVERA DE / *Francisco Rodriguez Lobo.* / Por *Juan Batista Morales.* / A / DON PEDRO DE CARDE- / NAS, Y ANGVLO. / &C. Ao meio as armas orladas do fidalgo preiteado. CON PRIVILEGIO REAL / *Impresso en Montilla por su Autor.* / Año de M.DC.XXIX.

Dim. 14,3 × 9,0 = In-8.º = VIII fls. prelim. s. n., 256 fls. num. na frente — Sign. A-li, todas de 8 fls. = In-fine: *Soli Deo honor et gloria.*

Nas fls. prelim. a *Suma de la Tassa* de 15-1-629; a *Del Privilegio* por 10 anos para as três partes da *Primavera*, de 9-2-628; Aprovação de Don Juan de Jauregui em 26-1-628; — Erratas; — Censura do vigario de Montilla dr. Geronimo Fernandez de Leon, 27-9-627; — Licença do ordinário, o bispo de Cordova, D. Christoval de Lovera, 6-10-627; — Soneto de D. Gabriel Joseph de Arriaga; — Óturo do P. Juan Manuel de Morales, n. de Montilla; — *Prologo al lector*; — Quadras do licenciado Francisco de Figueroa, n. de Montilla; — Uma décima de Juan Pacheco de Castro, também patricio, e vizinho de Granada; — Dedicatória a D. Pedro de Cardenas y Angulo, do hábito de Santiago, cavaleiro de el-rei, e dos Vinte-quatro de Cordova, subscripta com assinatura de chancela, *Juan Bautista de Morales*, e datada de 1-1-629; — Uma décima emfim de D. Fernando Bañuelas, à dedicatória do livro.

A obra de Morales não teve que se saiba reimpressão.

A *Côrte na Aldeia* foi o primeiro ensaio de treslado do Lobo, feito pelo Morales. Deu à estampa a tradução logo dois anos depois da aparição do livro, que passa por ser a primeira obra impressa em Montilha. Sómente a encontrei em Madrid, onde a B. N. acumula nada menos de 4 exs.

Portada orlada.

CORTE / EN ALDEA, Y / NOCHES / DE IM- / BIerno. / DE FRANCISCO RODRI- / GUEZ LOBO. / *De portugues en castellano por Juan / Baptista de Morales.* / A Doña Ana PortoCarrero, y Cardenas, Marquesa / de Montaluan, y de Alcalá, Señora de Lobon, &c. / Año. Brasão de armas ao meio. 1622. / *Con privilegio real / En Montilla; Por el Autor y a su costa.* /

Dim. 14,5 × 9,3 = VI fls. prelim. s. n., 184 fls. num. pela frente e mais 8 fls. de *tablas* s. n. = Sig. A-Nn todas de 8 fls. menos a última de 4 — Oo para as *tablas* e fim, de 8 fls. = In-fine: *Sub correctione Sanctae Matris / Ecclesiae.* Vinheta — um leão rompente com um compasso nas garras dianteiras. Tarja à volta com a divisa: *Praestantioris est virtutis ut semper servetur.*

No verso: *Impresso / en / Montilla; por / Juan Baptista de Morales, su / Avtor. / En la Calle de la Imprenta; Año de / MDCXXII.*

Nas fls. prelim.: Privilégio real por 10 anos, de Madrid em

29-3-621; — Visto do dr. Hieronymo Fernandes de Leon, vigario de Montilla, por comissão do bispo de Cordova, de 21-1-622; — Informação régia de Tomás Gracian Dantisco, 10-3-621; — Dedicatória a D. Ana Portocarrero; — Prologo *Al lector*; — Taxa de 8-11-622; — Erratas; — Soneto a F. Roiz Lobo (trans. já no cap. 1). O ex. tem a assinatura ms. de Don Diego de Zuniga.

Saiu ainda outra edição no final do século XVIII em Valência, por sinal que belamente impressa; de que há 3 exs. na Bib. Nac. de Madrid:

CORTE EN ALDEA / Y NOCHES / DE INVIERNO / DE FRANCISCO RODRIGUEZ LOBO / *De portugues en castellano / Por Juan Bautista de Morales / Vinheta. En Valencia / En la Oficina de Salvador Fauli / Año MDCCXCIII.* = VIII pág. preliminar, e 496 pág., mais 8 fls. de indice.

Traz a dedicatória, o prólogo ao leitor, e o soneto ao Lobo.



OBRAS DIVERSAS. — Em seu lugar demos conta de quais sejam e onde param (cap. XI). Merece resenha bibliográfica pela raridade o auto que saiu em seu nome:

AVTO / DEL NASCIMIENTO / DE CHRISTO / Y EDICTO DEL EMPERADOR / AUGUSTO CESAR. No meio da página uma figurelha tosca de presépio e duas *á latere* — o imperador e uma dama.

PERSONAS QUE HABLAN EN EL

<i>El mismo Emperador.</i>	<i>Lauremo Pastor.</i>
<i>Vn Capitan.</i>	<i>Fabio Pastor.</i>
<i>Vn Guardia.</i>	<i>Cintio Pastor.</i>
<i>Vn Angel.</i>	<i>Sylvia Pastora.</i>
<i>El Diablo.</i>	<i>Mendo Ratinho.</i>

POR FRANCISCO RODRIGUES LOBO. / EM LISBOA. / *Na officina de Domingos Carneiro. Anno de 1676.*

Dim. 20,0 × 13,7 = In-4.º = Fls. 16, s. n. — Sign. A-D de 4 fls.

Existe na B. N. de Lisboa, onde se accumularam 3 exemplares. Havia outro ex. na liv. Monteverde. Outro se conserva na liv. do finado Prof. José Carlos Lopes, do Pôrto (Inf. de D. Car. Mich.) Inocência diz nunca ter visto nenhum. Licença de 23-10-676, declarando que pode imprimir-se «menos o que vai riscado». No v.º da fl. 13 o *Entremez do Poeta* (v. cap. XI).

Rol das edições de F. Roiz Lobo

Ano	Obras	Edições	Impressores	Bibliotecas e Livrarias ¹
1596	<i>Romances</i>	1.ª ed.	Coimbra	Nenhures.
1601	<i>Primavera</i>	"	António Barreira	Biblioteca Nac. de Madrid.
1605	<i>Élogas</i>	"	Jorge Rodrigues Pedro Crasbeeck	Biblioteca da Universidade de Coimbra, Livs. Palha e Rodrigo Veloso, <i>Brit. Museum</i> , B. N. de Madrid.
1608	<i>Pastor Peregrino</i>	"	"	B. U. de Coimbra, B. N. de Madrid.
1608	<i>Primavera</i>	2.ª ed.	"	<i>Brit. Museum</i> , B. N. de Madrid.
1610	<i>Condestabre</i>	1.ª ed.	"	B. U. de Coimbra, Torre do Tombo, Livs. Palha, F. Tomás, Pereira da Silva e Nepomuceno, B. Municipal do Pôrto, B. N. de Madrid, <i>Brit. Museum</i> .
1614	<i>Desenganado</i>	"	António Alvares	B. U. de Coimbra, Livs. Pessanha e Cabral, B. N. de Madrid.
1614	<i>Elegias ao S. S. Sacramento</i>	—	"	Nenhures.
1616	<i>Eufrosina de Jorge Ferreira de Vasconcelos</i>	—	"	B. N. de Lisboa, B. M. do Pôrto, Liv. Palha.
1618	<i>Pastor Peregrino</i>	2.ª ed.	"	Liv. R. Veloso, B. N. de Madrid.
1619	<i>Primavera</i>	3.ª ed.	Pedro Crasbeeck	B. N. de Lisboa, Livs. Palha, P. da Silva, José dos Santos e R. Veloso, B. N. de Madrid.
1619	<i>Côrte na Aldeia</i>	1.ª ed.	António Alvares	B. N. de Lisboa, B. U. de Coimbra, B. M. do Pôrto, Livs. Monteverde e P. da Silva, B. N. de Madrid, <i>Brit. Museum</i> .
1625	<i>Jornada</i>	"	Pedro Crasbeeck	B. N. de Lisboa, B. U. de Coimbra, B. M. do Pôrto, B. da Ajuda, Livs. F. Tomás, Nepomuceno e Manuel dos Santos, B. N. de Madrid, <i>Brit. Museum</i> .
1627	<i>Condestabre</i>	—	Jorge Rodrigues	B. U. de Coimbra, B. M. do Pôrto, Livs. Palha, Cabral, Monteverde, P. da Silva, J. dos Santos e Pereira Caldas, B. N. de Madrid.
1630	<i>Côrte na Aldeia</i>	—	Pedro Crasbeeck	T. do Tombo, Livs. Monteverde, Condessa da Azambuja e P. da Silva, B. N. de Madrid.
1635	<i>Primavera</i>	—	"	Nenhures. Cit. por Barbosa.
1649	<i>Côrte na Aldeia</i>	—	António Alvares	B. da Ajuda, Livs. Palha e Monteverde.
1651	<i>Primavera</i>	—	"	B. N. de Lisboa, Liv. P. da Silva, B. N. de Madrid.
1651	<i>Pastor Peregrino</i>	—	"	Liv. P. da Silva, B. N. de Madrid.

1651	<i>Desenganado</i>	—	Lisboa, Ant6nio Alvares	B. N. de Lisboa, B. U. de Coimbra, Liv. P. da Silva.
1654	<i>Romances</i>	—	Manuel da Silva	B. N. de Lisboa, B. M. do P6rto, Liv. F. Tom6s, Brit. Museum.
1670	<i>Primavera</i>	—	Ant6nio Crasbeeck de Melo	B. M. do P6rto, Livs. Palha, Cabral, P. da Silva e J. dos Santos.
1670	<i>Pastor Peregrino</i>	—	»	B. M. do P6rto, Liv. P. da Silva.
1670	<i>Desenganado</i>	—	»	T. do Tombo, Livs. Monteverde e P. da Silva, B. N. de Madrid.
1670	<i>C6rte na Aldeia</i>	—	»	B. U. de Coimbra, Livs. Vaz de Oliveira e P. da Silva.
1695	<i>C6rte na Aldeia</i>	—	Antonio Pedroso Galr6o	Livs. Palha e P. da Silva.
1704	<i>Primavera</i>	—	»	Em meu poder.
1722	<i>C6rte na Aldeia</i>	—	»	B. U. de Coimbra, Livs. Monteverde e P. da Silva.
1722	C6RTE NA ALDEIA E OBRAS PASTORIS ²	—	Jo6o Antunes Pedroso e Francisco Xavier de Andrade	B. N. de Lisboa, B. U. de Coimbra, B. M. do P6rto, B. da Ajuda, Livs. Palha, R. Veloso e P. da Silva.
1721	T. II — <i>P. Peregrino e Desenganado</i>	—	Lisboa, Matias Pereira da Silva e Jo6o Antunes Pedroso	—
1723	OBRAS POLÍTICAS, MORAES E MÉTRICAS	—	Lisbo6, Oficina Ferreyriana	—
1774	<i>C6rte, Primavera, P. Peregrino, Desenganado, Elogos, Condestabre, Jornada e Romances</i> , 1 vol.	—	Miguel Rodrigues	—
1785	<i>Condestabre</i>	—	Ed. de Bento Jos6 de Sousa Farinha	—

(Continua)

RICARDO JORGE.

¹ Esta edi66o tem no fecho a data de 1650, mas 6 erro.² O t. I.^o traz a data de 1722, no passo que o t. 2.^o marca 1721.

Completamos a lista que tnhamos formado, com as indica66es tiradas dos cats. das Livs. de Rodrigo Veloso, Nepomuceno, Vaz de Oliveira, Pereira Caldas, Condessa de Azambuja (ant. Torres), Pereira da Silva e Jos6 dos Santos, e que nos foram fornecidas 6 ultima hora obsequiosamente pelo Sr. Cl6udio Nazar6, da Imprensa da Universidade, a quem muito as agradecemos. Completam as indica66e do texto.

A cerâmica coimbrã¹

SÉCULOS XVI E XVII

Da cerâmica coimbrã do século XVI conservam-se no museu Machado de Castro o *passo da ceia* de Udarte e as peças de barro por vidrar da colecção do sr. António Augusto Gonçalves.

O passo da ceia foi feito de 1530-1534; uma das peças do sr. Gon-



Fig. 1 — O apostolado do refectório de Santa Cruz de Coimbra, hoje no museu Machado de Castro.

çalves está datada 1538. Estas obras são únicas, de excepção, e não é possível mostrar a sua influência na cerâmica local. São peças, nascendo longe das influências que determinaram a curva evolutiva da cerâmica nacional e por tanto fora dela.

¹ Continuado do vol. VI, n.º 1 e 2, pág. 241.

O *passo da ceia* compunha-se de trêze imagens — doze Apóstolos e Cristo com êles, tudo de barro, e as imagens de grandura e natural de homens. As figuras agrupavam-se à volta de uma mesa com seu cordeiro e todas as cousas necessárias à dita ceia, tudo feito de barro, muito ao natural e em muita perfeição, segundo os termos da *obrigação*, encontrada pelo cônego Prudêncio Garcia, deão da Sé de Coimbra, a fls. 150 do livro 10 do tómo 5 das *Notas* do Arquivo do Mosteiro de Santa Cruz e por êle publicada a págs. 4 e 5 do seu livro *João de Ruão* donde a extraímos:

HOBRIQUAÇA DO PASO DA CEA DE XPO Q. HA DE FAZER
DUARTE FRANCES

«Saibham quamtos este est.º de contrauto e obriguacã birem como *em* os sete dias do mes doytubro de qujnhentos e trimta *em* o m^{ro} de samta Cruuz na casa do conselho delle se cõcertou o padrẽ ffrey bras governador do dito m^{ro} cõ odarte framces ymaginarjo ystamte nesta cidade de cojmbra *em* esta man^{ra} — SS — o dito odarte *emmaginarjo* se obrigou a faz^r o paso da çea de xpo cõ treze ymagens — SS — doze apostollos e xpo cõ elles tudo de barro e as ymages da gramdura e natural de homens e bem asy *em* ha mesa cõ seu cordeyro e todas as cousas necesarjas ha dita çea tudo muy bem feyto e naturall *em* muyta perfeycã feyto tudo de barro e depois de feytas as ditas cousas as asemtara *em* hun archete q. lhe o dito padre mãdara ffazer *em* o Refeytorio do dito m^{ro}.

E fazemdo ho dito ymaginarjo a dita obra asy bemfeyta e naturall q. ha bista de ofeceaes e a comtemtamento do dito padre estee bem feyta e de Receber, dise o dito padre q. elle se obriguaua A dar ao dito ymaginarjo cem +^{dos} douro paguos desta man^{ra}. — SS — *em* cada mes q̃ cõtinuadamente trabalhar *em* a dita obra lhe dara hun mjll e duzentos rs, E bem asy lhe dara trimta dias hun serujdor q. sirua *em* a dita obra *em* o q. elle mestre ho mamdar, e allem do sobre dito dise ho padre que darja ao dito ymaginario tudo ho barro forno lume p^a o cozimeento e achguas necessarjas ao fazimento da dita obra, E fazemdo elle duarte a dyta obra e paso da dita çea asy perfcyta, q cõ parecer dofyceaes elle padre seja cõtemte lhe fiquaua dar allem dos ditos cem +^{dos} e cousas sobre ditas hun bestido de pano q. bestem os conegos — SS — gibã calças pellote e capa e carapuça & e p^r a âbos desto prouer mãdarã fazer esta nota *em* q. asynarã

T^{as} Jorge de magualhães cidadão na dita çidade e xpuão de fig^{do}

pintor e m^{tre} Joã orguanista e Joam de Ruã e anrique de parada pp^{co} espua q. ho espuy.

frey bras de bragua — Ph (?) odarte byrio (?)

Jorge de Magalhães — Xpouã de figeredo

Joham de Rouam — Mestre Joam».

O passo estava acabado e foi recebido por frei bras de Braga, então encarregado da reformação e obras do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, aos 8 de janeiro de 1534 como se sabe da nota seguinte lançada ao longo da coluna marginal da página em que foi escrito o documento precedente, correndo as suas linhas perpendicularmente às dêste:

«Em os oyto djas de jan^{ro} de b^c xxx iiij em a casa da faz^{da} estamdo o R^{do} padre frey bras e ho dito m^{te} duarte e pedirã este cõtrato e b^{to} o dito padre dise q. elle Recebya a djta obra p^r acabada asy e no pomto q. ora estaa e o dito duardos dise e cõfesou ser bem pago preço cõteudo neste cõtrauto e asynarã aquy amrique de parada pp^{co} espua ho espui

frei bras — D (?)

Mestre Udart, ortografado nos documentos do século xvi Duarte, Duardos, Odarte, era, segundo a tradição, um dos franceses que vieram com João de Ruão para Portugal, chamados por D. Manuel para as obras do mosteiro de Santa Cruz.

Da chegada de mestre João de Ruão e dos seus companheiros deixou D. José de Cristo uma nota conservada nos manuscritos da Biblioteca Pública do Pôrto que está inédita apesar de ter sido já aproveitada por Felipe Simões e outros arqueólogos.

Não quero perder a ocasião de a publicar pela primeira vez:

OS OFFICIAIS ã FIZERAÓ AS OBRAS DE S. CRUZ.

«No tempo ã franca ardia cõ guerras (deuiaõ de ser do Rej franco cõ o emperador Carlos) Vieraõ a este Rejno tres francezes, Mvito grandes abelidades, e consigo traziaõ outros officiais, ã na mesma arte os ajudauaõ, huõs fazêdo lhe as ferragens; todos estes fugiraõ de franca por os não prenderem para a guerra, e como viessem a Coimbra por a fama da pedra ã nella auiã m^{to} acomodada pera mostrarẽ nella suas abelidades. fizeraõ acento e cazaraõ se na terra, onde dejxaraõ algumas obras dignas de eterna memoria. Estes tres

uieraõ a sombra de hum grande Architecto, a quem chamauaõ Joaõ de Ruam, o qual traçou os arcos das capellas nouas da jgreja de S. Cruz, como agora se ueem e bem mostraõ o talento do official e mestre q̃ os tracou e fez por sua maõ

Os outros officiais hum chamauasse Jache luchim imaginario notauel de obra mui meuda como se pode ver em o pulpito de S. Cruz no qual deixou duas pedras por acabar, pera q̃ se uisse que naõ auia no mundo outro igoal a elle q̃ as quizesse ou pudesse por no andar das outras, como ainda oje se mostraõ no mesmo pulpito iunto da parede: fez mais este official os retabollos da claustra do Silencio da mesma pedra onde fazem as estaçoens obra taõ meuda e perfeita q̃ se admiraõ todos os que a uem. eu Vi hnm grande mestre de Lisboa q̃ ueo pera fazer a Sancristia noua a quem chamaõ o Tinoco, q̃ se marauilhou da tal obra e dalguas figuras q̃ nella uio muito bem lançadas, cõ notauel espirito fez Mais este Jache da mesma pedra, os retabolos da claustra da manga q̃ tem en si os quatro ermitoens mais celebres. S. Antaõ. S. Paulo. S. Hieronimo. S. Joaõ Bautista. os outros asima ditos. tem. quatro passos da pajxaõ. o Ecce homo. a. Crus as Costas. o Crucifixo. o decim.^{to} da Cruz. este official era unico em pedra. Tambem fez as abobadas das capelinhas da claustra do Silencio |

Outro auia mui esmerado em obras de barro o qual fez a Cea do Refeitoreo. Chamauasse Vdarte em barro era official primo.¹

Outro chamauasse Jache Bruxel, naõ era tam bom entalhador, mas fazia tambem honestam^{te} como se pode ver na capella de S. Theotonio² q̃ elle fez de pedra dancam, e hum pedaço de abobeda desteira de largura de duas navas e comprimento de doze ou treze a qual mandou fazer D. P.^o Geral acrecentando a sancristia velha, a qual agora neste anno de mil e seiscentos e uinte e dous se desfez, em cujo mesmo lugar se fabrica outra noua por traca de hu mestre de Lisboa q̃ a isso so ueo. Mandou a fazer o P.^e D. Antonio da Cruz Geral. Correo Com elle D. Pedro Camerareo homem notauel em obras e de m^{to} talento o qual fez quase todas as boas que a nesta casa, cõ

¹ Em nota marginal do lado esquerdo lê-se: *O q̃ fez e tracou jgreja Portada e Sepulturas dos rejs diceraõ me q̃ se chamava mestre Nicolao frances como os outros.*

² Em nota marginal do mesmo lado: *As figuras q̃ estaõ nesta capella q̃ saõ dos apostolos e de Theotonio fez hum portuguez seu discipulo natural de Coimbra chamado Thome uelho paj do doutor e prior de S. Bertholameu.*

Em nota marginal do lado direito: *ia esta desfeito o arco grãde q̃ elle fez este nouo he doutra maõ.*

m^{ta} satisfacão de todos por lhe luzir m^{to} o dinhejro nas mãos e fazer cõ pouquo o q̄ outros não fazẽ cõ m.^{to}

Nesta Samcristia noua se poem este pedaco de abobada q̄ ficou da uelha, não em a samcristia, mas fora della em hum transito q̄ esta pera a parte do occidente por onde uaõ pera o Sanctuareo: onde tambem se comessa hũa escada noua q̄ sobe pera o coro.

Outro estrangeiro ouue neste rejno grande Mestre dizem q̄ era biscainho, o qual se chama Diogo de Castilho fez o Coro da jgreja, e lancou o m^{to} bem por ser remendo feyto muito depois da jgreja acabada; porque antes o Coro era na Capella mor Tambem fez a Igreja de S. Joaõ frejguezia de S. Cruz, a qual dantes era destoutra parte do norte, e seruia de jgreja das donas e frejras q̄ neste mostr^o ouue antes da Reformaçãõ. e chamauasse a prelada dellas prioressa de S. Joaõ de S. Cruz. Tambem dizem q̄ fez o Refeitoreo grande. e lageou o Ceo da Claustra. este pedrejro foj tam ditozo q̄ teue hum filho q̄ tinha o mesmo nome o qual gouernou este Rejno. porq̄ foj Bispo Capelaõ mor. Inquisidor mor. e prior mor de Guimarans e fez m^{tas} iustças notauéis sendo visorej em Lisboa, e todos o temião. em tempo deste visorrej se fez este paschim em Lisboa ¹.

A liuraria, ja no anno de mil e quinhentos e trinta era feita como consta das uidrassas q̄ ã nella e tem em si esta mesma era — o que uem a ser dez annos depois da fundaçãõ da jgreja q̄ ora serue.

A caza q̄ serue de portaria foj feita no anno de mil e quinhentos e trinta como consta das uidrassas q̄ estaõ nessa mesma caza as quais saõ da mesma maõ q̄ as da liuraria q̄ esta en sima desta casa.

Tem estas uidrassas assi as da liuraria como as da portaria as armas reais, mas cõ o banquo de p̄char.

Hoc templum ab alfonso Portugalie primo rege extractum ac tempore iam pene collapsum. regni successor et auctor Emanuel restaurauit, anno natalis Dominia. M.D.XX. Esta letra esta nas grades da jgreja q̄ mandou fazer o mesmo Rej Dom Manoel. Mas he de notar q̄ ia esta he a segunda reedificaçãõ do templo, porq̄ a primejra igreja q̄ ouue fella Dom Tello, ao qual ajudou El rej Dom Affonso Henriques, e porq̄ ajudou por isso se diz q̄ a fez e por a mesma rezaõ esse santo Rej se chama fundador deste most.^{ro} asi por dar o sitio onde se fundou, como por as rendas de que a dotou Quando se

¹ O paschim foi escrito em nota marginal por não caber na página e é:

*Infelice Portugal
Pouco é teu Rejno medras
Ontem viso rej de pedras
Oje de pedra e cal.*

fez a Igreja, fosse também, a sacristia que agora se desfaz por ser pequena, a qual era da mesma obra da igreja ainda que na abobada não era toda de pedra masso quatro rompantes que faziam duas cruces nas quais se fundava a mais abobada de tijolo, no modo de abobada

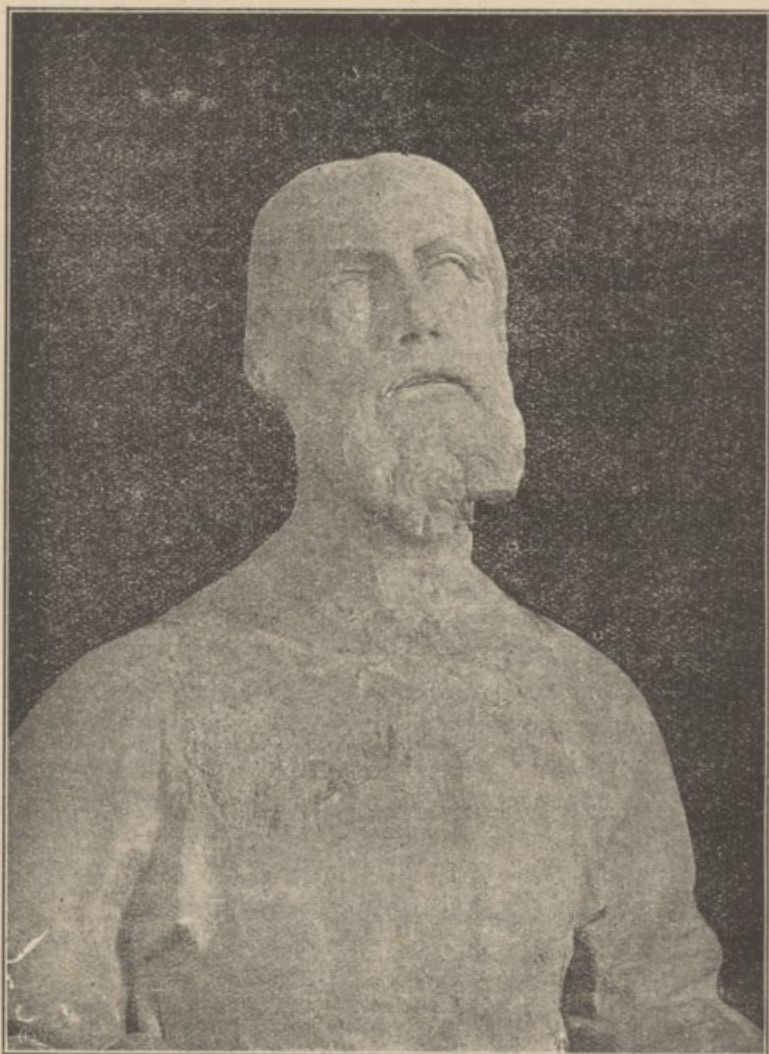


Fig. 2.—Cristo do apostolado de Udarte no museu Machado e Castro

de aresta como dizem os architectos. Também he do mesmo tempo o capitollo a 2.^a vez edificado, e depois foj acrescentada a capella de pedra branca dancam, dourada. juntam^{te} se fazia abobeda do Geral com hũa porta pera o terrejro de sansam, se ue hũa tribuna que seruia de grade destas frejras.

Asim que todas estas obras conuem a saber, este Geral de santa

Caterina, e o capitolo sancristia e Igreja corriaõ egoalm^{te} porq̃ seruiaõ de acompanhar as paredes da jgreja, e asi como cada huã dellas chegaua a sua altura q̃ a porporçaõ pedia se fechaua, continuando a Igreja por ser obra mais alta, e asi se fes o Capitolo, sancristia e Capela mor quasi a la una; fejtas estas obras, e as paredes da jgreja em o mesmo andar dellas morreo o Bispo Capelão mor, e prior mor de Santa Cruz, deixando as armas de seu nacimiento em todas éstas obras, q̃ era hum chapeo em sima de hum campo cõ sinquo falcoens porq̃ era o bispo Dom Pedro desta linhagem. o qual morreo no anno do senhor M.D.XVI — depois d'elle morto continuou el rej D. Manoel cõ a claustra como agora esta.

A sancristia foj reedificada a segunda uez quando a jgreja, depois na era de mil e quinhentos e nouenta pouquo mais ou menos se acrescentou pera a parte das figueirinhas, e agora no anno de mil e seiscentos e uinte e dous no mes de julho se reedificou ou comessa a edificar a terceira uez, e fica a parede da parte do sul encostada a huã rua a que chamaõ as figuejrinhas a qual este mostejro fez antigam^{te}, porq̃ o caminho da cidade hia iunto da nossa igreja por as costas de. S. Andre ao Sacramento e Santa Monica, e no mesmo oliuel corria a sancristia q̃ se fez quando a igreja q̃ depois se acrescentou. A igreja de S. Joaõ, naõ estaua antigam^{te} onde oje esta pera a parte do sul, mas estaua da outra parte da q̃ fica ao norte, a qual era das frejras a q̃ chamamos donnas ou em latim Sorores as quaes ficauaõ onde oje he portaria, e depois q̃ ellas deixaraõ ou q̃ as nos extinguimos mandando as pera S. Martinho do Bispo ficou nos o mostejro q̃ ellas tinhaõ; e para onde ellas estauaõ mudamos a portaria q̃ antigam^{te} estaua pera a parte das figuejrinhas onde oje edificamos a sancristia, mais adiante, e cuido q̃ o lugar por onde entravaõ era, onde oje esta a capela de jesus na claustra e a de S. Miguel q̃ ahi se fizerão quando mudaraõ a portaria pera onde oje esta.

Ao lugar onde edificamos a sancristia pera a parte do Sul iunto das figuejrinhas no quanto da sancristia q̃ fica pera o poente acharaõ os homens q̃ desentulharaõ os alicerces huã mina de gesso finissimo o qual eu ui mostrei ao mestre das obras q̃ ueio de lisboa e disse me q̃ era finissimo, mas ainda oje se naõ uza nestas partes tanto d'elle como em lisboa, por isso o naõ conheciamos, chamou lhe o mesmo Gesso espejoelo ou de espelhos porq̃ lus como uidro, quem o quizer buscar caue huã brasa abajo do pauim^{to} da sancristia ao pe do pilar, naõ o do quanto q̃ fica iunto do sacrario mas logo o outro q̃ fica iunto d'elle, e acha lo a quanto mais for pera baixo da rua das figuejrinhas tanto melhor he

Em o lugar onde oje fazemos o sacrareo das reliqueas, e na caza

q̄ esta entre elle e a sancristia, todo o pauimento, debaixo, era terra cõ ossos e corpos de defuntos ao modo de entulho o q̄ parecia q̄ doutra parte uiera pera ali tirado alguns corpos q̄ ahi foraõ sepultados. porq̄ no sacrario da sancristia antiga q̄ oje he corpo da sancristia noua estaua huã sepultura de D. Telo sem ossos onde parese q̄ o enterraraõ quando elle morreo, por as coniecturas q̄ uimos, porq̄ claram^{te} se mostraua, ser esta capela fejta primejro q̄ a igreja dozentos anos por huã pedra q̄ encima do campanarjo desta capela esta ter a era do senhor M.CCC.L em as nonas de agosto ficaua esta capela detras da capela mor respondendo a encostada a sepultura de el rej D. Sancho q̄ esta na capella mor aparte da epistola ¹.

Como se vê da extensa e curiosa nota de D. José de Cristo, êste caíu no erro dos escrivães do século xvi, perpetuado em publicações recentes julgando o nome de Odarte traduzivel pelo português Duardos ou Duarte Este apelido encontra-se ainda hoje em França e na Bretanha o achamos nós mais de uma vez ortografado *Udarte* e *Udart*.

Em documentos espanhois aparece, quer sob a forma de Odarte, quer de Olarte.

Este Udart veiu segundo D. José de Christo com João de Ruão fugido às guerras de Francisco I. Segundo outros cronistas fôra D. Manuel quem os mandara contratar em França por saber das maravilhas que em Rouen faziam por conta do cardeal Amboise.

Ora Udart estava ainda trabalhando em Espanha, na catedral do Toledo em 1526, como se depreende dos documentos publicados por Zarco del Valle e que transcrevemos:

«Em X de agosto (1522), dieron çedula los señores (visitadores) estando yo malo (el obrero D. Diego Lopez de Ayala), para que pagase el jurado a olarte, imaginario, mill e setecientos mrs.

«Em XXI de agosto di çedula que pagase el dicho jurado, otros mill e setecientos mrs. para en pago de la *ymagem que hace de la colupna*.

«Em VI dias de outubro de mill e quinientos y veynte e dos años, di çedula para el jurado hernando vasquez, que diese al dicho olarte mill e quinientos mrs. que le mandaron dar para en parte de pago de las ymagens que haze.

¹ Em nota marginal do lado esquerdo: O Arco q̄ hoje tem a capella do Capitulo mandou fazer D. Miguel de S. Agostinho e desfazer o outro que tinha mandado fazer D. Pedro por ficar imperfeito e sem remate ainda q̄ m^{to} bem obrado. Mandou pintar a caza do capitulo e tresladar o santo como consta do letreiro da Portada.

«En ocho dias de noviembre di çedula que diesen al dicho olarte tres mil e seteçientos e cinquenta mrs., para en quenta de las ymagenes que haze.

«Em ocho dias de diziembre, di çedula que diesen a odarte (sic) ymaginario, tres mill mrs. que le mandaron dar para en quenta de las ymagenes que haze.

«En XXIII de diziembre, mandaron dar a odarte, ymaginario, mill e ochocientos e setenta e ciuco mrs. para en quenta de lo que haze de las *ymagenes de barro* que haze.

Libro de gastos del año 1522, fol. 102 vuelto.

Obsérvase en estos documentos el nombrar a Olarte algunas veces Odarte.

RETABLOS PARA LOS PILARES

1526

A de aver odarte (sic) por *tres retablitos* que ha de hazer *para el tras coro del altar mayor*: el retablo a de ser cada uno commo el de san gregorio y las estorias an da ser la una de sant sant bernaldo y la otra de sant pedro martir, con dos rrogantes y dos escudos de armas, y la otra de nuestra señora con sant jeronimo de un cabo y de otro cabo a sant francisco y con un rrogante, y sus escudos de armas: a de aver por cada ystoria a syete ducados y medio, que monta veynte e dos ducados y medio: an le de dar madera.

Pagas. En seys dias de enero de MDXXVI años, di cedula que diesen a odarte, ymaginario, quatro mil e quinientos mrs. para en cuenta de los sobredichos maravedis.

Libro de gastos del año, fol. 81¹.

Da catedral de Toledo passou Udart, como outros artistas, para as obras do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, facto até hoje desconhecido e agora posto em evidência por os documentos publicados por Zarco del Valle.

Déstes documentos se conclui tambem que Udart era escultor não só em barro como em madeira, sendo possível que o fôsse tambem

¹ Datos documentales para la historia del Arte Español!II. Documentos de al catedral de Toledo coleccionados por Don Manuel R. Zarco del Valle, tom. I, pag. 144 e 145.

em pedra como o dá a entender D. Nicolau de Santa Maria e parece deprender-se de algumas esculturas do mosteiro.

Tem-se dito e escrito que a mutilação do apostolado foi obra da Associação dos Artistas que o destruiu para sobre as suas ruínas le-

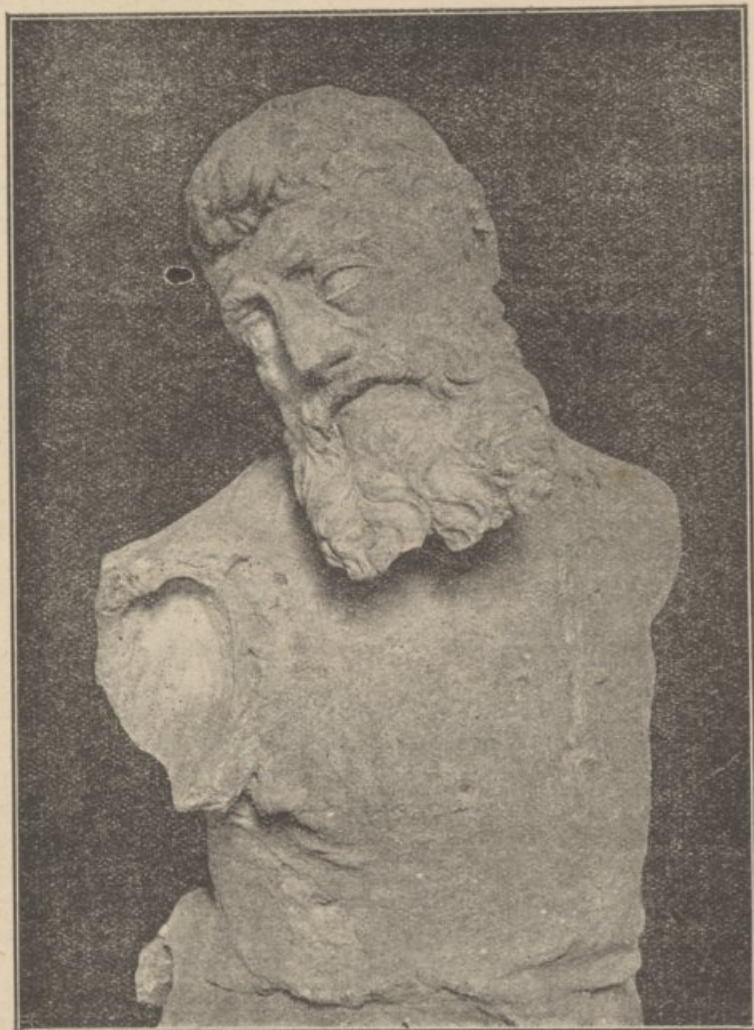


Fig. 3 — Figura do apostolado de Udaré.

vantar o pedestal da estátua de D. Fernando que ocupavá o fundo da sua sala das sessões.

Se se não pode considerar a Associação dos Artistas como absolutamente isenta de responsabilidades na mutilação do apostolado, é certo que a maior culpa cabe ao presidente da Associação dos Arquitectos e Arqueólogos de Lisboa, Possidónio Narciso da Silva.

O refeitório do mosteiro de Santa Cruz, onde se encontrava o

apostolado de Udarte foi concedido para sede da Associação dos Artistas de Coimbra por portaria de 6 de Julho de 1865.

Não foi porem o refeitorio entregue logo à Associação por se terem levantado questões de competência, sendo definitivamente cedido pela Câmara da presidência do sr. dr. Manuel Jardim ¹.

São para notar os termos secos da acta ².

¹ A acta diz textualmente:

«Resolveu-se emprestar a casa do antigo refeitorio do convento de S.^{ta} Cruz á Associação dos Artistas, com as condições da referida Associação entregar a casa mencionada quando se desvie dos fins da sua instituição, e a Camara precisar d'ella para serviço publico immediatamente ligado ao serviço do municipio, e responsabilisar-se por qualquer prejuizo que pertença á digo que resulte á mesma casa de que tudo se lavraria termo pela ocasião da entrega da referida casa, que teria logar no dia 18 do corrente» *Actas da Camara Municipal de Coimbra*, pag. 19 e 19 v.º (Sessão de 16 de Fevereiro de 1866). A acta acha-se transcrita integralmente no n.º 1263 (16 de Março de 1866) de *O Conimbricense*.

² «O Commercio do Porto» comentou em correspondência de Coimbra:

«A associação dos artistas desta cidade, já está de posse da vasta casa do refeitorio do extincto mosteiro de Santa Cruz; póde dizer-se que os artistas chegaram á terra da promissão: foi longa e penosa a peregrinação, porque elles não tinham como o povo escolhido, um Moysés que mais directamente os guiasse. Aquella casa havia-lhes já sido concedida, pelo ministerio das obras publicas, em 6 de Julho ultimo: puzeram-se, porem algumas objecções de competencia, e as ordens do ministro deixaram então de ser cumpridas; a vereação anterior concedeu á associação uma outra casa, e novas duvidas se oppozeram tambem a essa concessão, mas todas essas difficuldades foram agora superadas pela benemerita e patriotica vereação municipal deste concelho investida em suas civicas funcções pela espontaneidade do voto popular, não podia a vereação deixar de dar de si aquelle inequivoco testemunho de suas ideias liberaes, e da sua viva crença na regeneração do povo pelo desenvolvimento da sua civilização. Honra seja aos benemeritos representantes municipaes de Coimbra! Aos que prestaram tão assinalado serviço conferiu a associação dos artistas os diplomas de seus socios honorarios; dando igual demonstração de deferencia aos srs. visconde das Canas e Augusto Cesar dos Santos, que tambem lhes prestaram valiosos serviços e a outros dois distinctos e respeitaveis cavalheiros desta cidade, assim como nomeou seus socios correspondentes aos srs. João Manoel Gonçalves e Paulino Augusto de Campos Themudo, que tão dignamente tem representado a associação no congresso social, reunido em Lisboa. A quem é pobre não lhe restam outros meios de patentear o seu reconhecimento, senão os da gratidão.

Sem que queiramos parecer desagradecidos, cumpre-nos dizer que foi muito onerosa para os artistas aquella concessão; porque a grande casa do refeitorio tem o solho em completo estado de ruina, não admittindo qualquer concerto, sendo por isso indispensavel reforma-lo completamente, com o que muito se dispenderá: acrescentando ainda a despeza com a illuminação, que já foi orçado em 150\$ reis.

A associação tem o louvavel intuito de tornar aquella casa util, não só aos seus

O lugar em que ficava no refeitório o apostolado é bem marcado pela seguinte passagem da Crónica de D. Nicolau de Santa Maria:

«Em a parede que está traz a meza principal, estam dous portaes Romanos de pedra branca, sobre os quaes estam dous pulpitos muy bem laurados da mesma pedra, entre os quaes fica hum fermoso arco de pedraria, dentro do qual está a Capella que chamão da Cea do Senhor, onde se vê o diuino Mestre sentado á meza com os doze Apostolos, todos em figura de releuo feitas com grande espirito, & que bem representão aquella vltima Cea, em que foi instituido o Santissimo Sacramento».

O apostolado não ficava por tanto dentro do recinto da sala de sessões da Associação dos Artistas, mas sim detrás da parede que se fez para fundo da estátua de D. Fernando, ligando assim os dois portais sobre que estavam os dois púlpitos de pedra convertidos mais tarde em nichos para os bustos de D. Luís e D. Pedro V, inaugurados em 29 de Outubro de 1868.

O apostolado ficou separado da sala e sem comunicação com ela e assim estava quando em 1866 o visitou Joaquim Possidónio Narciso da Silva que mandou cortar as cabeças e os braços aos apóstolos para os levar com outros objectos para a Associação dos Architectos e Arqueólogos de Lisboa.

Joaquim Martins de Carvalho deu em *O Conimbricense*, n.º 1303, noticia destes factos escandalosos, que andavam de boca em boca, num artigo de grande violência que alarmou a opinião pública e sobressaltou a Câmara.

membros, como á cidade, visto que não há aqui uma sala para grande reunião, para um concerto, para um bazar, ou para outro semelhante fim; e de certo a camara municipal praticaria um louvavel acto de justiça e de equidade, se auxiliasse a associação com qualquer quantia, ou mesmo com alguns materiaes para aquella obra tão util.

Coimbra deve ter ciumes de que outras terras menos importantes se lhe vão avantajando na senda do progresso e da civilização. A associação artistica ebo-rense tem 170 socios; a de Coimbra tem perto de 400; e no entanto, aquell'outra tem encontrado o mais decidido apoio da parte dos poderes publicos, que a tem ajudado a consolidar a sua conservação; o conselho do districto de Evora deu-lhe o valioso donativo de 400\$000 reis, para serem applicados aos reparos e melhoramentos da casa. Deste modo assegurou o governo a existencia de uma associação, que, alem dos soccorros que presta aos seus socios enfermos, subsidia uma aula de instrucção primaria e desenho linear». Cfr. *O Conimbricense*, n.º 1265 — 13 de Março de 1866, pag. 3.

Dêle extraímos a parte que nos interessa :

«Dizia-se que vindo aqui o sr. Possidonio, commissionedo pela sociedade dos architectos, para obter differentes objectos para o museu estabelecido em Lisboa, o sr. presidente da camara municipal lhe permittira levar da igreja dos Borrás o tumulo de D. Rodrigo de Carvalho, concedido pelo sr. João Victorino de Moraes Duarte e Silva á vereação transacta: que fôra tambem o nobre presidente quem consentira no vandalismo practicado por aquelle artista, quando mandou cortar as cabeças e braços aos apóstolos que estavam n'uma casa proxima e dependente do refeitorio de Santa Cruz hoje em posse da sociedade dos artistas: e finalmente que o mesmo sr. dera ainda ao mencionado architecto a esphera do antigo pelourinho d'esta cidade, e uma vidraça antiga e rara contendo pintadas as armas de El-Rei D. Manoel».

O presidente dr. Manoel dos Santos Pereira Jardim escreveu uma primeira carta ao Possidonio, reclamando os objectos em termos violentos, com data de 28 de Junho; recebendo porem um officio dêste com data de 29 de Junho, respondeu em termos mais cortezes em data de 2 de Julho, pedindo a devolução immediata do tumulo e acrescentando :

«Ácerca da bandeira de vidro que v. ex.^a levou, e das figuras que constituem o apóstolado, que v. ex.^a pedia em o seu officio de 28, a camara tomará na sessão proxima a decisão que for mais justa e será comunicado a v. ex.^a convenientemente».

Referindo-se a esta parte do officio, voltava no número 1313, Martins de Carvalho, com a energia tenaz que distinguiu sempre as campanhas do illustre jornalista a favor dos interêsses desta cidade, qualificando, como devia, a mutilação do *apostolado* :

«Pergunta-se ao sr. presidente da camara municipal, se já a vereação resolveu ácerca dos objectos, que d'aqui levou o sr. Joaquim Possidonio Narcizo da Silva, como no officio dirigido a este architecto prometteu o sr. dr. Manoel Jardim.

E no caso affirmativo queremos saber tambem em nome dos interesses deste concelho, se já voltaram para cá as *propriedades inalienaveis*, segundo a verdadeira frase do sr. presidente, e que por elle foram *alienadas*, ou em cuja *alienação* elle consentiu a saber :

1.º A esphera do antigo pelourinho desta cidade.

2.º A pedra com um letreiro, que estava no antigo arco da rua Alegria.

3.º Duas columnas da antiga capella dos meninos da *Pavalhã*.

4.º A vidraça pintada com as armas de El-Rei D. Manoel.

5.º As cabeças e braços decepados aos apóstolos por estúpido vandalismo.

E quaesquer outros objectos não mencionados, que o mesmo architecto levasse.

É muito desagradável seguir esta questão na actas da Camara.

Na acta da sessão extraordinária de 4 de Julho a primeira depois da de 26 de Junho lê-se apenas :

«Do presidente da Sociedade dos Architectos, respondendo ao officio d'esta Camara, e declarando que ia dar as suas ordens para ser restituído ao seu antigo logar o mausoleu de D. Rodrigo de Carvalho.

«O presidente então mandou ler os officios, que lhe havia remetido logo que tivera noticia do desacato praticado pelo sobredito architecto sem authorisação da Camara».

Não se tratou por isso, nesta sessão, como publicamente prometera o presidente, nem da bandeira de vidro nem das figuras do apostolado que se diziam pedidas por um officio de 28 de Junho que nunca existiu.

Na de 20 do mesmo mês :

«De Joaquim Possidonio alias um officio de Joaquim Possidonio Narcizo da Silva, acompanhando a publica forma d'uma carta que dirigira ao administrador de João Victorino Moraes Duarte e Silva e a sua resposta, por onde mostra que elle Possidonio fora authorisado a levar para Lisboa o tumulo de D. Rodrigo de Carvalho, o que não fizera furtivamente e promptificando-se para remetter o tumulo em questão para o local d'onde o tirára, pedindo ao mesmo tempo reparações das accusações que lhe tem sido feitas.

«A Camara tomando conhecimento d'este officio e dos documentos que o acompanham, retira qualquer expressão offensiva, que porventura lhe tenha sido digo tenha dirigido em seus officios, e pede para ser restituído com brevidade a Coimbra o tumulo alludido».

Em sessão de 27 de Julho:

«A Camara deliberou dar um voto de confiança ao seu Presidente,

a fim de tratar em Lisboa... a aquisição dos objectos que desta Cidade levára para Lisboa o Presidente da Associação dos Architectos Joaquim Possidonio Narciso da Silva» p. 64.

Na sessão de 27 de Maio de 1867.

«Disse o Presidente que recebendo ha dias um requerimento de Elesiario Vaz Preto Casal em que pedia se lhe certificasse se em Janeiro de mil oitocentos sessenta e seis existiam na Camara uma bandeira antiga de vidraça com as armas reaes coloridas, que foi tirada de uma capella do Mosteiro de Santa Cruz; a esphera do pelourinho; as columnas douradas da capella dos Meninos de Palhavã; o letreiro do antigo arco d'Alegria; e se as cabeças e braços foram decepados aos Apostolos, que se achavam na casa do refeitório de Santa Cruz, e qual o destino que tiveram, mandara lançar o seguinte despacho:

— «Não havendo na Secretaria da Camara documento a que possa referir-se a certidão pedida na primeira parte d'este requerimento, não ha que deferir.

«Que hoje o mesmo replicára, pedindo se fizesse presente á Camara o seu requerimento na primeira sessão a fim d'esta «lhe attestar ou mandar attestar se os taes objectos existiam em seu poder quando tomou posse em Janeiro de mil oitocentos sessenta e seis, e se ainda hoje existem ou o destino que tiveram».

«A Camara deliberou se lhe desse o seguinte despacho: Não competindo ao suplicante ou a qualquer particular tomar contas á Camara dos actos da sua administração, não ha que deferir.

«O Vereador David mandou para a mesa a seguinte declaração de voto: — O Vereador David votou contra o despacho da Camara por ter conhecimento dos objectos em questão, os quaes se achavam depositados no archivo d'esta Camara quando se tomou posse. Coimbra vinte e sete de Maio de mil oitocentos sessenta e sete. *David de Souza*».

Pode causar surpresa o interêsse que Joaquim Possidónio Narciso da Silva mostrára em levar os braços das figuras do apostolado para Lisboa. Se se comprehende facilmente a admiração que poderiam inspirar-lhe as cabeças de um desenho tão forte, de expressão tão variada e tão original, o mesmo se não comprehende para os braços que mandara serrar com as cabeças segundo os documentos que publicamos. Tudo se explica porem conhecendo a construcção do apostolado. As figuras não eram inteiramente de barro. Os braços eram na sua maioria de madeira. O artista fora obrigado a fazê-las

assim por ser impossível lavrar em barro os gestos dos apóstolos, na sua maioria com os braços afastados do corpo, as mãos violentamente movimentadas. Os braços de madeira entravam nos encaixes de barro que o artista deixara aberto nos troncos; eram por isso faceis

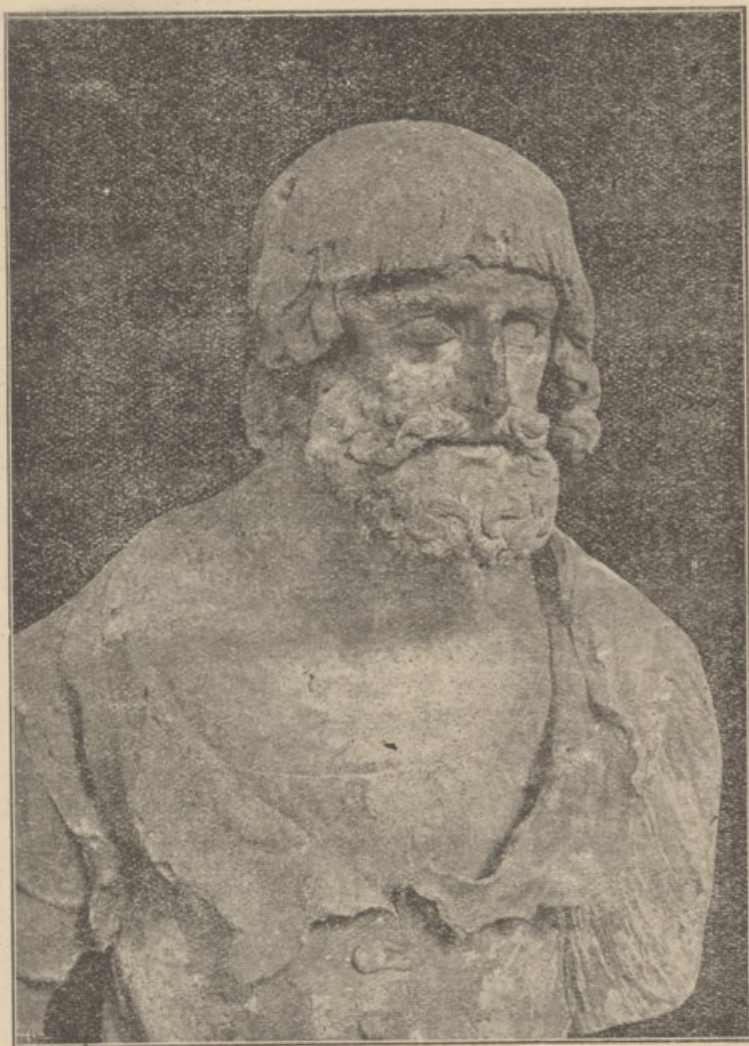


Fig. 4 — Um apóstolo — escultura em barro de Udarde

de tirar... e faceis de levar. Por êles começou mais tarde a dispersão dos fragmentos do apostolado por Coimbra.

Um dêles vimos nós muitos anos, ignorando a sua nobre origem, ao fundo da hoje rua Martins de Carvalho, sustentando um dente, de reclamo ao cirurgião dentista Dominique, que ali tinha o seu consultório.

Os outros tiveram destino menos conhecido, mas espalharam-se também pela cidade.

Por êles começou a dispersão do apostolado. As cabeças foram salvas pelo meu amigo António Augusto Gonçalves que as comprou, ignorando a sua origem, a um guarda da Associação dos Artistas que com a última lhe revelou o sítio em que as encontrara.

Quando, mais tarde, o sr. António Augusto Gonçalves fez parte da vereação de Coimbra, explorou a sala da Associação dos Artistas, recolheu o que restava e fez a restauração do grupo como lhe foi possível. Ofereceu por essa ocasião ao museu que a Câmara organizara, as cabeças que tinha comprado e um pé que possuía e cuja procedência ignorava, mas que pela modelação e pelo desenho não deixava dúvida de ter pertencido a uma das estátuas a cujos fragmentos perfeitamente se ajustava.

A capela do apostolado estava num pavimento superior ao do refeitório. O da sala da Associação ficava superior a êste, mas inferior ao da capela.

Quando mais tarde se transformou a capela do apostolado no gabinete de leitura e sala das sessões do conselho da Associação, tiraram os braços às estátuas e quebraram-se estas, deitando os seus restos para baixo e cobrindo-os com o entulho, o *outro entulho* das obras!...

Foi por isso laboriosa e longa a exploração do sr. António Augusto Gonçalves, não só pela dificuldade de remoção do entulho que envolvia os restos das estátuas, como pelo sobrado superior que obrigava a trabalhar com o corpo dobrado, sem ar e sem luz.

O resultado porém foi bem compensador de mais estas fadigas do ilustre artista a quem a arte portuguesa tanto deve.

Custa a acreditar que tais vandalismos se realizassem e não houvesse contra êles uma só palavra.

Faz lembrar o caso daquela rude gente de Lorvão, impedindo a remoção de um frontal de azulejo do convento para o museu Machado de Castro *porque era dêles*, e destruindo-o depois *porque era dêles*.

Das catorze figuras do apostolado salvaram-se, além das que reproduzimos, a de S. Pedro que mais tarde se partiu e se perdeu na Escola Livre das Artes de Desenho, figura calva do mais vigoroso modelado, e outra que conserva o sr. António Augusto Gonçalves que, pelo banditismo que o artista se comprazeu a acentuar na máscara, na atitude, e no trajar, deve ser a de Judas Iscariote.

A descrição das obras de adaptação do refeitório encontra-se em *O Conimbricense*, n.º 2229 (5 de Dezembro de 1868) com o título — *Noticia historica*.

Ai, Martins de Carvalho, depois de se ter referido à noticia publicada no n.º 2010 do mesmo periódico, que transcreve, acrescenta com aquele cuidado de miuda e erudita informação que distinguia os seus artigos:

«Temos agora a acrescentar, que a Associação dos Artistas separou o grande salão que servia de refeitório, da capella chamada da cêa do Senhor, ou do apostolado; e desta fez gabinete particular de leitura e casa para as sessões do conselho da Associação.

«Ultimamente, em razão de se ter de colocar na referida casa que foi capella do apostolado, um grande armario, que se mandou fazer e que foi folheado com bonita madeira de Sebastião d'Arruda, doativo do sr. commendador Manoel Lourenço Baeta Neves, teve de se proceder a algumas modificações na casa, sendo por essa occasião de novo pintado o tecto.

«Hontem, quando se estava a despregar do tecto um florão, achou-se mettido n'elle um bocado de pergaminho, muito bem conservado, com a seguinte noticia em manuscrito, que com toda a fidelidade para aqui copiamos:

Ihūs

«No anno de 1568 se restaurarão as imagēs desta capella q̄ estavam mui desnificadas e se pintou toda por Dõ Augustinho & dõ Bernardo conegos sendo p̄or della Dom Jorge.

«Ha por tanto exactamente tres seculos, que a capella do apostolado foi restaurada.

«E note-se o quanto os conegos regrantes eram no seculo xvi curiosos e amigos das artes pois que não só elles mesmos compunham e imprimiam na imprensa que naquella mesma epocha tinham no seu mosteiro, (tiveram a imprensa desde 1531 até 1577); mas eram igualmente pintores como se vê da noticia que acima damos, copiada do pergaminho hontem achado. E eram pintores de muito bom gosto, de que dá testemunho a referida casa, que foi capella.

«Diz-se no pergaminho acima mencionado, que a capella do apostolado fora pintado pelos conegos D. Agostinho e D. Bernardo, sendo prior D. Jorge. Como esclarecimento diremos, que este prior era D. Jorge Barbosa, natural de Coimbra, filho do capitão Diogo Barbosa de Azambuja e de D. Maria Loba, neto do barão de Alvito. Foi eleito prior geral em 15 de Junho de 1566.

«Com este prior é que no tempo de S. Sebastião houve as celebres contendias ácerca das aguas da quinta de Santa Cruz, que foram introduzidas na canalisação para o bairro alto da cidade».

E assim desapareceu o apostolado do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, restando como prova da admiração dos contemporâneos o pequeno pergaminho que podemos reproduzir por nos ser isso permitido generosamente pelo sr. general Martins de Carvalho que conserva a curiosa antigualha numa das miscelâneas da sua preciosa livraria.

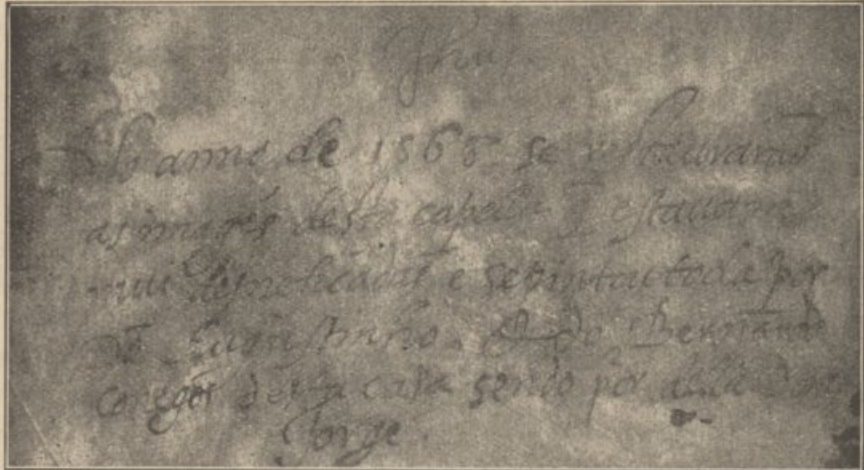


Fig. 5 — Pergaminho encontrado num florão da capela do Apostolado

Começou a sua destruição o presidente de uma associação de arquitetos e arqueólogos, consumou-a uma associação de artistas...

São para arquivar também algumas palavras de desforço escritas pelo presidente da Câmara dr. Manoel Jardim a tal respeito.

Num comunicado publicado com o título — O presidente da Câmara de Coimbra ao público —, no número 2090 de *O Conimbricense* (6 de Agosto de 1867) escrevia com evidente desdem o dr. Manuel Jardim:

«Imputaram-nos o desaparecimento dos paços do concelho, d'uma vidraça, em que estavam pintadas as armas de El-Rei D. Manoel, umas cabeças ou braços d'umas figuras de pedra, o tumulo d'um bispo, e não sabemos que mais, levadas pejo presidente da associação dos architectos de Lisboa para o museu da mesma associação.

«Não ha accusação mais banal, nem mais destituida de fundamento.

«Nunca vimos estes objectos, excepto o tumulo depois que veiu de Lisboa. Ignoravamos que existissem nos paços do concelho, e nem dispozemos nem auctorisámos ninguem a dispor d'elles.

«Dois officios publicados em tempo no *Conimbricense*, que dirigimos ao presidente da associação dos architectos, mostra até á evi-

dencia que fomos estranhos a todo este negocio, não só porque n'um d'elles empregamos expressões offensivas áquelle cidadão, mas porque n'outro lhe extranhavamos muito que elle se não tivesse dirigido a nós, para receber quaesquer informações ácerca das cousas do municipio.

«Não liquidámos este negocio, porque entendemos que não o devíamos fazer; preferimos antes carregar com toda a responsabilidade do acontecido. As exigencias da imprensa, minaram só desconceituar a camara por causa do mercado.

«Quiz-se dar vulto e as honras de questão politica contra a camara a um negocio de cascas d'alhos. E ainda bem que não havia outros de que lançar mão.

«Mesmo sendo verdade que a camara havia cedido aquelles objectos para serem arrecadados em um museu, ficava-se sabendo, que toda a vereação era corrupta, devassa, etc., não por ter roubado alguma coisa para si, mas por ter em pouca conta aquillo que ella entendeu não ter valor intrinseco!! E o Sr. Jardim, presidente da camara o peor de todos, porque a elle lhe cabe maior responsabilidade!! Quem os não conhecer que os compre.

«E nem nós teríamos ainda hoje tocado neste objecto, se o sr. vice-presidente da camara na nossa ausencia, não houvesse declarado em plena sessão, que não nos cabia responsabilidade alguma na sahida d'aquelles objectos dos paços do concelho ¹.

¹ Reza assim a acta da Câmara de 27 de Julho, a que o dr. Jardim se refere: «A camara tendo conhecimento dos insultos que o *Conimbricense* n.º 1.303 de 24 de Julho corrente dirige ao seu presidente, entende do seu dever como corpo moral, e honra de cada vereador como individuos declarar:

1.º Que até hoje todos os actos e documentos da presidencia tem sido unanimemente approvados por toda a vereação;

2.º Que a camara toma, perante o público e perante os tribunaes competentes, toda a responsabilidade d'aquelles actos;

3.º Que cada vereador tem a independencia necessaria para censurar ou combater as ideias e os actos da presidencia, ou de qualquer outro dos seus collegas, quando for necessario;

4.º Que recebemos como dirigidos a todos nós, em geral e a cada um em particular as censuras ou insultos de qualquer jornal ao presidente da camara, por actos praticados até hoje na administração do municipio;

5.º Cada um de nós daclina os louvores individuaes, que porventura algum jornal haja de lhe dirigir pois que na harmonia em que temos vivido qualquer acto official representa o pensamento de todos, e o elogio ou censura cabe igualmente a todos os vereadores;

6.º Que esta vereação não carece, que este ou aquelle partido aceite a responsabilidade dos seus actos; porquanto entende que a administração do municipio não

«Fique porem bem assentado, que não declinamos de nós toda e qualquer responsabilidade, que os tribunaes superiores devam exigir da camara nesta ou noutra qualquer pendencia municipal».

O apostolado de Santa Cruz deve ter sido sempre muito apreciado, não só pela superioridade de execução que faz dêle uma obra-prima do Renascimento, como pelo character dramático da composição, accentuado pela sua disposição ao fundo da maravilhosa casa de refeitório, de abóbas elegantes e de altas janelas deitando luz a jorros sobre as mezas de pedra branca de Ançam, assentes sobre colunas de capiteis delicadamente lavrados.

Ficava o grupo por detrás da meza do prior, ao fundo da sala (nascente) entre os dois púlpitos abertos na parede com graciosas decorações em pedra e dentro de um arco que o emuldurava e lhe aumentava o efeito.

A menção mais antiga que dêle anda em livros é a da *Descripçam e Debuxo do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra* (1541), em que D. Francisco Mendanha diz das imagens que são *divinissimas e que parecem de grande valor*.

E não há na história mais palavras de louvor à grande obra que as de D. Nicolau de Santa Maria na crónica que escreveu dos cónegos regrantes de S. Agostinho.

Não encontrei nunca, entre os velhos que conheço, nenhum que me descrevesse o apostolado e se lembrasse de o ter visto.

Com a extinção das ordens religiosas o refeitório de Santa Cruz foi transformado pela Câmara em depósito de material e não se abriu mais senão em ocasiões de serviço e para o pessoal da Câmara, naturalmente sem preocupações artisticas de nenhuma ordem.

Pelo que dêle ficou pode imaginar-se, com quanto não completamente, qual seria a disposição das figuras.

Os apóstolos agrupavam-se em volta da mesa da última ceia, deixando completamente livre um dos lados maiores da mesa.

O outro, o do fundo era occupado por Cristo e oito apóstolos.

pertence a partido algum. Se alguém pensa o contrario faz grande injustiça e a maior offensa a toda a vereação actual;

7.º Que esta procurára informações officiaes e testemunhas para reivindicar terrenos que se dizem usurpados ao municipio, e não obteve nenhuma das cousas;

8.º Que será prompta em acudir com as providencias adequadas, logo que tenha codhecimento de qualquer usurpação nos bens ou regalias do municipio (de que tem dado exuberantes provas), mas que em quanto não tiver documentos escriptos ou testemunhas para tentar qualquer processo judicial não malbaratará o dinheiro do povo em questões de capricho».

Esta acta foi reproduzida no n.º 1306 de *O Conimbricense*.

Os outros quatro sentavam-se, em grupos de dois, nos lados menores.

Os apóstolos deixam cair os mantos sobre os escabelos em que se sentam. As pontas dos mantos veem no maior número cruzar-se sobre os joelhos, cobrindo as coxas.

Só o Cristo não tem manto. Neste, apenas a túnica que parece inventada por Rodin, na sua execução sumária, na simplicidade das suas pregas, na forma como se agarra à carne parecendo às vezes fazer corpo com a pele.

As figuras do apostolado são exemplares preciosos para a história do traje popular do século XVI. Como em toda a escultura coimbrã da mesma época, os tecidos são representados por tal forma que se lhes pode fixar sem duvida o peso, a espessura, a transparência. Os pormenores do traje são dados com a mesma fidelidade escrupulosa; na representação de botões, aselhas, correias e fivelas nos cortes dos justilhos, nos bordados das camisas.

Ao meio, erguia-se a estátua de Cristo (Fig. 2, pág. 423), numa atitude recolhida, braços unidos ao corpo, as mãos levantadas com os olhos para o ceu. É um Cristo novo, de barba e cabelos frisados e cuidados, figura fina e aristocrática, o corpo coberto por uma túnica de pregas soltas e simples, os lábios entreabertos deixando correr naturalmente as palavras como o doce cantar da água de uma fonte pequenina.

É difícil e perigoso querer identificar as figuras com as dos diversos apóstolos, a não ser com a de S. João, a cabeça hoje perdida de S. Pedro, mas que eu ainda pude admirar, e a de Judas que pertence à colecção da sr. António Augusto Gonçalves.

Contrastam com a serenidade da figura de Cristo, as dos outros apóstolos sobre que parece ter passado um vento de tempestade, em atitudes de assombro e de protesto.

As atitudes como as fisionomias são das mais variadas.

Nalguns, os troncos caem ao péso da dôr, noutros dobram-se e vergam em luta com ela. Outros levantam alto o peito num movimento forte e voltam as cabeças a olhar para Cristo como águias inquietas para o sol.

Há bocas que sorriem de dúvida, outras descaem numa expressão dolorosa, abrem-se outras de espanto ou fecham-se numa crispação de cólera.

Não se repete uma fisionomia, não há o desdobramento de uma atitude.

O escultor não procurou dar às figuras o tipo judaico, ao contrário do que fizeram alguns pintores portugueses da mesma época,

é ver dade que em personagens que o artista pretendia tornar anti-páticas.

Para os artistas do século XVI Cristo e os apóstolos eram personagens divinas diferentes dos outros judeus, execrados e perseguidos como criminosos.

Udarte era um escultor naturalista. As suas figuras são copiadas do natural, o que aliás é comum na mais bela escultura coimbrã do renascimento e facil de demonstrar. Não encontrou, parece-me, porém os modelos para o seu apostolado nos portugueses com quem vivia. Os tipos do apostolado não são do nosso povo. Explica-se bem a facilidade maior que teria em achar modelos nos operários franceses que andavam com êle nas obras de Santa Cruz. Algumas figuras são porém de tanta distinção que me não parece difficil que o artista as pudesse encontrar nos lavrantes que dirigia.

A carne posta intencionalmente à mostra nos peitos das figuras é, excepto na de S. João, carne forte, endurecida ao sol e ao vento, agarrando-se aos ossos cuja valentia acentua. Há uma cabeça calva que é uma bela e grande lição de anatomia.

De todas as figuras é para mim a menos bela a de S. João, andrógino rústico, feminino no trajar, no arquear pretencioso do braço, no gesto da mão rude tentando baldadamente esboçar um movimento gracioso, de olhos parados à flôr do rosto, lábios grossos e fortes, bôca alvarmente aberta, a babar-se de beijos sem sabor.

Udarte andava bem longe das preocupações do grande e inquietante Leonardo.

A beleza das outras figuras faz esquecer porém, a inferioridade da do discípulo amado.

Os cabelos são ora corredios, ora ondeados. Em uma emolduram o rosto em caracois naturais de uma grande beleza decorativa (Fig. 4, pág. 437). Noutro o cabelo e a barba dispõe-se em mechas que o artista tratou com felicidade.

Os pés fortemente musculados, ficam-se no chão como garras de águia (Fig. 1, pág. 422).

São figuras heroicas, personagens dignas de um banquete de Homero.

A impressão que deixam é, ainda hoje, a da admiração e espanto, apesar de faltarem os braços que deviam atar-se naquela ronda de paixão.

DOCUMENTO XIX

LOUÇA SE NÃO UENDA NAS LOGIAS DA PRACA

C.^{to} C.^{to} x7

Aos seis dias do mes de marco de mil e quinhentos E outenta e sinco annos acordaraõ E mandaram em camara q̄ pera se euitar a regataria da louca nenhuã pesoa uenda a louca se naõ nas olarias, E sitio dellas aonde sempre se uendeo, E as casas da praça serem necessarias p^a uendas de mercançea E outros tratos que praca se costumaõ uender E por outros iustos respeitos que a isso se offerecem sob pena de quem for achado depois do pregaõ deste a uender a dita louca na praça encorrer nas penas contheudas atras que sam feitas sobre os regatõis E mandaraõ que a dita lousa se uendesse da Esquina das casas de Luis brandaõ p.^a baixo, Pero Cabral o escreui

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, *Posturas e Correições*, 1404-1703, fl. 69.

DOCUMENTO XX

ATRAUESSAR A COUSA DE COMER NEM LOUCA E OS OFFECIAIS DE OFFICIOS MECANICOS
CUMPRAM AS TAIXAS DE SEUS OFFICIOSC^{to} C^{to} x17

Aos noue dias do mes de marco de mil e quinhentos E outenta E cinco Annos nesta camara se acordou estando prezente o Corregedor da comarqua que nenhuã pessoa de qualquer calidade condisaõ q̄ seia nesta cidade e termo nam compre cousa alguã de mantim^{tos} . . . comer p^a tornar a reuender E isso mesmo . . . ssoa podera comprar louca p^a tornar . . . alquer sorte que for, Ea que uier de fora . . . prar por licenca da camara o tempo que se limitar que uenda por si propio, E as pessoas que ouerem de uender na praca uenderaõ com licenca da camara so pena . . . ntrario fizer e for achado ou se lhe prouar que regatou os ditos mantim^{tos} emcorreram pella prim^{ta} ues em pena de mil rês, E pella segunda em pena de dois mil rês, E pella terceira em dobro, E alem diso sera publicam^{te} asoutado, as quaes penas seraõ ametade p^a os catiuos E outra pera a cidade, E p^a os meirinhos, ou outra qualquer pessoa sera a terca parte das ditas penas p^a os ditos acuzadores, E a outra p^a os catiuos, E outra p^a a cidade, E quãto he aos iornaleiros, E offeciais de officios macanicos cumpriraõ as taxas de seus officios que nesta camara tem feito sob pena de pagarem pella primeira ues quinhentos rês, E polla segunda mil res, E polla terceira sepostos a uergonha diguo serem postos a uergonha ao pee do pelourinho emquanto se isto se nam confirma por sua Magd.^e se goardarã as posturas que a camara sobre isso tem feito. E aqui assinaram com o dito Corregedor, Pero Cabral o escreui, Bras de figueiredo, Miguel fr^r, Leitaõ, figueiredo, Manoel de Melo, Joaõ de Araujo, Alvaro de faria, Jeronimo fr.^{co} Simaõ Píz.

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, *Posturas e Correições*, 1401-1704, fls. 69 e 63 v.^o

DOCUMENTO XXI

OLEIROS DE TELHA E TIJOLO, E MALGUEIROS llx5

Outrosim acordaraõ q̄ todos os oleiros tenhaõ as formas necessarias pa o tijollo, E telha q̄ fizerem, E as aferiraõ todos no mes de Jan^{ro} de cada Anno Sob pena de quem o comtrario fizer pagar quinhentos rês, ametade pera a Cidade E a outra pera quem os acuzar, E isto se entendera tambem nos malgueiros, E as pessoas q̄ as naõ tiuerem as faram, E aferiraõ dentro de des dias depois desta postura Ser apregoada, E naõ terem as formas dobradas sobre a dita pena

As quais posturas foraõ apregoadas por Ant^o Afonso porteiro na praca, E lugares publicos desta Cidade parante mim escriuaõ, Gaspar fřz o escreui aos cinco dias do mes de feuro de mil E quinhentou, E outenta E seis Annos Gaspar fernandes o Escreuj.

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, *Posturas e Correções*, 1401-1704, fls xxx3 v.º e xxx4.

DOCUMENTO XXII

Aos vinte e hũ De De mil quinhentos

[Em branco]

J nesta cam^{ra} se acordou q̄ pollo gramDe exeso e numero De priuilegiados q̄ auia nesta ciDaDe: cõ q̄ a cam^{ra} tinha e caDa huũ ano m^{tas} DuuiDas De q̄ se Recresia m^{tos} jncõueniẽtes q̄ auia e os priuilegiados uemderẽ e os m^{tos} perjuizos e danos q̄ e isto vynha á Republicua porq̄ vedia liuremte como queriaõ sem ter cõta cõ as pustras e penas Delas porq̄ logo se chamauaõ a seu priuilegio E Ao juiz nelle dado como se tem uisto por experiencia E asy paDecia a Republicua por naõ os poDerẽ castigar os vereadores nẽ os almotaceys nẽ eles satisfazem; E ho os encargos a q̄ saom obrigaDos: E a Republicua padecia niso Detrimẽto e era mal governada por Resp^{to} De tã gramDe numero De priuilegiaDos e se quererẽ jzentar das obrigações Do cõ e naõ quererẽ estar nem . . . as pusturas e Regim^{to} desta cid. . . e por tamto acordaraõ q̄ nenhũ priuilegiado vemdesse nẽ suas molheres sem prim^{ro} vyrẽ a esta cam^{ra} Renunciar seu priuilegio e Declarar q̄ naõ se chamaraõ a juiz de seu foro quãdo se pceder cõtra elles por naõ guardarẽ as posturas como saõ obrigados posto q̄ seu prluilegio lhes pode servir pa outras m^{tas} cousas porq̄ naõ o fazendo elles asi auera outros q̄ saõ priuilegiados q̄ quereraõ vender sometendo se em toDo as pustras e Regim^{to} da cam^{rae} asy a ciDaDe sera bem Regida e se fara verdade e justca sem . . . arẽ q̄ se haõ de chamar a exenpcaõ dos taes priuilegios porq̄ outro sy ficaõ m^{ta} desigualDaDe dos q̄ saõ priuilegiaDaDos (sic) pa os q̄ naõ saom se ouuerẽ de ficar todos iguaes pa este efeyto de ficarẽ huũs e outros sogeytos a jurisdicaõ Da Cam^{ra} pa proceder cõtra eles q^{do} achar q̄ fazẽ o q̄ naõ Deuẽ e por naõ acharẽ outro Remedio mais cõueniẽte pa se atalhar Aos males q̄ se sigiaõ De nõ se uzar Disto asy o Detriminaraõ: Digo asy o Detryminaraõ e asẽtaraõ por prol utilidade e bõ governo Desta Republicua . . . mandaraõ q̄ pa algũa cõ pena De Dez cruzados e da caDea naõ exercite officio alguũ nesta cidade sem prim^{ro} uirẽ mostrar cartas De seus officios e lcas pa poDerẽ vemDer e exercitar qll. q̄r officio De VemDeDeiras e VemDros: e asy officios de marc^{ro} e merquansia q̄ naõ poDeraõ vemDer suas merquancias se lca Desta cam^{ra} nẽ outra qllq̄r pa q̄ abrir temDa posa sem prim^{ro} uir a esta cam^{ra} peDir a tal lca sob a dita pena q̄ mãDaraõ se apreguasse e Do pregaõ

em Dyamtes se executasse p^o cabral Da Costa s^{va}õ Da cam^{ra} p^o Cabral Da costa estipvaõ da cam^{ra} o spj.

E semdo asy feyto o Dyto AcorDo e pustr^a atras se Deu cõta Delle Ao cor alvro menDez Da mota cor nesta comarqua q̄ veo a esta cam^{ra} e lhe foy lido De verbo ad verbum e comunicuaDo cõ elle mui miudante o q̄ll aprouou cõforme a extra-uagãte e o asinou o Dito cor cõ elles juiz e vres e p^{dores} e mamDaraõ q̄ se Cumprisse assi e Da man^{ra} q̄ e elle se cõtem p^o Cabral o spj

.....
luis de saa

.....
fr^{co} semois

.....
carn^o

Montr^o

Joam carvalho

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Vereações 1588-1589 fls. 12 e seg.

DOCUMENTO XXIII

Vereação

Aos simquo Dias do mes De outubro De oytéta oyto anos e esta ciDaDe De cojmbrã e Cam^{ra} Della omDe estauã Juntos e vereação Symaõ De ualle Juiz De fora martim carn^o Luis De Saa Symaõ Trauacos vereadores e jo glz mōtro p^{dor} Da ciDaDe e Jo carvalho e fr^{co} Symois p^{ro} curadores Dos Vimte e quatro Do povo os quais estando asy todos jutos fizeraõ vereação E ouuiraõ partes p^o cabral Da Costa o spj

J nesta cam^{ra} se praticou q̄ era gramDe p̄ Juizo Da sauDe Do povo os barbr^{os} e SamgraDores q̄ fazẽ samgrias samgrarẽ sem terẽ medidas Das tigelhinhas como sempre se costumou e por tamto mandaraõ e acorDaraõ q̄ toDos os barbr^{os} e pas q̄ poDem sangrar tenhã tegilinhas afiridas p^a se saber as oncas e quamtiDaDe De sangue q̄ tirãõ sob pena De que o cōtro fizer pagar mil rês De penna ametade p̄a esta cam^{ra} E A outra p̄a que os acusar pagos Da caDea e manDaraõ q̄ se apregoase p^o cabral o spj

Caru^o

Valle

luis de saa

symaõ trauaços

fr^{co} simois

Montr^o

joam carvalho.

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Vereações, 1588-1589, fl. 18 e segs.

DOCUMENTO XXIV

Vereação

Aos trinta Dias Do mes De junho De mil quinhentos e nouêta anos e esta ciDaDe De cojmbrã e cam^{ra} Della omDe estauaõ Jutos o l^{do} simão Do ualle juiz De fora go Lt^{am} vereador e jo Daraujo p^{dor} geral Da cidade e asy marcos lofz p^{dor} Dos vjte E quatro Do pouo e asy Amaro De gois outro sy procuraDor Dos xxiiij Do pouo os quais tlegeraõ para seruirẽ De almotaceijs . . .

J nesta cam^{ra} e e outras atras foi acorDado q̄ por auer gramde numero e grande exceso De priuiligidos por Respt^o Dos collegios e moestros incorporados nesta unversidaDe e Da mesma universidade: q̄ se não acha huã p^a para poDer seruir o co por q̄ as Ryguas e esforcaDas q̄ poDẽ seruir o co no prol cumũ essas sãõ as q̄ tem os priuilegios e trabalhãõ por os acquirir E naõ fiquaõ senaõ os mais pobres e mais

miseraveys q̄ naõ prestaõ para naDa e por tanto mãdaraõ e acorDaraõ q̄ Daqui ẽ Diãte naõ se passe nesta cam^{ra} carta De examinaçãõ para servirẽ officio mequanico alguũ nẽ see Dee lca nẽ Juram^{to} a vẽDeDeyra nẽ tavern^{ro} alguũ nẽ a outra pa semelhante para exercitar officio algũ sem prim^{ro} renũciar q̄llq̄r priuilegio q̄ tiverem e juizes De seu foro e se obrigaraõ servir a ciDaDe e co e pagar para os jogos e festas Della e estar polas pustras e serẽ executaDos polos almotacejis e esta cam^{ra} sob pena De serẽ achaDos a exercitar os tais officios sem a Dyta oBrigacaõ pagarem Dous mil res De pena ametaDe para a ciDaDe e a outra para quẽ os acusar e mãdaraõ q̄ se apregoase p^o cabral o spj.

.....

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, *Vereações*, 1591-1606, fls. 38 a 39 v.º

DOCUMENTO XXV

Transcrito com erro da data nas Posturas e Correições, 1404-1703, fls. xxx3 v.º e xxx4.

Aos uíte e quatro Dias Do mes De outubro De mil quinhẽtos nouẽta anos ẽ esta ciDaDe De CoJmbra e cam^{ra} Della omDe estavaõ Jũtos o l^{do} Symaom Do ualle Juiz De fora go l^{tam} frco pa vereadores e Jo Daraujo p^{lor} Da cidade e amaro De gois procuraDor Dos uíte e quatro Do pouo os quaes estamDo asi toDos fizerã vereacaõ e ouiraõ partes p^o Cabral o spj

J nesta cam^{ra} foy acorDaDo e manDaDo q̄ a pustrã q̄ estaua f^{ta} Dos anos atras sobre a taixa q̄ os peDreyros e carpĩtros e seruidores auiaõ De leuar se comprisse sob as penas ẽ ellas cõtheudas porq^{to} polla bõDaDe De noso sõr este año auia m^{to} paõ e v^o e valia barato: o q̄ asi manDaraõ se cõprise sem ẽbargo De terẽ manDaDo q̄ se sobre estiuesse na taixa Dos sobreDitos ẽ q^{to} naõ prouiaõ nas outras: e elles carpintros agrauarẽ para a rolaçaõ Do porto e nãõ foraõ prouidos mãDarã q̄ as tayxas Dos Dytos carpintros e peDreyros e seruiridores (sic) se cõprisẽ sob as Ditas pennas e manDaraõ q̄ se tornassem apregoar e Do pregaõ ẽ Diamte se executassẽ p^o Cabral o spj cõ a antrelynha carpĩtros

J nesta cam^{ra} mãdaraõ mais e acorDaraõ q̄ o Regim^{to} f^{to} sobre a lousa Do baro se comprisse asy e Da man^{ra} q̄ se cõtinha nos acordos e regim^{tos} sobre isso f^{tos} sob as penas ẽ elles cõtheudas: e q̄ fossẽ auisaDos os olros e quaesq̄r outras pas q̄ laurarẽ obra De baro: naõ facaõ obra alguã q̄ a seu officio pertença ajmDa q̄ seja telha tigéllo e outra obra grossa senaõ do propio baro e naõ lhe lancem terra porq̄ alem De ser falciDaDe alem Da penna Della ẽcorreraõ ẽ pena De mil rês pagos Da caDea para esta ciDaDe e quẽ os acusar e manDaraõ q̄ se apregoasse e Do pregaõ se executasse p^o Cabral Da costa o spj

Symaõ do Vale
franco pereira

Amaro De
guoes.

go l^{tam} tro
yo daraujo

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, *Vereações*, 1590-1606, fls. 67 e segs.

DOCUMENTO XXVI

Vereação

Aos uimte e Dous De nov^{ro} De mil quinhentos nouêta anos é esta ciDaDe De coimbra e cam^{ra} Della omDe estavao Juntos é vereação o 1^{do} Simão De ualle Juiz De fora go 1^{am} Diogo aranha Jo p^{ra} De saõ paio vereadores Jo Darauio p^{dor} Da ciDaDe e amaro De gois e marq^{os} lofz p^{dores} Dos vjete e quatro Do pouo semdo chamaDos as p^{as} Da governanca e uíte e quatro do pouo por port^{ro} e sino tangiDo segDo custe antigo Da ciDaDe todos ao aDiãte asinaDos = os quaes estamDo asy todos jutos lhes foy Dito q̄ esta cam^{ra} tinha f^{to} huñ acorDo sobre a lousa naõ ser v^{di}Da por Regatia e q̄ os ol^{ros} e maleguyros e as mais p^{as} q̄ a fazem e lauraõ a vemDessê e mandassê v^{der} é suas logias e casas por sy suas molheres e familiares e jsto no sitio Das olarias ate a esquina Das casas De luis braõDaõ como no Dyto acorDo mais largam^{te} se cõtinha semDo emformaDos Do perjuizo q̄ auia nã se uemDer a Dita lousa por regatia e asy q̄ se vemDesse Da esquina Das casas Do Dito luis braõDaõ p^a baixo e nas Ditas olarias por justos Resptos posto q̄ os ol^{ros} e malegros tenhã casas p^a syma aprouaraõ e cõfirmaraõ o Dyto acorDo e mandaraõ q̄ se comprisse asy e Da man^{ra} q̄ em elle se cõtê sob as penas é elle cõtheudas: de q̄ manDaraõ fazer este acorDo q̄ asjnaraõ p^o cabral Da costa o spj cõ o Risquado asyma q̄ Dizya asy mais lhes foy preposto E na antrelynha q̄ diz por Justos Resptos q̄ os ol^{ros} e malegros tenhaom casas suas p^a syma: p^o cabral o spj.

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Vereações, 1590-1606, fl. 80 v.º e segs.

Aos uimte e quatro Do mes De nov^{ro} De mil quinhētos noventa anos foy apregoado o acordo cõtheuDo atras f^{to} sobre a Regatia Da lousa e q̄ se naõ vemDa senaõ Da esquina De luis bramDaõ p^a baixo e naõ p^a sima posto q̄ tiuessê casas De seu os ol^{ros} e malegros sob pena De Dous mil rês e da cadea cõforme Ao Acordo o q̄ll foy apregoado por ant^o a^o port^{ro} é esta cidade na praca della e no arquo de Jorge vaz e olarias e asinou aquj o port p^o cabral o spj cõ a ãtre linha p^a baixo

amt^o a^o

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Vereações, 1590-1606, fl. 85 v.º e seg.

DOCUMENTO XXVII

Vereação

Aos Dous Dias Do mes De abril De mil quinhētos novemta e quatro anos é esta ciDaDe De Coimbra e cam^{ra} Della omDe estavao Juntos Inacio band^{ra} Juiz De fora Jo glz De Seq^{ra} braz nunez mascharenhas vereadores e ant^o Da Costa e Dos p^{iz} p^{dores} Dos uimte e quatro do pouo fizeraõ vereação euuiraõ partes p^o cabral o spj

nesta cam^{ra} se asentou e acorDou q̄ cumpria p^a bem Da just^{ca} guarda e quietacaõ Da cidade e p^a boõ governo Dela q̄ todos os officiais De officios maquaniqus marc^{ros} temdeyros e merquaDores sejaõ obrigaDos Do pregã Deste é Diamte Dêtro é oito Dias prim^{ros} seg^{tes} terê todos croques é suas temDas prestes os quais croques teraõ gancho p^a acuDirem arojdos e diliquêtes quando cump^{ir} como dantigam^{te}

se custuma fazer e aprouaraõ esta pustura e manDaraõ q̄ Daqui e Diamte se cū-
prisse sob pena De q̄llqr Dos Sobre Ditos q̄ naõ tiuer os Ditos croques postos nas
Ditas temDas e portas Dellas pagerem De pena mil rês De pena pagos Da caDea
ametaDe pa esta ciDaDe e acuzador e maõDaraõ q̄ se apregoase e do pregaõ se
executase pº Cabral o spj e os croques seraõ De comprido De Doze palmos pa
sima Da aste o q̄ asi cūpiriaõ sob a Dita penna pº Cabral o spj

Sequeyra
Amtº da costa

Carnº

Bandeira
masCarenhas
domingos piz.

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, *Vereações*, 1593-1594, fls. 139 v.º e segs.

Aos vinte E Simº dias do mes de Junho de nouemta E quatro Anos nesta
cidade de Coimbra E camera della omde Estauaõ Junttos fazemdo vreaçaõ Luis
de Saa Roque tauares Jeronimo Ramgel baltezar dazaredo vreadores pamtaliaõ
barboza procurador geral da cidade E amtº monteiro E dºs piz procuradores dos
Vte E quatro do pouo Estamdo todos Junttos fizeraõ vreaçaõ E ouuiraõ partes
pº Cabral Collaço ho spj.

nesta camera se asemtou E acordou q̄ huí acordo fizeraõ os vreadores pasados
sobre os croques se Emtemde q̄ os ortellõis allmocreues Estallaiadeyros E pastel-
leiros E oleyros saralheiros E todo qualquer official de guanhar drº saõ todos obri-
gadoş de terẽ todos croques sob a penna do acordo pasado q̄ confirmamos q̄ hee
mill rês E asinamos aquy Pº Cabral Collaço ho spj

luis de Saa

Baltazar dazdo pamt
Antº montrº

Barbosa
Jmo Rangell homẽ
Domingos piz.

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, *Vereações*, 1594-1595, fls. 42 e 42 v.º

DOCUMENTO XXVIII

Vereação

Transcrita com as incorrecções do costume a fl. 62 v.º das Posturas e Correições.

Aos vinte sinquo de Janº e Digo de janº De mil quinhentos nouemta e sinquo
anos e esta ciDaDe De cojmbrª e camra Della omde estavão junttos e vacão Ruy
menDez Dabreu juiz De fora e esta ciDaDe De cojmbrª cõ alcada e Luis De Saa
Roque tauares Jrmo Rangell o Dtor bar Dazaredo: vadores pantaliaom barbosa pDor
Da ciDaDe antº mōtro e Dos piz pDores Dos Vinte e quatro do povo: os quais es-
tamdo asi todos fazemdo vacaõ e ouuiraõ partes pº Cabral o spj

J nesta camra se praticou q̄ Jha gramDe clamor e queyxas no pouo sobre a Lousa
q̄ os oleyros e outras pas vemDião nesta ciDaDe era mal consertaDa e coziDa e não
tinha a perfeycão q̄ comuinha por q̄ tanto q̄ chegaua ao fogo logo quebraua e es-
touraua e fendia por Respeyto Da jimperfeição no q̄ o pouo Recibia notauel perda
por q̄ alem De terẽ perda no seu Dinheyro q̄ Dão plla louca aos Ditos oLros pDião
tambem o cabeDal mantimtos e cozinhas q̄ nas puquaras e mais Vazos mitiãõ e por
este clamor e queyxas Do sobre Dito haa mtos Dias q̄ corre e prouerãõ niso por
outros acorDos e q̄ se acorDou q̄ fizesẽ boa lousa e De baro De boas cõfeisois q̄
seria uista plos juizes Do officio o q̄ nã basta: pa a Dyta lousa ser boa e as queyxas

Disso caDa uez vãõ mais cresemDo acerqua Das perDas q̄ orDinariamte cada hũu Recebe e sua casa e o pouo: asy e particular: como e geral e consiDerando o Remedyo melhor q̄ nisto se poDeria ter pa se euitar o sobre dito: pa efeyto De os olros fazerẽ boa Lousa e Durauel: asẽtarãõ e acorDarãõ q̄ os Ditos oLros e quais q̄r outras pas q̄ laurãõ e uemDem lousa trabalhẽ e consiDerẽ antre sy De fazerẽ laurarem e cozerem toda a lousa De qll q̄r sorte q̄ for boa e bem cozida e bem cõposta e cozida e tal perfeicaom q̄ o pouo se nãõ queyxe Dos agrauos e perdas notauẽis q̄ caDa hũu recebe, acerqa Disso e sua casa sob pena q̄ agrauando se qll q̄r pesoa De qll q̄r sorte q̄ seja q̄ lhe quebrou a Dita lousa por respeito Da jmperfeicãõ Do carreguo Do official De olro e por nãõ ser bem coziDa ou jmperfeita ou as panellas ou qllq̄r outros uazos estourarem ou abrire no fogo atee tres coziduras inclusive as partes lhas tornarẽ ou qll q̄r outra lousa asi imperfãõ ou quebrada: e os Ditos olros e officiais tomarãõ a ellas seu Dro e pa isso seraom criDos por seu juramto ou De seus familiares ou uizinhos e alem De satisfazerem: o Dito Dro ecorerãõ e pena De mil rês pagos Da caDea a metaDe pa a cidaDe e que os acuzar De q̄ tuDo mandarãõ fazer este acorDo q̄ asinarãõ e q̄ fosse apregoado pa uir a noticia de todos e nãõ poDerẽ alegar ignorancia e q̄ Do pregãõ e diamte se executase asi e Da manra q̄ nelle se cõtem o qll os almotaceys cumpririãõ mui futramte asi e Da manra q̄ nelle se contem: pº Cabral o spi cõ a antre linha q̄ Diz noticia. e cõ a antre linha q̄ Diz ate e no Risqdo Despois e na antrelinha q̄ se poos na marjem Incluziue e no mal sprito jnperfeyto e manDarãõ q̄ este acorDo se lamcasse no liuro Do regimto e pustras da cidade pº cabral Da costa o spj

Aureu

lluis de Saa

Roq̄ taures

jrmo Rangell homẽ

Bar dazdo

barbosa

Anto monro

Domingos piz.

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Vereações, 1591-1595, fls. 121 v.º a 125.

DOCUMENTO XXIX

Vereacaõ

Transcrito a fl. 163 v.º das Posturas e Correições, 1404-1703, sem indicação porém da data da vereação. 4 palavra que não soube ler vem na transcrição interpretada «ingenho» que não podemos decifrar no original.

Aos vimte E sete dias do mes de maio de mill quinhẽtos nouẽta E simqº años nesta cidade de Coimbra E camra della omde Estauãõ Juntos fazemdo Vreacãõ Luis de saa vreador E juiz pella ordenacãõ Roque tauares E Jeronimo Ramgell vreadores E pamtallião barboza pºdor geral da cidade E os dous procuradores do pouo Estando todos juntos fizerãõ vreacãõ E ouirãõ partes pº Cabral Collaco ho spj

.....

nesta camera forãõ chamados os juizes dos officios de olros E maligros aos quais foi notiffiquado peramte mi Escriuãõ q̄ comprisẽ o Regimto e os presos delle todos os oleyros E maligros desta cidade E seu termo E tiuesem a louça E abundancia || . tigello tella E todo o mais de Louça que pertẽce ao dito officio sob pena de simquo cruzados E da cadea por cada vez q̄ cada hũu dos sobredittos se

achar Em falta E mandarão q̄ se apregoase E botase Este acordo no liuro das posturas do Escriuão Dallmotacaria q̄ asinarão p^o Cabral Collaço ho Escriuay

luis de ssa

Roq̄ tauares

Jrmo Rangell homẽ.

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Vereações, 1594-1595, fls. 159 e 159 v.º

DOCUMENTO XXX

VEREAÇÃO

Aos Dezanoue Dias Do mes De outubro De nouêta seis anos é esta cidade De coimbra e camrã Della omde estauão juntos simão trauacos v̄dor e juiz plla orDenação e frco perestrello v̄dor e frco De barbuda p^{dor} geral Da cidade estando presentes anto fřz e p^o jo p^{dores} Do pouo fizerão v̄cação e ouuirã partes p^o Cabral o sp̄i

¶ nesta camrã se asentou e praticou que o pouo se queyxaua m^{to} Da grande p^{da} que recebia caDa huũ é sua casa particularm^{te} q̄ reDũdaua é geral De toDos por se uer por experiencia que a lousa uiDrada que os olros e malegros venDyaom quebraua m^{to} e esborouase e asi não Duraua nada: isto por auer falta nella De nam ser cozida Duas uezes como dantigam^{te} se fazia: e pa se euitar a tão notauel p^{da} acorDarão e asenjarão q̄ a Dyta lousa uiDrada fosse coziDa Duas uezes como se soyha fazer Duas uezes sob pena De Dous mil rês pagos da caDea e q̄ fosse apregoado p^o cabral o sp̄i cõ o Rizq^{do} de baro q̄ os ol cõ a antrelinha nã |

trauacos

Perestrello

Barbuda

Antonjo fřz.

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Vereações, 1596-1597, fls. 2 e 2 v.º

DOCUMENTO XXXI

Refere-se claramente ao documento anterior, como se vê das palavras finais e mesmo do texto do documento em que foram porém intercaladas as palavras «E como en todas as partes deste Reino». Não encontramos este registo nem no livro das vereações correspondente, nem noutro qualquer do Arquivo, a não ser no que vamos tresladar.

tt^o do cozer da louca

Ao derradeiro dia do mes de outubro de mil E quinhentos e nouenta e seis Annos por Antonio Afonso porteiro foi apregoado por esta Cidade E pellos lugares publicos, E acostumados della que os Malgueiros desta Cidade cozam a lousa vi-drada duas vezes como se cozia antiguamente, *E como se cose en todas as partes deste Reino*, E isto com pena de des cruzados pagos da cadea ametade pera a Cidade E a outra ametade pera quem os acuzar, E asinou aqui Antonio fřz o escreveu diguo dous mil fs de pena pagos da Cadea feito aos dezanoue dias do mes de outubro.

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Posturas e Correições, 1404-1703, fl. 51.

DOCUMENTO XXXII

VEREAÇÃO

Aos dezanoue de maio de mil seis centos e huũ anos é esta cidade de coimbra e camrã della omde estauão juntos frco fřz filho juiz de fora o D^{tor} baltezar dazedo anto glz Da cunha vereadores e fernão pinto p^{dor} Da cidade: estando presêtes

simão fřz e adam bras p^{dores} Dos xxiiij rês (sic): estão asi todos juntos fizerão vereação e ouvirão partes p^o cabral o spj Diz no mal s^{pyto} Dezanoue.

nesta cam^{ra} se praticou q̄ era gramde p̄juizo do pouo auer vemDeDeyras: De Lousa e de ortalice por uédajé Donde resultaua e nascia auer grande charestia nos presos Da Dyta Lousa e ortalice: e cō isso fazyão grãdes cōclujos é p̄juizo do pouo e querendo atalhar e prover a jssso asentarão e acordarão que os propios Donos Da ortalice e da Lousa a uedaõ por sy ou por suas molheres criados ou criadas ou f^{os} ou f^{as} de suas propyas casas e não p̄ outras p^{as} De fora De suas casas nē p̄ outras q̄ tratem per védajé: sob pena De que o cōtro fizer é correr é penna De Dous mil rês q̄ pagarão da CaDea os quais serão ametaDe p̄a esta cam^{ra} e suas obras e a outra p̄a que os acuzar e Reuogarão todas e quais quer l^{cas} q̄ esta cam^{ra} tenha DaDo ate o presente a quais quer p^{as} que por ellas vêdem cōtra forma Deste aCorDo: ou p̄ védajem | e mandarão fosse apregoado e do preguão t̄ Dyamte se executasse sob as penas t̄ elle contheudas p^o cabral o spj cō o Risq^{do} q̄ Dizia não poDesse | e na antrelinha por védajé p^o cabral o spj

filho

glz

fernã pinto

simã fřz

Adam bras.

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Vereações, 1601-1602, fls. 72 v.º e segs.

DOCUMENTO XXXIII

Vereação

Aos Dezanoue De Jan^o De mil e seis c^{tos} e Dous é esta cidade De coimbra e cam^{ra} Della omDe foraõ juntos gil homē vereador e juiz p̄lla orDenaçõ o D^{tor} sebastião De sousa o D^{tor} p^o De mēdanha fig^{ro} vereadores e jr^{mo} machado p^{do} Da cidade estão presentes fr^{co} fřz e Cosmo Roiz p^{dores} Dos uimte e quatro Do pouo fizerão vereação e ouvirão partes p^o cabral o spj

.....

nesta cam^{ra} se acorDou que as pustr^{os} e acorDos f^{tos} nesta cam^{ra} e Regimentos f^{tos} é prol cumū Do gouerno Da Republiq̄a se comprisem asi e Da man^{ra} que nelles se cõtem: e sob as penas nos Dytos acordos e pustras cõteudas e isto é q^{to} não prouerem: o cōtro: e asentarão que se publicuase e que todas as padejras uemdedeyras taverneyros estalajadros e marceyros e temdejros q̄ poem tendas nouas não tendo L^{ca} Desta cam^{ra} p̄a vzaré de seus officios: não abirão suas tendas sem prim^o peDiré L^{ca} a esta cam^{ra} p̄a nella se obrigaré a estar p̄llas pustras e Regim^o Desta ciDaDe e obeDecer aos m̄aDaDos Do seruico e bē publico Della: sob pena De que o cōtro fizer é correr é pena De Dous mil rês Da caDea aplicuados p̄a esta cidade e outra metaDe p̄a que os acuzar e manDarão que se apregoase e Do pregam é diãte se executase sob as Djas penas e aqui asinarão todos estes termos Desta vereação p^o cabral Da Costa o spj.

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Vereações, 1601-1602, fls. 173 v.º e segs.

DOCUMENTO XXXIV

Transcrito com o título «Da uenda da louca» nas Posturas e Correições, 1404-1703, fl. 66. Transcrevemos apenas a parte da acta que nos interessa.

Aos oyto De Dezo De seis c^{tos} e Dous años é esta cidade De Coimbra e cam^{ra} Della omDe estauão juntos mel homē juiz De fora o Dor fr^{co} Da costa gil homē

Luis SarDinha v̄aDores e Irmo machaDo p^{Dor} Da ciDaDe: estamDo presentes jrmo machaDo Digo frco ffr̄z e cosme Roiz p^{Dores} Dos uíte e quatro Do pouo estãdo asi toDos jumptos fizerão v̄acão e ouuirã partes p^o Cabral o spj

nesta cam^{ra} se tratou que auia nella pusturas por Respeyto Do bom govno Da Republica acerqua De *naõ auer Regateyras De lousa pa a tornarẽ* a Reuender nẽ Das mais cousas pollo gramDe pjuizo De as auer Rezultaua Diso ao pouo: asemtarão que se comprisem e Desem a execusam: cõ Declaracão que q^{Do} por alguũs justos Respeyts emtemDerẽ como são molheres uiuuas que fiquarão uiuuas semDo molheres de olros asy por não terẽ outro Remedio De uida como por terẽ experiencia e uzo Do Dyto officio: e a estas tais se poDeria cõ licita causa e uerDaDeyra fformacão cõceder as tais L^{cas} quamDo as Requererẽ: e que em toDo mais se cõprã e guarDem as Dytas pustras mui jnteirante sob as penas Dellas

ĩ e así mais se cõsultou que auia que

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Vereações, 1602-1603, fls. 114 a 115 v.º

DOCUMENTO XXXV

Vereação

A data da vereação está errada, pois que a da anterior é 1 de fevereiro. Deve ler-se 1 de fevereiro, como faz notar aliás uma nota marginal moderna.

Ao prim^o De jan^o De mil seis ctos e tres años ẽ esta cidade De coimbra e cam^{ra} Della omDe estauã Jumptos e ẽ v̄acão mel homẽ v̄ador e juiz pola orDenacão o D^{tor} frco Da Costa Diogo p^{ra} frco perestrelo v̄aDores: estãDo presentes mel ffr̄z mel glz procuraDores Dos uíte quatro Do pouo fizerão v̄acã e ouuirão partes p^o cabral o spj

.

ĩ. nesta cam^{ra} se tratou mais que algumas p^{as} tinham lca Desta cam^{ra} que erão certas molheres De oleyros pa uemDerẽ lousa que nã era sua nẽ elas a faziam e fiquaua ẽ Reuenda e Regataria que era o principal jntento Das pusturas que prohibiha e Defendia as tais L^{cas}: polo grãde pjuizo que auia de auer Reuẽda na lousa e nas mais cousas pelo que Reuogarão todas e quais quer lcas que pera este cazo Da lousa fossem pasadas e asi o acordo que acerqua deste caso estaua fto ẽ fauor Das molheres Dos olros que tambẽ ouuerão por ReuogaDo uisto os grãDrs jncõuinietes q̄ Diso Recresia: E que nĩguẽ uemDeşe lousa uiDrada nẽ De baro nẽ branqua senão os propios donos e oleyros e malegejros suas molheres que ha laurauã e faziã sob pena de quẽ o cõtro fizer pagar Dous mil rês De pena pagos Da caDea: pe a esta camera e mãDarão se apregoase e Dopregam ẽ Diamte se executase p^o cabral Da costa o spj cõ o Risquado q̄ Dizia se não.

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Vereações, 1602-1603, fls. 138 a 142.

DOCUMENTO XXXVI

TERMO DE DESISTENCIA DE BENTO RÕIZ PINTOR DE LOUSA
DE PERULEGIADO DA TRINDADE

Aos vinte e nove dias do mes de marco de mil e seis centos e tres annos nesta Cidade de Coimbra e moradas de mĩ escriuão da Camara aonde ahi pareseu Bento

roiz Pintor de lousa e morador nesta dita Cidade e por elle foi dito que elle tinha hũ peruelegio da Trindade de mamposteiro da jgreia de S. Pº da ordem terceira e por ter occupações e não poder acudir as obrigações do dito cargo vinha dezistir do dito peruelegio o qual tinha entregue ao Reitor do Colegio de q̄ fis este termo de desistencia que asinou gco de Moraes de Serra o escreuj

Bento Roiz.

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Vereações, 1680-1686, fl. 67 v.º

DOCUMENTO XXXVII

Não encontrei este documento registado em outra parte que não seja o livro do Arquivo—Posturas e Correições, donde o transcrevo. O livro correspondente das Vereações não existe.

ITº DAS CHAMINES DOS FORNOS I. I. I. xxx3

Aos Vinte e seis de Julho de seis centos e tres Annos nesta Camara se acordou por ser em bem publico do Pouo, & da Vezinhanca dos moradores da Cidade asim dos Arabaldes como dalmedina dos muros adentro que todos os fornos asim de poia como de louça tenhaõ chaminés altas, de maneira que defumassem por sima dos telhados de toda, E qual quer uizinhanca onde estiuerem situados sem se poder fazer preiuzo a elles com o fumo dos ditos fornos por ser muito periudicial asim pera a Saude do pouo, como pollo damno q̄ fazem nas familias, E cazas dos uezinhos pelo que

Acordaraõ E asentaraõ que da publicaçãõ deste em diante nenhũa pessoa de qual quer calidade E condisaõ que seia tiuer os ditos fornos adentro dos muros da Cidade façaõ aleuantar, E aleuantem dentro em quinze dias as ditas chaminés, em altura que naõ façaõ o dito prejuizo, a qual sera uista pellos Juizes do officio dos pedreiros, presente o procurador da Cidade, Sob pena de des cruzados pagos da cadea a metade pera a cidade E a outra pera catiuos E acuzador, alem diso que naõ possaõ uzar dos ditos fornos, nem cozer nelles, nem louca, nem couza alguã de q̄ mandaraõ fazer este acordo, E asento que se lancaria no liuro grande das posturas, Pero Cabral o escreui, Homem, Costa, Perestrelo, Amaro de Costa, Manoel fřz, Manoel Glz.

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Posturas e Correições, 1404-1703, fls. 60 v.º e 61.

DOCUMENTO XXXVIII

No Arquivo Municipal, não existe o volume das Vereações em que devia andar este documento que até agora não encontrei transcrito em outro que não seja o das Posturas e Correições.

QUE OS JUIZES DOS OLEIROS UEZITEM A LOUSA A TODOS OS OLEIROS

TIRANDOA DO FORNO I. I. I. xxx6

Aos Vinte E hum de Julho de seis centos E quatro Annos nesta Camara foraõ notificados os Juizes dos oleiros que Sob as penas do Regimto; que elle Juizes uezitem a lousa a todos os oleiros acabada de tirar do forno se he bem cozida, & isto Sob pena de Uinte cruzados, E dous Annos de degredo, E o mesmo foi notificado aos Juizes dos Malgheiros com a dita pena, Pero Cabral o escreveu, Homem, Sebastianes, Mello, Pimenta, Jusarte, Simão Leal.

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Posturas e Correições, 1404-1703, fl. 61 v.º

homé E o D^{tor} baltezar fialho È João Carn^{ro} vreadores E Simão dalmeyda p^{dor} geral da cidade E fr^{co} Simois p^{dor} dos v^{te} E quatro EstamDo todos juntos fizerão vreação E ouuirão partes p^o cabral Collaço ho spi

.....

E outro si se acordou q̄ nenhũa pesoa de q̄ll q̄r callidade q̄ seia nẽ pesoas q̄ acaretão baro pa venderẽ aos ol^{ros} E para outras obras *naõ cauẽ baro por os limites E oliuais* E resios E caminhos Seruentias desta cidade E q̄ vem para Ella nẽ aramquẽ pedra pa obras sob pena de quẽ o Comtrario fizer E for achado acauar E acaretar o ditto baro ou arramquar a dita pedra sem l^{ca} desta cam^{ra} feita polo escriuão da cam^{ra} E asinada pelo Juiz Vres E juntam^{te} trazer asinado do dono da propriedade Em q̄ Comsente dar lhe a tal L^{ca} pagara mill rês ametade pa Esta cidade E quẽ os acuzar E mandarão q̄ se apregoase E se dese a Execuçaõ de q̄ mandaraõ farer Este acordo q̄ asinaraõ p^o Cabral Collaco ho Escriuy diz na amtrelinha pollo Escriuão da cam^{ra}.

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, *Vereações*, 1606-1607, fls. 50 v.º e 51.

DOCUMENTO XLII

Aos sette dias do mes de maio de mill seis cemtos e oito años nesta cidade de Coimbra e camara della, omde estauaõ juntos fazẽdo ureaçãõ o l^{do} amdre velho da fomcequa juiz de fora e João bramdão E fr^{co} perestrello e o D^{tor} am^{to} l^{co} vreadores E amaro da Costa procurador geral da cidade Estamdo todos juntos fizerão vreação E ouuirão partes p^o Cabral Collaço ho spj

.....

Outrosi se acordou q̄ as pesoas q̄ uemdem v^o az^{te} E outras cousas de legumes não vemdãõ nẽ tenhaõ medidas de pao nẽ de folha de framdes nẽ cobre de meo quartilho p^a canada E so serãõ de baro feitas pelo ol^{ro} q̄ tras a rēda da cidade. E isto cõ pena de mill rês pagos da cadea por cada vez q̄ forẽ achados aos sobreditos ametade p^a a cidade E a outra p^a quẽ os acuzar E mandarão que se apregoase E do pregão se Executasse de q̄ asinarão Este termo q̄ asinarão p^o Cabral ho spj

Brandam

fr^{co} p̄estrello

Anto L^{co}.

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, *Vereações*, 1608-1610, fls. 54 v.º e 55.

DOCUMENTO XLIII

Vreacão

Aos dezasete dias do mes de maio de mill seis cemtos E oito años nesta cidade de Coimbra E ci E casa da camara omde estauãõ juntos fazẽdo vreaçãõ o l^{do} amdre velho da fomceq^a juis de fora E Ruy lopez de magalhaes E fr^{co} p̄Estrello vreadores E fr^{co} bernaldes p^{dor} desta cidade dos mesteres Estamdo todos juntos fizerão vreaçãõ E ouuiraõ partes P^o Cabral Collaco ho spj

A esta Camara foi requerido por o procurador geral da cidade q̄ nesta cidade avia gramde cllamor sobre algũs oleyros q̄ fazião louça tinhaõ fornos Em q̄ a coziãõ piquenos E leuauaõ mui pouq^a lenha E naõ dauaõ Estes oleyros q̄ tinhaõ Estes

fornos o cuzim^{to} perfeito a dita louça por seré piquenos os ditos fornos E a louça q̄ desEmfornauão delles era m^{to} quebremcosa E tamto q̄ hiha ao fogo E se seruiaõ da dita louça quebraua m^{to} o que Era Em m^{to} prejuizo do pouo E avia gramde cllamor nelle acerq̄a da dita louca: E v^{to} por os dittos sses o requirim^{to} do dito p^{dor} mandarão vir peramte si a dita cam^{ra} p^o dias E bras joaõ oleyros E juizes do officio dos olros aos quais deraõ juram^{to} dos Stos Evamgelhos Em q̄ pozeraõ suas mãos E decllararão q̄ os dittos fornos piquenos q̄ alguis olros tinhão q̄ leuauaõ ate simquoeta feixes de lenha Erão m^{to} prejudiciais cozerē nelles a louça de baro vermelho E vidrada: pello q̄ se asemtou Em cam^{ra} q̄ os dittos fornos piquenos q̄ leuauaõ a dita lenha de l^{ta} feixes p̄a baixo se derubem por as grades debaixo ou tapados de man^{ra} q̄ não cozaõ nelles visto a Emformacaõ q̄ derão os ditos juizes do dito officio ser prejudicial ao pouo E o requirim^{to} q̄ o dito p^{dor} fez ser justo E ser Em proueyto da republiq̄a E outro si fiquariaõ notiffiqados os ditos donos dos fornos a quē se fizer Execuçaõ nos dittos fornos q̄ naõ cozaõ mais nelles nē os fasão de nouo piquenos sob pena de seis mill rēs ametade p̄a a cidade E quē os acuzar pagos da cadea por cada vez que forē achados E cozaõ nos fornos gramdes q̄ leuaõ c^{to} E simquoemta feixes o q̄ mandarão se comprisse E desse a Execuçaõ p̄a o q̄ ho emCaragaraõ ao p^{dor} geral da cidade E Comigo Escriuão fizesse de tudo autos das Execuções E notifficacoes p̄a a todo tempo ser notorio de q̄ mandarão fazer Este auto E acordo de requyrim^{to} q̄ asinaraõ Com os dittos juizes dos olros P^o Cabral Collaco ho sp̄y E decllararão q̄ os fornos Em q̄ se ha de fazer Execuçaõ saõ os de luiz ffrz frco ffrz amt^o bernaldes Jorge Saraõ p^o nug^{ra} E asi os mais q̄ se acharē do tamanho destes E cõtdo derão l^{ca} q̄ semdo os fornos de l^{ta} feixes podecē Cozer nelles por asi o declararē os ditos juizes o q̄ tudo asinaraõ p^o Cabral ho sp̄j

.... Magalhaes J Brandam
 freo pestrello Amaro da Costa p^{dor}
 p^o dias bras + Joaõ ant^o piz
 juizes.

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Vereações, 1608-1610, fls. 56 e segs.

DOCUMENTO XLIV

Vreacaõ

Este documento vem transcrito sem data nas Posturas e Correições, 1404-1701, fls. 72 e 72 v.º

Aos Vimte E huū dias do mes de feu^{ro} de mill seis cemtos E noue años nesta cidade de Coimbra E casa da cam^{ra} omde estauaõ Juntos fazemdo vreacaõ o l^{do} andre velho dafomceq^a juiz de fora E fernão soares paiz E p^o soares E o d^{or} Jorge Correa vreadores E simaõ Leal p^{dor} geral da cidade E p^o ffrz E lionardo Joaõ procuradores dos vimte E quatro do pouo Estamdo todos Juntos fizeraõ vreacaõ E ouuiraõ p^{tes} P^o Cabral Collaço ho escriuij

nesta camara se acordou E asemtou q̄ porq^{to} avia m^{to} cllamor nos obreyros E pesoas q̄ trabalhaõ por seu dro no officio de oleyro faziaõ louça nas temdas dos olros As pesas E não trabalhauaõ aos dias como Era custume: E por os sobreditos obreyros fazerē as pesas E seremos Emformados q̄ avia gramde prejuizo no fazer da dita louça as pesas asemtamos q̄ nenhũa p^a nē obreyro faça louca as pesas por cõtrato cõ os oleyros: E trabalhe por certo jornal cada dia E naõ a leuarē certa comtia por duzias de pesas sob pena de quē o Contrario fizer E se prouar q̄ os ditos

vreador do Corpo da v^{de} E lionardo Joaõ E p^o f^{rz} p^{dores} dos vinte E quatro do pouo estando todos juntos fizeraõ vreaçaõ E ouuiraõ partes p^o Cabral Collaço ho escriuy

nesta cam^{ra} se asemtou E acordou q̄ Erão emformados q̄ os Oleyros E maligros q̄ fazem louca fazião nas caldeiras dos fornos Em q̄ cozẽ a louça a q̄ll numq^a pode ser Cozida o q̄ he Em grande prejuizo do pouo: pello q̄ se asentou q̄ nenhuũ ol^{ro} Cozese Em Caldr^a de forno a ditta louça sob pena da pesoa q̄ for achado ou se lhe prouar q̄ cozeraõ a dita louça Em caldr^a pagar dous mill rês ametade p^a Esta cidade: E quẽ os acuzar E emcoreraõ na mesma pena o ol^{ro} q̄ abrir a porta da caldeira sem prim^o chamar o vreador (sic) cõ os mesteres E juizes do dito officio p^a todos ho hirẽ ver (sic) a dita fornada por lhe Estar comitido o sobre dito

E outro si EmCoreraõ os ol^{ros} q̄ deixarẽ Cozer louça nos seus fornos a pesoas q̄ não forẽ Examinados de ol^{ros} E isto sob a dita pena de dous mill rês ametade p^a Esta cidade E quẽ os acuzar E mandaraõ q̄ se apregoase estas cõ as mais q̄ Estaõ feitas E lhe decẽ a Execuçaõ p^o cabral ho escrivj

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, *Vereações*, 1608-1610, fls. 137 e segs.

DOCUMENTO XLVII

Vreacaõ

Aos trinta dias do mes de maio de 609 annos nesta cidade de coimbra e torre da vreaçaõ onde estavam o l^{do} andre velho da fonseca iuis de fora, fernaõ soarez paEz p^o soarez, diogo pr^a de sampaio iorge correa, e simaõ leal p^{dor} e p^o f^{rz} e lionardo ioaõ p^{dores} dos misteres estando todos iuntos fizeraõ vreaçaõ e ouuiram partes. Nuno De faria q̄ ora siruo de escriuaõ da camara em abzencia De pero cabral collaco o escreveu.

.....

Nesta camara se assentou que se passase mandado p^a serem prezos os homens ou molheres dos meirinhos q̄ uendem por toda a cidade, e assi as dos cizeiros e se prendesse toda a pessoa q̄ uendẽ louca sem licenca da camara, e que se passe mandado p^a os meirinhos fazerem esta execuçaõ, e da cadea pagarem do que mandaram fazer este termo de acordo que assinaram Nuno De faria q̄ o escreveu

A Velho

Soares paez

Simão leal

lyonardo Ju^o

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, *Vereações*, 1608-1610, fls. 154 v.º e seg.

DOCUMENTO XLVIII

Vreacaõ

Aos tres dias do mes de junho deste presente anno de seis centos e noue, estando na torre e vreaçaõ desta cidade o l^{do} Andre velho da fonseca iuis de fora fernaõ soares paes diogo pr^a de sampaio p^o soares e iorge correa, e simaõ leal p^{dor} geral desta cidade e lionardo ioaõ e p^o f^{rz} p^{dores} dos misteres fizeram vreaçaõ, e ouuiram partes. Nuno De faria q̄ ora siruo de escriuaõ da camara em abzencia de p^o cabral collaco o escreveu

.....

Nesta camara se mandou q̄ todo official mecanico de qualquer officio que seia dem fianca e tomem iuram^{to} cada anno na entrada de janeiro e assi as pessoas q̄ acarretarem azeite com penna de quinhentos rs e que se apregoe. dis a entrelinha mecanico, e assinaram Nuno De faria q̄ o escreui

A Velho	Soares paez	p ^o soarez
Jorge Correa	Diogo pereira	Simão leal
lyonardo jo	p ^o frz.	

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Vereações, 1608-1610, fls. 156 e segs.

DOCUMENTO XLIX

Vreacãõ

assistio o cor ferraõ soares q̄ serue de vreador

Aos dez dias do mes de Outubro de mill seis cemtos E noue Años nesta cidade de Coimbra E cam^{ra} della omde Estauãõ juntos fazemdo vreacãõ fernaõ soares paez q̄ *serve de* vreador E juiz digo q̄ serue de vreador E p^o soares vreador E juiz polla ordenaçãõ E o d^{or} jorge Correa vreador do Corpo da Vãe E Simão leal p^{dor} geral da cidade E p^o frz E lionardo João p^{dores} dos Vimte E quatro do pouo estamdo todos juntos fizerãõ vreacãõ E ouirãõ partes p^o Cabral Collaco escriuãõ da cam^{ra} ho escriuy

Nesta camara se acordou E asemtou E tratou Sobre huã postura q̄ Estaua feita Sobre os officiaes macaniquos desta cidade E seu termo q̄ todos dessẽ fiamça E viesẽ tomar juram^{to} a casa do escriuãõ da cam^{ra} E fossẽ caregadas as ditas fiamças no livro da cam^{ra} p^a bõo governo da terra E as fazendas do pouo estarẽ siguras nas pesoas dos officiaes maquanicos | pello q̄ se acordou E asemtou q̄ a dita postura se Comprisse asi E da man^{ra} q̄ se nella cõthẽ por ser Em proveito E bem cumũ do pouo E da cidade E seu termo E gouerno della. E decllararãõ E mandarãõ q̄ os officiaes dos officios abaixo decllarados não fosẽ obrigados a dar fiamca nẽ tomarẽ juram^{to} por naõ tratarẽ cõ fazenda alhea os quais officios são os segtes ||. Comteiros agulheiros Espartejros Esteireiros Oleyros E maligros ortellois E ortolloas padras E albardeiros E pastelleiros E As mais posturas se Emtenderãõ nestes officiaes...

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Vereações, 1608-1610, fls. 174 e segs.

DOCUMENTO L

Vreacãõ

Aos quatorze dias do mes de outubro de mill seis ctos E noue años nesta cidade de Coimbra E casa da Cam^{ra} omde Estauãõ juntos fazemdo vreacãõ p^o soares vreador E juiz polla ordenaçãõ E do pereira E o dor Jorge Coreia vreadores E Simãõ leal p^{dor} geral da cidade E p^o frz E lionardo Joaõ p^{dores} dos vte E quatro do pouo estamdo todos Juntos fizerãõ vreaõ (sic) E ouirãõ partes p^o cabral collaçõ ho escriuy

nesta camara se porpos por o juiz vres E officiaes da cam^{ra} q̄ tinhaõ huũ acordo E postura feita q̄ trata sobre os officiaes maquanicos darẽ fiamça os q̄ orã nouamte acresemtarãõ E obrigarãõ q̄ as ditas fiamcas desẽ os sobre dittos ora nouamte acre-

semtados huã so ves na vida durando o ffiador de cada huũ de q̄ mandarão fazer
Esta decllaracão q̄ asinaraõ p^o Cabral Collaco escriuão da cam^{ra} ho escriuy

p^o soarezDiogo p^{ra} de Sampaio

simao leal

Jorge Correa

lyonardo jo

p^o frz.

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Vereações, 1608-1610, fls. 177 e 177 v.º

DOCUMENTO LI

Vreacão

Aos dezasete dias do mes de Outubro de mill Seis Cemtos E noue años nesta cidade de Coimbra E casa da cam^{ra} omde Estauão Juntos fazēdo vreacão p^o soares vreador E juis polla ordenacão E do p^{ra} E o dor Jorge Corea vreadores E Simão leal p^{dor} geral da cidade E lionardo Joaõ E p^o frz p^{dores} dos mesteres Estamdo todos juntos fizerão vreacão e ouuiraõ partes p^o Cabral Collaco Escriuão da cam^{ra} o spj a esta cam^{ra} assistio fernão soares vreador q̄ serue de cor da cidade nesta cam^{ra} se propos q̄ Era feito huã postura q̄ trata sobre as pas E officiaes macaniq̄os q̄ podem q̄ poin E abrē temdas p^a vemderē ao pouo e por ella os obriga a pedirē lca a esta cam^{ra} p^a terē suas temdas abertas E posto q̄ Examinados fossē não abricē as dittas temdas p^a as terē abertas sem lca da cam^{ra} feita pello escriuaõ da cam^{ra} E a:inada por o Juiz vres E isto se emtendera da feitura deste acordo por diamte q̄ todas as pessoas q̄ abrirē de nouo temda de q̄llq̄r officio ou mercadaria pedira a dita lca sob pena de Emcorer por cada (sic) tres mil res ametade p^a a cidade E outra p^a quē os acuzar.

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Vereações, 1608-1610, fls. 178 e seg.

DOCUMENTO LII

Vreacão

Aos vimte E dous dias do mes de Jan^o de mil Seis cemtos E omze nesta cidade de Coimbra E cam^{ra} della omde Estauão juntos fazemdo vreacão pamtalliaõ barbosa vreador E juiz polla ordenacão E o dor João pinheiro vreador do Corpo da V^{de} E am^o Reymão p^{dor} geral da cidade E m^{el} felliphe (sic) E m^{el} bernaldes p^{dores} dos vte E quatro do pouo Estamdo todos juntos fizeraõ vreacão: E ouujraõ partes p^o Cabral Collaco ho escriuy.

Nesta cam^{ra} se asemtou E praticou q̄ Era gramde prejuizo Em os oleyros q̄ fazē louca de baro vermelho fazerē louça de baro de alcaraqz A qual louça fazemdo se do dito baro dalcaraqz so he gramde Em prejuizo do pouo pello q̄ se assemtou Em cam^{ra} q̄ os ditos oleyros fizesē a dita Louca de baro de alcaraqz mesturado cõ baro asparo q̄ vem de treixomil E outras ptes omde ouuer E toda a p^a q̄ cõtrario fizer pagar por cada vez q̄ for achada a dita louça q̄ não he mesturado cõ os ditos baros pagar por cada vez dous mil rēs ametade p^a a cidade E quē os acuzar E mandarão q̄ se apregoase E do pregaõ Em diamte se Executase de q̄ mandarão fazer Este acordo q̄ asinaraõ p^o cabral Collaco ho escriuy

panthaleam barbosa

joaõ pinheiro

manoel felipe

Ant^o Reymaõ tosCanoM^{el} bernardes.

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Vereações, 1510-1613, fls. 42 e 42 v.º

DOCUMENTO LIII

Vreação

Aos vimte E sete dias do mes de abril de mill Seis centos E omze nesta cidade de Coimbra E cam^{ra} della omde Estauão Juntos fazemdo vreação pamtallião barbosa E jo carn^o E o dor João pinheiro vreadores E am^{to} reymão p^{dor} geral E mel fellippe E mel bernaldes p^{dores} dos vimte E quatro do pouo Estamdo todos juntos fizerão ureação E ouuirão partes p^o Cabral Collaço Escriuão de cam^{ra} o escriuy

Nesta cam^{ra} se tratou E praticou q̄ Era En gramde cllamor do pouo as pesoas q̄ não são oleyros E oleyras vemderē louca vermelha E vidrada E bramqua a qual cōmprão por Jumpto E atraueção, aos oleyros: E a tornão a vemder E revemder ao pouo o q̄ he Em gramde prejuizo do pouo pello q̄ se asemtou q̄ nenhũa das sobre ditas pesoas a não vemdão nē atraueçé E som^{te} poderaõ vemder as molheres dos oleyros ou seus criados E familiars E isto por sua cõta delles E toda a pesoa q̄ for achada a vemder a dita louça pagar por cada vez dez cruzados pagos da cadea ametade p^a Esta cidade E quē os acuzar E outro si Asemtarão E praticarão q̄ a algũas das sobreditas q̄ não Eraõ oleyras tinhaõ pasado algũas l^{cas} desta cam^{ra} pello q̄ mandarão E asemtarão q̄ nenhũa dellas ouesse Efeito de nenhũu vigor nē uzasē por Ellas E vendendo Ellas pagacē a pena atras da cadea E mandaraõ q̄ se apregoasse E do pregaõ se Executase o q̄ asinarão p^o cabral ho escriuy.

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Vereações, 16:0-1613, fl. 60 e segs.

DOCUMENTO LIV

Ano do nacim^{to} de noso Sor Ihs Xpo de mil seis centos E doze años ao prim^o dia do mes de feuro do dito año nesta cidade de Coimbra E cam^{ra} della omde Estauão juntos fazemdo vreação gil homē vreador E juiz polla ordenação E am^{to} Corea de Saa e bento arais de mendonça vreadores E o dor luis de leyua | v^{dor} do Corpo da v^{de} E am^{to} de Gouuea p^{dor} geral E gaspar marqz E mel Corea p^{sdore} dos vimte E quatro do pouo Estamdo todos juntos fazemdo vreação E ouuyraõ partes p^o Cabral Collaço Escriuão

jt nesta Camara se acordou E asemtou por juitar a muitos ym^{cuu}inientes q̄ se podiaõ soceder Em darē l^{cas} a regatoes q̄ atreueção louça p^a a tornarē a revemder ao pouo o q̄ Era Em gramde prejuizo da cidade vemderē os tais regatois a dita louça | pello q̄ asemtaraõ E acordaraõ q̄ se não desse l^{ca} algũa aos tais regatois q̄ vendiaõ a dita louca | por se juitar os muitos Jcuuynientes q̄ os dittos tratamtes de lousa faziaõ na venda della ao pouo | E suspendião pendião (sic) todas as l^{cas} q̄ por a camara lhes Estauão dadas aos ditos tratamtes E suas molheres Ate o presente, p^a q̄ dellas mais não uzacē nē podesē uzar | por quamto os tais regatois Comfiados nas dittas l^{cas} terião Comprado algũa louça lhes asinarão todo este dito mes de feuro p^a a poderē vemder E tirarece della p^a com isso não Comprare mais outra louça algũa | E mandarão q̄ se apregoasse o sobre dito E do pregaõ Em diamte se Executacē cõ as penas das posturas dos regatoes q̄ Compraõ a dita louça p^a a tornarē a vemder

de que tudo mandarão fazer Este acordo q̄ asinaraõ p^o Cabral Collaco Escriuão da cam^{ra} ho Escreuy

Homē

Saa

lejva

Gouuea

Manoel corea

gar marqes

E logo no dito dia mes E año atras Escritto Em pouzadas de mi Escriuao da dita cam^{ra} pareceo Joaõ fr̃z portro do bordaõ | desta cidade E me deu fee q̃ apregoara o aCordo atras asi E da man^{ra} q̃ nelle se cõthem por as ruas publicuas desta cidade E isto cõ as penas da postura q̃ trata acerq̃a das pesoas q̃ atrauecaõ louca de q̃ lhe tomej Esta fee q̃ asinou o dito portro p^o Cabral Escriuão da Cam^{ra} ho escriuy

joão + fr̃z portro

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Vereações, 1608-1610, entre fls. 147 e 148.

DOCUMENTO LV

Vreacão

Aos treze dias do mes de feuro de mil Seis cemtos E Vte E huí nesta cidade de Coimbra E camara della omde Estauão Juntos fazēdo vreacão cristouão de saa E aluro rabello Carilho E bernaldo cabral vreadores E o dor Esteuão da fomceq̃a vreador do Corpo da vde E Simão leal p^{dor} geral E fr̃co maris E jo nunes p^{dor} dos vte E quatro do pouo Estamdo todos juntos fizerão vreacão E ouuirão partes p^o Cabral ho sp̃i

nesta cam^{ra} pareceo mel bautista m^{or} nesta cidade q̃ tem a renda das medidas de baro E trouxe a ella peramte os ss^{res} vres E officiaes da cam^{ra} a forma das medidas de v^o E azte q̃ lhe Estaua dada na cam^{ra} pasada por a forma dos padroes q̃ tem Esta cam^{ra} por q^{to} as medidas q̃ damtes se uza Eraõ das boqas Estreytas Em as quais avia m^{to} Emgano Em prejuizo do pouo pello se (sic) asemto q̃ o dito aferidor fizece as ditas medidas na forma dos ditos padroes cõ as boq^{es} largas do molde dos dittos padroes E não Estreytas E q̃ as pesoas q̃ vendē ao pouo azte E v^o uzē por Estas medidas E as tenham p^a uzo sob pena de toda a p^a q̃ as não tiuer E midir por outras pagara dous mil rēs da cadea E emCorera na forma da ley E isto por cada vez ametade p^a a cidade E quē os acusar O q̃ o dito aferidor foi notificado as fizece E o Refiridor dellas q̃ não afira outras senão as medidas feitas polla mesma man^{ra} sob a dita pena p^a o q̃ o dito mel bautista ofereceo a esta cam^{ra} p^a as despesas della dez cruzados por a Reformaçã das ditas medidas os quais pagara aos quarteis cõ o mais dro q̃ são simq̃o mil rēs q̃ por tudo vē a ser noue mil rēs pago tudo ao tissro na forma de seu aremdam^{to} de q̃ mandarão fazer Este asemto de obrigacão E acordo q̃ asinarão Com o dito mel bautista p^o Cabral ho escriuy

AREbello

Dor Esteuão da fonseca

manoel baptista

fr̃co de maris Caldra

João nunes

Bernardo Cabral

simão leal

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Vereações, 1620-1624, fl. 41 e seg.

DOCUMENTO LVI

RENDEIRO DAS MEDIDAS DE BARRO

Achei Eu Corregedor que os Rendeiros das medidas de barro de mais de as não cozerem como conuinha faltauã com ellas ao Pouo que querendo as comprar as naõ achauã, mandei q̃ todo o Rendeiro que fosse achado sem as medidas ne-

cessarias a todo o tempo que lhe fossem pedidas pello pouo as naõ cozesse como conuinha, paguasse por cada ues q̄ nisso fosse comprehendido uinte cruzados da Cadea p^a catiuos E acuzador, E despezas da iustica, E alem disso toda a pena em que fosse condenado qualquer pessoa que fosse achado, sem medidas por culpa do dito Rendeiro lhas naõ dar.

Correcção de 1622 — in *Posturas e Correições*, 1404-1703, fl. 99 v.^o

DOCUMENTO LVII

Vereação

Aos oito dias do mes de julho de mil seis centos vinte e tres annos nesta cidade de Coimbra e torre da camera della aonde estauão juntos Jorge d'Andrada Correa juiz de fora cõ alsada por sua Mag.^{de} nesta cidade e termos e fr^{co} de Moraes e João Ferras velho veredores e lopo d'Andrade procurador geral da cidade, e fr^{co} de maris hũ dos misteres da mesa todos juntos fizerão vereação, e ouuiraõ partes do de Carualho pinto o sp̄i

homẽ do m.^{ro} fr^{co} vieira

nesta camera foi dado juram^{to} a bastiaõ Rois m.^{or} nesta cidade p^a seruir de homẽ do meirinho fr^{co} vieira e prometeo fazer verdade

nesta camera Requeero o procurador geral q̄ naõ ouuissẽ com nada a Ant^o João Rendeiro do Real dagoa em ordẽ de seo requerimẽto sobre a pagua do q̄ deue sem depositar tudo o q̄ esta deuido

nesta camera se fez hũ regimento p^a os oleiros e malegueiros estando os mais delles presentes q̄ o aceitarãõ e o theor delle ira botado neste liuro

nesta camera se elegeo p^a seruir de alcaide desta cidade a M.^{el} descova digo a M.^{el} cordeiro d'Andrade emquanto durar o jmpedimento do proprietareo M.^{el} descouar Roubaõ (?) e se lhe desse juramento, d.^o de Carualho pinto o sp̄i

Andrade
fr^{co} de maris

Moraes

Ferraz velho

Andrade.

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, *Vereações*, 1620-1624, fls. 237 e 237 v.^o.

DOCUMENTO LVIII

REGIM.^o DOS OLEIROS E MALEGUEIROS

it Primeiramente acentaraõ q̄ assi como haa tres offisios de olaria .s. de louca branca, e de louça verde e amarella, e de louca de barro singello q̄ doie em diante aia em cada hũ dos ditos offisios seu juiz p^a examinar cada hũ em seu offisio com algũ adjunto como se costuma e q̄ nestes exames se naõ entremetaõ de hũ offisio para outro,

it q̄ todos os aprendizes para se examinarẽ tenhaõ seis annos jnteiros aprendido cõ offecial aprovado e mostrem certidaõ delle na forma costumada, e antes de se examinar pedira licença a camara p^a o examinarẽ, e o juiz q̄ sem ella o fizer pagara seis mil rs p^a a camara e acuzador e de cada jzame leuara duzentos rs, e o escriuaõ hũ tostaõ

it quando algũ se examinar para as pesas seguintes .s. no offisio de oleiro fara hũ

- cantaro, huã talha hũ alguidar de sacco de pão, isto em presensa do juis, e as mais pessos q̄ lhe elle ordenar
- it̄ no officio de verde e amarello; fara huã fornada em q̄ jraõ hũ alguidar grande, verde e amarello hum tenor de almude, e as mais pecas que o juis lhe ordenar,
- it̄ no ofisio de branco fara huã botiça com todas as pessos q̄ nella se requerẽ, e fara brãco as mais pessos q̄ o juis lhe ordenar em sua presensa,
- it̄ q̄ ninguẽ possa por tenda sem ter as alfaias necessareas para seu officio .s. no de lousa branca verde e amarela, teraõ moinho, fornhalhas, colheres, pizoës, e as mais pessos necessarias em cada nũ dos officios de olleiros,
- it̄ nos officios de vidrado se lancara a cada arroba de uidro seis arrates de area antes mais q̄ menos e quando algũ se examinar o juis estara prezente a uer lhe fazer a tempera do vidro, e os tera preparados sẽ lhe faltar nada
- it̄ Pa louca singella, o barro sera terçado com area e naõ se colhera senaõ em Antozede ou em alcarraques
- it̄ q̄ de saõ martinho naõ venha barro para louca alguã, vidrada, branca, nem vermelha,
- it̄ q̄ ninguem possa cozer lousa na caldeira,
- it̄ os q̄ fizerẽ telha, e tijolo o faraõ de mt.º bom barro e a cada coatro carros de barro se hade misturar hũ carro de lodo naõ mais, e seraõ obrigados a ter formas de telha, e de tijolo, daluenaria, e de forcado e serãõ obrigados aferilas cada anno cõ o aferidor da cidade,
- it̄ q̄ naõ possaõ cozer louca em forninho pequeno sem licensa do juis de seu officio
- it̄ q̄ naõ podera desenfornar fornada alguã sem primeiro chamar o juis de seu officio o qual vera se esta a louca cosida como convem e achando q̄ naõ esta a fara cozer quanto for necessareo.
- it̄ q̄ quando os juizes nouos tomarẽ juramento q̄ os velhos lhe leaõ o regimento de seu officio
- it̄ quando algũ examinar tomara juramtº de guardar este regim.º alem do mais q̄ no uelho se contem
- it̄ quando ficar de algũ dos ditos officiais molher veuua q̄ doie em diemte naõ possa ter tenda aberta e uzar della sem ter nella official examinado e apro-uado no officio q̄ uzar.
- it̄ q̄ ninguem fassa louça com augoa suja, nem da Runa, nem de charco, o q̄ tudo compriraõ com pena de seis mil rs ametade p̄ª acuzador e a outra p̄ª a cidade,

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Vereações, 1620-1624, fls. 238 v.º e segg.

DOCUMENTO LIX

VREASSAÕ DE 6 DE ABRIL 647

Aos seis dias do mes de Abril de mil e ceis c^{tos} e quarenta e sete annos nesta Cidade de Coimbra e torre da Camara della, aonde estauão em vreassaõ Andre Serraõ da Cunha vreador mais velho g^o Coelho de Valadares. e sebastiaõ de bendanha Castelb^{co} e o D^{tor} joseph m^{des} Salas do Corpo da V^{de}, e o procurador geral; fr^{co} frz Rapozo; e os misteres da meza abaixo asinados

nesta Camara se mandou que os oleiros todos a sua uista deitasem fora da Cidade os emtulhos que lhe ficaõ de seus fornos; e que naõ os deitando dentro de outo dias os ditos emtulhos de suas testadas os auiaõ por condenados ametade

pera o Rendro e a outra ametade pera despezas da Camara; Simaõ de Moraes sobesCrij

Serraõ Coelho mendanha Salas
 Raposo

Declaro q̄ a pena saõ tres mil rs Simaõ de Moraes o escrij e com a mesma pena q̄ naõ deitem daqui por diante os entulhos na mesma parajem e o sobredito escrij

Raposo serrã mendanha
 Salas
 frco pires

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, *Vereações*, 1644-1648, fl. 84.

DOCUMENTO LX

VREASSÃO DE 14 DE JUNHO

Aos quatorse dias do mes de junho de mil e ceis centos e sincoenta e tres anos nesta cidade de Coimbra e torre da Camara; della aonde Estauã em vreassão Ioaõ dAndrada leitaõ juis de fora; e o, Por Antº pacheco fabiaõ do Corpo da Vde, e lazaro Carnro Sotto major; e frco Amado Varella e macedo Antº gomes Colaco, e o procurador geral Domingos Simois; e os Misteres da meza abaixo asinados

nesta Camara se mandou uender o azeite a dezouto rs, Com dois mil rs de pena, e que se apregoe

e q̄ os obr.os uendaõ conforme a taxa com pena de dois mil rs e as fersuras; a vinte e tres rrs com a mesma pena; e ouuerã a ureassã por acabada Simaõ de Moraes o escrij

Andra Dttor Fabiaõ Carnro
 Collaço Simões
 Varella de macdo

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, *Vereações*, 1648-1653, fl. 184.

DOCUMENTO LXI

VREASSÃO DE 20 DE AGº 619

Aos vinte dias do mes de Ago de mil e seis ctos e sincoenta e noue Anos nesta Cidade de Coimbra e torre da Camara della aonde estauão em vreassão Frco Cordº Zuzarte, ureador mais velho, e juis pella ordenassaõ, Mel Gomes de Agujar; e o Ioaõ Correa, e o procurador geral Manoel Rois da Costa e os Mesteres da meza abajxo asinados Acordou se nesta Camara q̄ séndo obrigados es officios; q̄ dã as bandras pa as procissoens publicas aCompanharem A bandra Real da Cidade que uisto faltaarem na procissãõ da Batalha de Alzibarrotta indo a bandra da Cidade os Condenavão em mil rrs a Cada hum dos ditos offos e se fara exeCusaõ nos juizes do ditto Officio; que será prezos se com effeito os nã entregarem logo comuem a saber Barbrºs Alfayates sapatros olros teseloens carpintros Cirieiros sirigros e Corrieiros ferreiros Cordoeiros Sombrieiros; e os sombrieiros (?) os aõ por condenados uisto ir hum cego (?) com a ditta bandra e logo na mesma Camara deu fe o portro

Como notificara a Molher do Rend^o; naõ uendesse paõ e pagasse o azeite a imo telles (?) pello preço de dezouto vinteñs; ou azúte bom e de Receber sci

Zuzarte Aguiar Silua Costa
 Ant^o domingos Saluador Rois

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, *Vereações*, 1658-1663, fl. 3o v.º

DOCUMENTO LXIJ

= 5.º CAP. =

Achou que nesta cidade uzauam muitas pessoas de pezos de pedra he medidas de barro comtra a forma do bom Regimento e Mamdej que de oje em deamte nenhuma pessoa possa usar de pezos de pedra senam de ferro e as medidas que sejam de pao todas affiladas na forma da hordenacam com penna de paguarem por cada ues cimcuenta cruzados pera acuzador he camera o que cumprjam demtro de hum mes que se comtara do dia da publicacam desta

Correição de 1678, in *Posturas e Correições*, 1404-1703, fl. 160.

DOCUMENTO LXIII

Sem data. Nunca o encontrei transcrito, a não ser no livro das Posturas e Correições.

TTº DOS QUE ABREM, E POM TENDAS

Na Camara se propos que hera feito huã postura que trata Sobre as pessoas, E officiais macanicos que pom, E abrem tendas p^a uenderem ao Pouo, E por ella os obrigua a pedirem licenca a esta Camara p.^a terem suas tendas abertas, E posto q̄ exeminados fossem nam abrisem as ditas tendas pera as terem abertas sem l.^{ca} da Camara feita pello Escriuaõ da Camara, E assinado pollo Iuis, E Vreadores, Eisto se entendera da feitura deste acordo por diante, Que todas as pessoas que abrirem de nouo tenda de qual quer officio ou mercadoria pedira a dita licenca, Sob pena de encorrer por cada ues em mil rs, a metade pera aCidade E aoutra ametade pera quem os acuzar.

Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, *Posturas e Correições*, 1404-1703, fls. xxx8 v.º

(*Continúa*).

DR. TEIXEIRA DE CARVALHO.

Contribuição para o estudo da flora briológica de Portugal ¹

As dos periquézios são sempre filamentosas, articuladas e unisseriadas; as dos perigóneos podem ter a forma filamentosa (fig. 8) ou a espatulada (fig. 9) e neste caso a extremidade superior é constituída por muitas séries de células.

São êstes os únicos elementos florais incolores; quando muito, apresentam na base uma leve coloração amarela ou, mais raras vezes, verde (alguns *Orthotrichum*).

Há um pequeno número de musgos em que as células da extremidade do caule se não desenvolvem em parafises; de resto êstes órgãos formam-se sempre, na grande maioria das espécies, em número variável e ordinariamente superior ao dos anterídios e arquegónios.

Não está ainda bem definida a função que êstes filamentos desempenham, tendo sido contudo aventadas algumas hipóteses. SCHIMPER, é de opinião que êles servem unicamente para manter um certo grau de humidade junto dos órgãos sexuais. Esta explicação é refutada por BOULAY, que fundamenta a sua opinião no facto de algumas espécies (*Racomitrium*, etc.), que se desenvolvem nas rochas expostas ao sol, não terem parafises, ou, se as teem, serem muito raras e curtas, emquanto que há alguns musgos aquá-



Fig. 8. — Grupo de anterídios e parafises filamentosas da *Hedwigia ciliata* Ehr. (58 diam.).

¹ Continuado de pág. 2^ª9.

ticos (*Hypnum rusciforme*, *H. alopecurum*), em que os referidos órgãos são muito desenvolvidos e numerosos. Últimamente alguns autores pretendem resolver o problema dizendo que as parafises são destinadas a auxiliar a fecundação, não dizendo porém até que ponto elas são auxiliares ou em que consiste esse auxílio.

ANTERÍDIOS. — Os *anterídios* são os órgãos produtores dos gametas masculinos ou *anterozoides*.



Fig. 9. — Grupo de anterídios e parafises espatuladas do *Polytrichum commune* L. (33 diam.).

No género *Buxbaumia* teem uma forma aproximadamente esférica, mas na maioria das espécies são subcilíndricos (figg. 8 e 9) ou claviformes e sempre sustentados por um pedicelo curto e largo.

Quando maduros apresentam-se coloridos de amarelo-escuro ou de vermelho.

O seu número varia muito de género para género e é assim que em algumas flores apenas se desenvolvem dois ou três,

havendo outras que encerram 150 a 200 (*Polytrichum*, alguns *Mnium*). O mesmo se dá dentro de cada espécie, de maneira que só é possível fixar para cada uma um número que indique a média da frequência.

Os anterídios devem a sua origem a algumas células da superfície do caule, que se alongam para o exterior em forma de papila e se dividem um certo número de vezes em diversas direcções. O trabalho de diferenciação começa com a divisão da papila em três células sobrepostas: uma, a inferior, fica colocada entre os tecidos do caule, e desempenha o papel de *suporte*; as outras duas ficam acima do nível dos tecidos caulinares e darão sucessivamente o *pedicelo* e o *corpo* do anterídio.

A divisão celular continua a efectuar-se, mas com uma actividade muito mais sensível na célula da extremidade, visto que, em razão do papel que lhe está destinado, deve atingir um grau de diferenciação mais elevado. Primeiramente divide-se em duas séries de segmentos oblíquos e alternos, passando depois as divisões a fazer-se

tangencialmente até à completa formação de algumas assentadas dispostas em direcção radial. Destas, a mais externa diferencia-se para formar a parede do anterídio, enquanto que o maciço celular interno se divide ainda em três direcções, para dar um aglomerado de pequenas células cúbicas ou *células-mães* dos anterozoides.

A parede vem a ficar constituída por uma só assentada de células clorofilinas de forma hexagonal ou quadrangular, e só mais tarde, com a maturação, os cloroleucitos tomam a côr amarela ou vermelha.

Os anterozoides organizam-se dentro das células-mães por um processo muito semelhante ao que se observa nas plantas fanerogâmicas com a formação dos grânulos de pólen. Depois de se operar em cada uma destas células-mães uma renovação parcial do conteúdo, a porção nuclear alonga-se e é utilizada na formação do *corpo* adelgado e espiralado dos anterozoides, enquanto que o protoplasma se divide para constituir os dois *cílios vibráteis* colocados na parte anterior de cada anterozoide e que servem para a sua deslocação após a deiscência do anterídio.

A ruptura da parede do anterídio faz-se na parte superior e é produzida pela gelificação das membranas de um grupo de células. Por esta forma as células-mães dos anterozoides ficam directamente em contacto com o meio exterior e absorvem parte da água retida pelas fôlhas perigonias, donde resulta um grande aumento de volume e ao mesmo tempo a gelificação das membranas, de maneira que cada uma das células-mães se transforma num pequeno corpo mucilaginoso e esférico, contendo os gametas masculinos já formados mas ainda enrolados em espiral. A deiscência do anterídio faz-se em seguida à dissolução da mucilagem na gôta de água retida pelo invólucro floral.

Algumas vezes na extremidade posterior do corpo dos anterozoides vê-se um apêndice vesicular cheio de um líquido plásmico que contém grânulos de amido¹.

Em alguns casos (*Fontinalis, Andreaea*) os diversos anterídios de uma flôr teem um valor morfológico diferente: o primeiro que se desenvolve é o prolongamento directo do eixo do caule, e resulta da célula terminal, derivando todos os outros dos últimos segmentos normais desse eixo. De uma maneira geral pode dizer-se que os

¹ Para tornar possível esta observação, é necessário fixar os anterozoides, juntar à preparação uma pequena gôta de cloriodêto de zinco e utilizar uma objectiva de grande ampliação.

O tratamento pelo iodo também dá bom resultado e tem a vantagem de côrar os cílios de amarelo, tornando-os assim mais aparentes.

anterídios, pela sua posição, equivalem às fôlhas, mas, atendendo à indeterminação do lugar que ocupam e ao seu desenvolvimento à custa das células superficiais, teremos de lhes atribuir o valor de pêlos.

ARQUEGÓNIOS. — Os *arquegónios* são os órgãos produtores do gamêta feminino ou *oosfera*.

Na forma diferem muito dos anterídios, o que facilmente se verifica pelo simples exame de uma flôr hermafrodita: enquanto que o anterídio tem geralmente a forma elíptica ou ovoide, os arquegónios aproximam-se muito, no seu feitio, de uma garrafa de gargalo longo sustentada por um curto pedicelo (fig. 10).

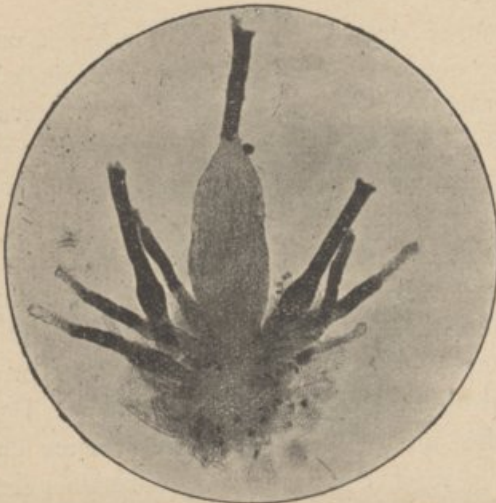


Fig. 10. — Grupo de arquegónios da *Hedwigia ciliata* Ehr., ao centro o arquegónio fecundado, dos lados os arquegónios em via de esfoliação (58 diam.).

A coloração é aproximadamente a mesma nos dois órgãos, mas, pelo que respeita ao número, a diferença é bastante sensível em alguns musgos. Na maior parte das espécies a frequência é de 10 a 20 arquegónios, reduzindo-se a 2 ou 3 nas espécies mais pobres e podendo elevar-se em casos muito raros a 30 ou 40 (*Mnium undulatum*).

O pedicelo é maciço e formado por muitas assentadas de células clorofilinas.

A parte dilatada ou *ventre*, fica constituída externamente por duas assentadas que formam a parede do arquegónio, sendo o interior ocupado por duas células esferoidais e sobrepostas, que resultam da divisão de uma só célula primitiva. Dêstes dois elementos ventrais, o inferior é o gamêta feminino ou *oosfera* e o superior a *célula do canal*.

No *colo* encontramos uma só assentada de células rectangulares e dispostas com muita regularidade em 4, 5 ou 6 fiadas.

Quando se aproxima a maturação, o eixo do colo é ocupado por uma linha de *células axiais* que proveem das sucessivas divisões da célula do canal. Destas divisões não resulta sempre um número determinado de elementos: para a maior parte das espécies encon-

tram-se em média 8 a 10 células axiais em cada colo, mas outras há (*Atrichum*) que podem conter 30.

Para que o arquegónio atinja o seu completo desenvolvimento é necessário que as células axiais se geleifiquem. Daqui resulta a formação de uma certa quantidade de mucilagem que, absorvendo uma determinada porção de água, provoca o afastamento das células da extremidade superior do arquegónio, onde finalmente se vai depositar sob a forma de uma pequena gôta.

Este último plano de células da parte superior do colo é designado por alguns autores com o nome de *roseta*.

Da mesma forma que os anterídios, os arquegónios tem o valor morfológico de pêlos. As experiências de M. KÜHN mostraram que em alguns géneros (*Andreaea*, *Radula*, *Fontinalis*) o primeiro arquegónio deriva sempre da célula terminal do caule, e os outros dos últimos segmentos dessa célula. Julgou-se por muito tempo que isto só se verificava nos três géneros citados, e só depois dos estudos de M. SCHUCH se reconheceu que em todos os musgos o primeiro arquegónio procede sempre da célula terminal do ramo feminino.

Os arquegónios também derivam sempre de uma célula superficial que se alonga para o exterior em forma de papila e se separa, ao nível do caule, por uma divisão transversal. Obliquamente ao eixo desta célula-mãe dá-se outra divisão, formando-se duas células parciais e de diferente grandeza: a mais pequena e inferior dá o *pedículo*, a superior virá a formar o *ventre* e o *colo*. Esta última continua a desenvolver-se, e divide-se três vezes sobre os lados e uma ao alto, donde resulta a formação de uma célula central rodeada de quatro células periféricas e envolvida totalmente por elas. É das sucessivas divisões destes quatro elementos envolventes que derivam a parede do colo e a do ventre, ficando a célula central reservada para a formação da *oosfera* e da *célula do canal*, o que se efetua por meio de uma divisão transversal.

FORMAÇÃO DO ÔVO. — Dissolvida a matéria envolvente na pequena gôta de água retida pela flôr, os anterozoides nadam livremente por meio dos dois cílios vibráteis e são atraídos ou levados casualmente para o colo de um arquegónio, onde ficam detidos pela mucilagem condensada entre as células da roseta. O gamêta masculino, atravessando o canal, conjuga-se com a oosfera e fundiona-se com ela, núcleo com núcleo, protoplasma com protoplasma, originando a formação de uma só célula — o *ôvo* ou *oosporo*, que fica ocupando quasi todo o ventre do arquegónio.

Após a fusão, o oosporo reveste-se imediatamente de uma membrana celulósica e continua a desenvolver-se no ventre do arquegónio, ou seja, sobre a planta mãe, o que justifica para os musgos a designação de plantas *vivíparas*.

A fecundação dá-se ordinariamente no inverno ou na primavera, e quasi sempre depois de alguns dias de chuva, visto que a água retida no involúcro floral favorece a deiscência do anterídio, liberta os anterozoides, dissolvendo a mucilagem que os envolve, e ao mesmo tempo permite a sua deslocação até à roseta do arquegónio.

Nos musgos dioicos não basta a intervenção das chuvas: torna-se então necessário o auxílio dos insectos, ou de quaisquer outros agentes de disseminação, para o transporte dos anterozoides.

Nas espécies anuais o óvo desenvolve-se em seguida à sua formação, mas nas espécies vivazes permanece inalterável durante algum tempo, exigindo quasi sempre um período de repouso que pode ser de 10 meses (*Hypnum giganteum, cordifolium, nitens, cuspidatum*, etc.), de 1 ano (*Hypnum cupressiforme*), de 13 meses (*Polytrichum commune*), de 16 a 21 meses (alguns *Bryum, Hypnum, Philonotis*) e já se tem observado casos em que esse período se prolonga até 24 meses.

A germinação inicia-se com uma divisão perpendicular ao eixo do arquegónio, donde resultam duas células sobrepostas que, com repetidas divisões, dão lugar à formação de um corpo fusiforme e clorofilino — o *embrião*. As extremidades deste pequeno corpo são ocupadas por duas células cuneiformes que, dividindo-se, provocam o seu alongamento e a sua diferenciação em *esporogónio*.

Em geral só um oosporo continua a desenvolver-se e produz um esporogónio (fig. 10).

II. Geração asexuada ou esporófito

ESPOROGÓNIO. — Atingindo um determinado desenvolvimento, a parte inferior do embrião¹ crava-se nos tecidos do caule, por forma a oferecer à *frutificação* ou *esporogónio* uma certa estabilidade e a garantir-lhe uma superfície suficiente para, em contacto com os tecidos da planta mãe, haurir dela o alimento necessário. Isto equivale a dizer que nas Muscineas a geração asexuada se desenvolve sobre a parte vegetativa, e dela vive, à maneira de planta parasita.

Uma vez fixado o embrião, o seu crescimento localiza-se na célula

¹ Em algumas espécies (*Archidium*), a extremidade inferior do esporogónio toma a forma esférica, e nisto assemelha-se aos Esfagnos e Hepáticas.

superior, e é também à custa desta célula que se operam todas as diferenciações indispensáveis à completa formação do fruto.

Sendo bastante elástica, a parede do arquegónio distende-se e acompanha em parte o crescimento do embrião, até que, não podendo suportar o excessivo desenvolvimento do esporogónio, se rasga circularmente e um pouco acima da base. A parte superior do arquegónio continua a ser elevada e conserva-se até à maturação do fruto tomando o nome de *coifa* ou *caliptra*, e a parte do ventre que fica aderente ao caule recebe o nome de *vaginula*, passando a desempenhar aqui um papel importante na fixação do esporogónio ¹.

Quando a frutificação se tem alongado suficientemente, o seu cone vegetativo dá lugar à formação de duas séries de segmentos sobrepostos e separados por septos oblíquos e alternos. Cada uma das células resultantes, por sua vez, divide-se tangencialmente, de maneira que os elementos externos virão mais tarde a formar a parede do órgão produtor dos esporos ou *esporângio* e parte dos internos as *células-mães* dos esporos.

Completamente diferenciado, o esporogónio fica constituído por duas partes perfeitamente individualizadas: o *pedículo* ou *seta*, correspondente à região inferior e não engrossada, e a *cápsula* ou *esporângio*, que é o corpo terminal resultante duma activa multiplicação celular do cone vegetativo.

CÁPSULA. — A princípio a cápsula é formada por um tecido celular compacto e homogéneo, e só depois de atingir um certo grau de desenvolvimento, patenteia a existência de zonas diferenciadas. Este trabalho de diferenciação é iniciado pela camada de células mais externas que para êsse fim se cutinisa fortemente, ficando assim constituída a *epiderme capsular*, algumas vezes munida de estomas superficiais ou situados no fundo de uma pequena cavidade (*Orthotrichum*).

Subjacentes à epiderme formam-se três assentadas de células caracterizadas pelo protoplasma granuloso e algumas vezes por uma coloração diferente, seguindo-se para o interior uma lacuna cheia de ar, e interrompida a diversas alturas por trabéculas pluricelulares, oblíquas e clorofilinas, que põem a epiderme e as três assentadas de células exteriores em comunicação com os tecidos internos. Os gé-

¹ Em determinados casos (*Orthotrichum*), esta membrana apresenta longos pêlos que constituem um carácter distintivo.

Também para a distinção entre o *Pleuridium alternifolium* e o *P. subulatum* a *vaginula* nos oferece caracteres que constituem uma indicação muito valiosa.

neros *Ephemerum*, *Phascum* e *Archidium* fazem excepção a esta regra, pois que a parede da cápsula fica constituída por uma só assentada de células tabulares.

Internamente também o revestimento da lacuna é feito por três ou quatro assentadas dispostas com muita regularidade. Cada uma das células que constituem a camada mais próxima do eixo capsular diferencia-se numa *célula-mãe dos esporos*, dentro da qual se formam quatro *esporos* ou *diodos*. O tecido envolvente das células-mães será evidentemente o *saco esporífero* ou *esporângio* propriamente dito.

A região central não sofre alteração importante: torna-se apenas mais densa e mais rígida, ficando constituída por um tecido de células poligonais e quasi sem clorofila, dispostas de maneira a formar uma coluna axial ou *columela*.

Encimando a cápsula encontra-se a parte superior do arquegónio, agora com o nome de *coifa*. Esta pequena película pode revestir formas variáveis, e é constituída por células vivas que se alimentam por intermédio do tecido capsular subjacente, e só muito próximo da deiscência passa a ser um tecido morto e independente.

Já pela forma, já pelas dimensões, a coifa apresenta sempre caracteres determinados, e por isso mesmo de uma alta importância sob o ponto de vista taxonómico. Em alguns géneros (*Orthotrichum*, *Grimmia*, *Physcomitrium*) torna-se muito difícil, ou até mesmo impossível, a determinação das espécies sem o seu concurso.

Conforme as espécies que se consideram, a coifa pode ser *nua* ou *glabra* (*Funaria*, *Trichostomum*), *ciliada* ou *lobada* na base (*Campilopus*, *Rhacomitrium*), e *pilifera* (*Orthotrichum*, *Polytrichum*).

As formas *cilíndrica*, *mitral* e *campanulada* são as mais frequentes.

As dimensões variam também consideravelmente de espécie para espécie; numas a coifa chega a cobrir completamente a cápsula (*Pogonatum*), enquanto que noutras (*Pleuridium*, *Grimmia*), cobre apenas o vértice. Para julgar do comprimento, o mais prático será tomar o meio da cápsula para ponto de referência: assim, para uma determinada espécie, diremos que a coifa passa abaixo da linha média, atinge essa linha, ou fica para àquem dela.

Há musgos em que a coifa se rasga lateralmente na base e toma uma posição oblíqua em relação ao eixo do esporogónio, enquanto que noutras cobre herméticamente a parte superior da cápsula, permanecendo contínuo o bordo inferior: no primeiro caso a coifa diz-se *assimétrica*, no segundo *simétrica* em relação ao seu eixo.

Quando é muito pequena, a coifa cai quasi sempre antes da maturação da cápsula (*Bryum*), mas nas espécies em que atinge maiores proporções (*Polytrichum*), conserva-se geralmente até a deiscência.

A estrutura é, como a da parede do arquegónio, muito simples, sendo formada em quasi toda a sua extensão por uma ou duas camadas de células subrectangulares, mais ou menos alongadas e transparentes. Todavia no vértice encontram-se algumas vezes mais de dois planos de células, e neste caso termina por um bico bastante resistente e de côr escura, que não é mais do que o colo do arquegónio dessecado e polido.

Sob a coifa encontra-se o *opérculo*, pequeno corpo de forma cônica e geralmente de côr vermelha ou escura que fecha a urna até à libertação dos esporos.

É formado por muitas camadas de células clorofilinas e subrectangulares que nalguns casos se dispõem em espiral (*Trichostomum*, *Funaria*).

Pode ser *apiculado* ou *mítico*, conforme termina ou não por uma ponta mais ou menos alongada.

A forma, as dimensões e a direcção do apículo constituem óptimos caracteres para a determinação das espécies.

À queda da coifa segue-se geralmente a queda do opérculo; contudo há algumas espécies em que o opérculo fica sempre ligado à cápsula (*Systegium*).

A queda natural é devida à destruição de algumas assentadas celulares que constituem a zona de separação entre o opérculo e a parte inferior da cápsula ou *urna*, sendo em alguns musgos facilitada pelo entumescimento dum círculo de células de membrana grossa, côradas de vermelho, e fácilmente destacáveis. Estas células que, em virtude da sua disposição circular, tomaram o nome de *anel*, desempenham um papel puramente mecânico, reforçando a cápsula naquele ponto de ligação com o opérculo.

O anel também pode oferecer valiosos caracteres específicos, já pelas suas dimensões, já pela forma das células ou das camadas celulares que o formam. Em algumas espécies (*Weisia*, *Dicranum*) é muito pequeno e de difícil observação, noutras porém (*Funaria*, alguns *Hypnum*, *Grimmia pulvinata*) é bastante desenvolvido e destaca-se fácilmente da urna.

Com a separação do opérculo os esporos não ficam logo a descoberto, devido à presença de um ou dois círculos de *dentes* que im-

pedem a imediata deiscência da cápsula. O conjunto destes dentes constitue o *peristoma*.

Segundo a espécie que se considera possui um só ou dois círculos de dentes, assim o peristoma é *simplex* (*Trichostomum*) ou *duplo* (*Bryum*, *Hypnum*, *Fontinalis*). Neste último caso alguns autores empregam as denominações de *cílios* ou *lâminas* (fig. 11)¹ quando se referem aos elementos do peristoma interno, reservando a designação de *dentes* (fig. 12) para os elementos que constituem o peristoma externo.

Os cílios, assim como as lâminas, diferem dos dentes pela forma, pelas dimensões mais reduzidas,

Fig. 11.—Parte do peristoma interno do *Bryum capillare* L. (32 diam.).

e pela côr mais desmaiada; além disso, os elementos do peristoma interno encontram-se ligados na base por uma membrana facilmente destacável dos outros tecidos, são quasi sempre denticulados, e transversalmente estriados.

Os cílios são filamentos lisos, nodulosos ou apendiculados (alguns *Bryum*) que alternam com as lâminas. Estas últimas são produções de forma subtriangular, finamente acuminadas e constituídas por um tecido muito delicado semelhante ao da membrana basilar.

Poucas são as espécies (*Gymnostomum*, *Pottia*, *Hedwigia*) que não possuem um peristoma

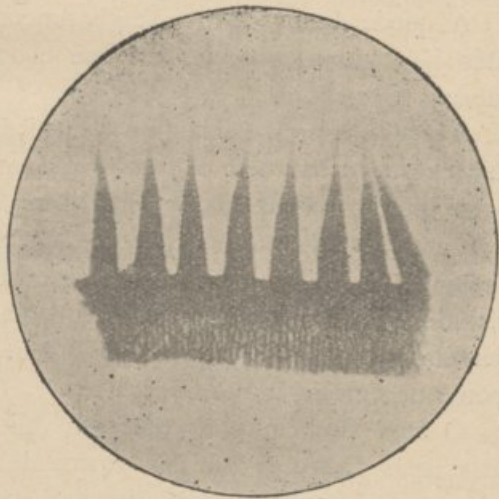


Fig. 12.—Parte do peristoma externo do *Bryum capillare* L. (32 diam.).

¹ O termo *lâminas* corresponde ao *processus* de Schimper e ao *lanières* de Boulay.

mais ou menos desenvolvido. A grande maioria dos musgos tem-no com 4 dentes ou com um número de dentes múltiplo de 4; qualquer porém que seja este número, é sempre fixo para cada espécie. Geralmente encontram-se 4 (*Tetraphis*), 8 (*Splachnum*), 16 (*Grimmia*) e nunca mais de 32 ou 64 (*Polytrichum*). Neste último caso aparecem quasi sempre cobertos por uma fina película de côr branca e de forma circular — *epifragma* ou *diafragma*. Os números 16 e 32 são entretanto os mais frequentes.

Em determinados peristomas (*Orthotrichum*), os dentes agrupam-se por forma a dificultar a contagem; outras vezes dispõem-se regularmente dois a dois ou quatro a quatro, formando respectivamente peristomas de dentes *geminados* e *bigeminados*.

Da forma e arranjo do peristoma daremos apenas algumas indicações mais curiosas, visto que a variedade é tão grande, que quasi podemos afirmar não se encontrarem duas espécies com os peristomas rigorosamente iguais. Donde se conclue que o peristoma é a parte da cápsula que encerra não só o maior número de caracteres taxonómicos, mas os mais valiosos.

A prática dá-nos a confirmação do que acabamos de dizer, visto que para a maioria dos casos a classificação se torna impossível desde que não tenhamos uma ideia bem nítida do número e da forma dos elementos peristomáticos.

Só por si o peristoma é muitas vezes suficiente para a determinação do género. Sucede isso, por exemplo, com as espécies do género *Barbula* em que o peristoma começa por um tubo membranoso ou *membrana basilar*, enrolando-se os 32 dentes filiformes em espiral para a direita ou para a esquerda, consoante a espécie que se observa.

Duma maneira geral os dentes podem ser *regulares* (*Polytrichum*, *Hypnum*) ou *irregulares* (*Distichum*), *livres* ou *aderentes* (*Funaria*), *contínuos* ou *perfurados* (*Grimmia*) e *simples* ou *ramificados* (*Dicranum*, *Rhacomitrium*). Quanto à superfície podem ainda ser: *lisos*, *papilosos* (*Barbula*), *nodulosos* (*Trichostomum*), ou *enrugados* (*Campylopus*).

Quando regulares, revestem quasi sempre uma das seguintes formas: *laminar*, *espatulada*, *lanceolada*, *ligulada*, ou *linear*. Não sendo filiformes, os dentes apresentam-se quasi sempre com o dorso dividido longitudinalmente por uma *linha média* ou *divisorial* (*Bryum*, *Hypnum*, etc.).

O peristoma torna-se sobremaneira curioso pelo seu grande poder higroscópico: com o tempo húmido os dentes unem-se formando um cone e tapam a abertura da urna, com o tempo sêco curvam-se para

fora ou enrolam-se em espiral (*Fontinalis antipiretica*), podendo então a deiscência da urna fazer-se livremente. É fácil, porém, verificar que a sensibilidade higrométrica não é a mesma para todos os musgos, pois em algumas espécies (*Polytrichum*, *Trichostomum*) os dentes curvam-se tanto para fora que chegam a tocar a parede da cápsula, ao passo que noutras a deslocação é pouco sensível.

O corte longitudinal radial feito numa cápsula ainda não amadurecida, mas já bastante desenvolvida, dá uma ideia clara da forma como se organizam o opérculo, o anel, o peristoma e também os esporos. Nesta altura o opérculo apresenta-se formado por uma camada de células escuras, bastante espessas e cobrindo outras assentadas de elementos mais delicados, e o anel distingue-se pelas suas células clorofilinas e em posição oblíqua. Por êste corte se vê também que tanto os elementos do peristoma externo como os do interno resultam do espessamento local das membranas dum só assentada celular que forra o interior do opérculo. Quando o espessamento se faz só nas paredes externas, o peristoma é *simples*; se se faz simultaneamente nas paredes externas e internas, o peristoma será *duplo*, *composto* ou *perfeito*.

O número de dentes dependerá evidentemente do número de células que se encontram na assentada peristomática. Tem-se reconhecido que êste círculo de células geradoras não tem para todas as cápsulas uma posição fixa: em algumas espécies (*Weisia*, *Splachnum*), o peristoma nasce bastante abaixo da abertura da cápsula; desenvolvendo-se para a maior parte dos musgos, numa das camadas celulares que se encontram ao nível da abertura capsular ou do anel.

O exame de alguns cortes tangenciais mostra-nos a presença dos estomas e permite-nos reconhecer que o tecido de revestimento é formado por uma camada de células escuras, de parede grossa e fortemente cutinisada.

É enorme a variedade de cápsulas que os musgos nos oferecem, não se encontrando duas espécies que as tenham absolutamente iguais. Diferem externamente pela forma, pela posição e pelas dimensões.

Há casos em que o fruto reveste formas típicas e pouco vulgares, e então basta-nos o simples exame da cápsula para reconhecermos imediatamente o género a que a planta pertence, sem que tenhamos de recorrer a quaisquer outras observações (*Polytrichum*, *Funaria*).

As principais formas tipos da cápsula são: a *prismática* (*Polytrichum*), a *globosa* (*Bartramia*, *Breutelia*), a *cilíndrica* (*Trichostomum*), e finalmente a cápsula *piriforme* ou *obovada* (*Funaria*, *Bryum*).

Também para a cápsula podemos adoptar o mesmo critério de classificação que adoptámos para a coifa, isto é, classificá-la hemos de *simétrica* ou *assimétrica* conforme possui ou não uma simetria radial. A assimetria é quasi sempre motivada por uma curvatura (*Hypnum*, *Fissidens incurvus*) ou por um intumescimento local (*Funaria*, *Hypnum*).

A posição também não nos pode ser indiferente, e devemos sempre registá-la quando procedemos a trabalhos de classificação. Debaixo deste ponto de vista as cápsulas podem ser *erectas* (*Physcomitrium*), *obliquas* (*Barbula inclinata*, *Bryum elongatum*), *horizontais* (*Eurhynchium speciosum*) e *pendentes* (*Bryum*).

As dimensões são também muito variáveis, e devem ser tomadas depois da queda do opérculo. Dentro da mesma espécie há sempre cápsulas mais ou menos desenvolvidas, de maneira que os números que nos são dados na parte descritiva duma flora não indicam mais do que o desenvolvimento médio para cada espécie. Em alguns musgos atingem 3-9 mil. de comprimento (*Polytrichum commune*, *Meesea triquetra*, *Buxbaumia indusiata*) e 1-4 mil. de diâmetro, mas outros há para os quais a dimensão máxima não vai além de $\frac{1}{4}$ mil. ou 1 mil. (*Phascum*, *Brachyodon trichoides*).

Antes do completo desenvolvimento, as cápsulas apresentam a cor verde, e só na maturação tomam uma cor definitiva e determinada para cada espécie. As cores mais frequentes são o vermelho-escuro ou claro, o amarelo-claro ou esverdeado e o castanho-escuro.

A superfície também varia com as espécies e com o grau de desenvolvimento, podendo ser *lisa*, *papilhosa*, *estriada*, *canelada* ou *enrugada*. Há espécies (*Encalypta rahdocarpa*, *E. streptocarpa*) que se reconhecem só pelo exame da superfície da cápsula, que neste caso se apresenta nitidamente canelada em espiral.

PEDÍCULO. — O pedículo ou seta é a parte do esporogónio que suporta a cápsula.

Mais ou menos filiforme, este corpo encontra-se inferiormente ligado ao caule por uma extremidade que se adelgaça e termina de ordinário na parte superior por uma dilatação ou *apófise* de cor diferente da cápsula e separada desta por um pequeno estrangulamento ou *colo*¹. São poucas as espécies (*Splachnum*) em que a apófise atinge maiores proporções que a cápsula.

¹ Alguns autores não distinguem entre *colo* e *apófise*; SCHIMPER, por exemplo, chama colo à parte dilatada do pedículo e reserva o nome de apófise para o colo de dimensões excessivas.

O comprimento do pedicelo é muito variável; pode ser tão curto que a cápsula fica escondida entre as fôlhas do periquézio, parecendo-nos completamente séssil (*Grimmia*, *Phascum*, *Diphyscium*, *Cryphaea*), ou, pelo contrário, atingir 6,8 e 10 cent. (*Meesea longiseta*, *Polytrichum*). No primeiro caso é freqüente vêr-se a frutificação incluída nos restos do arquegónio (coifa, vaginula) até à maturação (*Archidium*).

É importante para a classificação saber se a superfície do pedicelo é *lisa*, *papilhosa* ou *canelada em espiral* pela torção em volta do eixo.

A direcção é variável, podendo o pedicelo ser *recto* (*Polytrichum*, *Trichostomum*), *flexuôso* (*Funaria*), ou *geniculado* (*Phascum curvicolium*, *Campylopus*); de maneira que a posição da cápsula fica quasi sempre dependente da direcção do pedicelo.

Ordinariamente (*Funaria*, *Polytrichum*) a secção transversal do pedicelo apresenta uma *epiderme*, *cortex* e *cilindro central* comparáveis às zonas de igual nome das criptogâmicas vasculares e das fanerogâmicas.

A epiderme é formada por uma, duas ou três camadas de células de membrana espessa e colorida de amarelo ou vermelho.

No cortex, além do parenquima cortical amilífero, distingue-se muitas vezes uma *endoderme* bem definida pela côr e pelo engrossamento das paredes das células que a formam. Em algumas espécies (particularmente nos *Hypnum*), o parenquima cortical encontra-se completamente transformado em esclerenquima.

Finalmente o cilindro central reduz-se a um pequeno grupo de células que ocupam o eixo, e que formam o tecido condutor correspondente aos feixes das plantas mais aperfeiçoadas.

Rigorosamente só a parte livre do esporogónio dos musgos corresponde ao caule das fanerogâmicas e criptogâmicas vasculares. A parte cravada no tecido do caule folhudo corresponde nas plantas superiores à raiz. Esta interpretação justifica-se, visto que a epiderme da base do pedicelo é formada por células com protoplasma mais denso e o núcleo mais desenvolvido e desempenham o papel de células absorventes.

A secção longitudinal tangencial feita na parte superior do pedicelo de certos musgos (*Orthotrichum*) indica-nos a presença de estomas aeríferos situados ao nível das células epidérmicas ou no fundo duma pequena cavidade, sendo em tudo muito semelhantes aos das plantas superiores.

A freqüência dos aparelhos estomáticos atinge o seu máximo na parte superior do pedicelo ou na base da cápsula.

ESPOROS. — Os esporos dos musgos são pequenos corpos clorofilinos e de forma esférica ou tetraédrica que se desenvolvem dentro do saco esporífero.

São habitualmente muito numerosos dentro de cada saco, mas em algumas espécies encontram-se em número muito limitado (nunca mais de 16 no *Archidium alternifolium*). O seu diâmetro regula por $\frac{1}{5}$ mil. (*Archidium*) e em certos casos (*Dawsonia*) não vai, segundo as observações de M. SCHIMPER, além de $\frac{1}{200}$ mil.

Feita excepção para uma tribo de musgos exóticos, os esporos são unicelulares e envolvidos por uma membrana cutinisada, de cor amarela, cinzenta ou purpúrea, e apresentam sempre uma superfície rugosa ou granulosa. Além da clorofilina e das substâncias protoplásmicas encerram também pequenas gotas de matérias oleaginosas.

Em face da igualdade destes elementos dentro de cada urna, poderemos compreender as Muscineas entre as criptogâmicas *isospóreas*, em oposição às criptogâmicas heterospóreas, onde se verifica a desigualdade dos esporos (macrosporos e microsporos).

Alguns autores aplicam aos esporos dos musgos o nome de *esporos de passagem* ou *diodos*, para os distinguir dos *esporos de formação directa*, que se encontram nas talófitas. Esta distinção é perfeitamente aceitável, porquanto os primeiros nascem sobre um aparelho especial (esporogónio) que se fixa sobre o caule, enquanto que os segundos se desenvolvem directamente sobre o talo e reproduzem-no imediatamente pela germinação.

As células esporíferas dispõem-se em três ou quatro camadas, e reconhecem-se antes da maturação da cápsula pelo seu protoplasma mais denso e pelo núcleo bastante desenvolvido. Após a formação dividem-se duas ou três vezes, dando assim lugar à diferenciação das *células-mães dos esporos*, que atingem o completo desenvolvimento e se individualizam em virtude da geleificação da lâmina média das membranas. Só nestas condições é que as células-mães se dividem em quatro *células-filhas* ou *esporos*, que ficam encerrados no saco esporífero até à abertura da cápsula.

Há porém um pequeno número de espécies (*Archidium*), que se afasta um pouco do processo normal que acabamos de expôr, pois não possui uma assentada esporífera continua, mas apenas algumas células (1 a 7) disseminadas no tecido capsular, que se transformam em células-mães dos esporos.

O saco esporífero, longe de ocupar toda a cápsula, reduz-se na maioria dos musgos a um espaço subcilíndrico, interiormente limitado

pela primeira camada de células da columela e exteriormente pela parede interna da lacuna.

O processo de formação dos esporos é evidentemente análogo ao da formação dos grânulos de pólen das plantas superiores. Sob este ponto de vista, a aproximação entre os musgos e as plantas fanerogâmicas torna-se ainda mais sensível se notarmos que o esporo é envolvido por duas membranas: o *exosporo*, completamente cutinizado, e o *endosporo*, de natureza celulósica fina, e hialina. Estas duas membranas envolventes correspondem sem dúvida às duas membranas similares que se encontram no grânulo de pólen.

A diferença principal entre o desenvolvimento dos esporos dos musgos e os grânulos de pólen das fanerogâmicas ou os esporos das criptogâmicas vasculares reside na origem das células-mães. Nas fanerogâmicas e nas criptogâmicas vasculares, as células-mães do pólen ou dos esporos têm uma origem subepidérmica e epidérmica, e nascem sobre a folha; nos musgos, a sua formação é mais profunda, visto que tomam origem numa região que deve corresponder ao *periciclo* do cilindro central do caule das plantas superiores.

O esporo, caindo à terra, absorve grande quantidade de água e germina desde que as condições ambientes de humidade e temperatura lhe sejam favoráveis. O seu desenvolvimento consiste no alongamento do endosporo celulósico através do exosporo cutinizado, sob a forma de um longo pêlo de cor verde. Este filamento cresce pela extremidade, e torna-se pluricelular por meio de divisões transversais, abaixo das quais nascem ramificações com a mesma estrutura e as mesmas propriedades do tubo primitivo. O corpo resultante da germinação do esporo, que pode dar lugar à formação de muitos aparelhos vegetativos, não é mais do que o *protonema* de que já tivemos acasão de falar, e que nos serviu de ponto de partida para o estudo da geração sexuada.

Depois da queda do opérculo e do afastamento dos dentes peristomáticos, a deiscência da cápsula opera-se muito facilmente, bastando para isso uma leve agitação do ar. Raras vezes (*Phascum*) a cápsula é indeiscente (musgos *cleistocarpos*), e neste caso só depois da destruição da parede se efectua a disseminação.

Os esporos de qualquer musgo, sendo dessecados, conservam durante muito tempo a propriedade germinativa, mas na humidade germinam de ordinário depois de dois ou três dias.

III. Propagação vegetativa

Na quasi totalidade das Muscíneas verifica-se não só o processo de reprodução exposto no capítulo anterior, mas também alguns outros não menos importantes, que se realizam independentemente do primeiro, e constituem as várias formas de *multiplicação* ou *propagação vegetativa*.

Nenhuma outra divisão do reino vegetal possui, como as Muscíneas, tão grande variedade de meios propagativos. Embora diferentes, todos êles possuem a particularidade notável de obedecer à seguinte lei: *toda a formação nova dum caule folhudo, provem do desenvolvimento dum protonema*. Esta regra só se não verifica quando a propagação é feita por *gomos caducos*.

Algumas espécies há (*Barbula papillosa*, *Lencobryum glaucum*, etc.) que, possuindo órgãos sexuais, se reproduzem unicamente por multiplicação ou propagação vegetativa; contudo para a grande maioria observam-se os dois processos de reprodução.

Entre as principais formas de multiplicação contam-se as seguintes:

Propagação por formação de propágulos. — Os propágulos são pequenos corpos pluricelulares, pediculados, fusiformes ou lenticulares, que nascem em maciço na extremidade dum prolongamento afilo derivado do caule (*Aulacomnium androgenum*, *Leptobryum piriforme*), ou rodeados por um invólucro de fôlhas muito pequenas (*Tetraphis pellucida*). Aparecem também sôbre as fôlhas caulinares normais (*Barbula papillosa*, *Grimmia torquata*, *Zygodon viridissimus*), ou na axila de cada fôlha (*Phascum nitidum* var. *bulbiliferum*).

O propágulo, caindo à terra, germina e produz filamentos protonemáticos resultantes do alongamento de certas células periféricas sôbre os quais se formam os *gomos caulinares*.

Rigorosamente os propágulos é que são para as Muscíneas os *esporos de formação directa*, pois que, nascendo sôbre o caule e caindo à terra, germinam e reproduzem, por intermédio dum protonema, plantas iguais à que lhes deu origem.

Propagação por formação directa dum protonema. — O protonema derivado do esporo é certamente um órgão de multiplicação, visto que simultânea ou progressivamente pode produzir um grande número de caules folhudos. Há casos (*Funaria hygrometrica*) em que um só dêstes aparelhos dá origem a dezenas de *gomos caulinares*, em virtude da propriedade de se poder dividir em protonemas secundários que, depois de algum tempo de inactividade, formam outros

tantos gomos caulinares e porventura outros tantos protonemas de terceira ordem.

Duma maneira geral poderá dizer-se que qualquer parte da planta, incluindo o esporogónio, pode dar origem a um protonema secundário, desde que para isso se encontre em condições favoráveis. Em determinadas espécies (*Conomitrium Julianum*), a região mais favorável ao desenvolvimento é a parte interna da coifa.

É nos rizoides que com mais frequência se organizam filamentos protonemáticos. Qualquer pêlo radicular que se coloque numa atmosfera húmida e se exponha à luz emite numerosas ramificações clorofilinas com as mesmas propriedades do protonema proveniente do esporo. Certas espécies (*Bryum*, *Mnium*, *Barbula*) prestam-se muito bem à verificação dêste facto, bastando para isso inverter a posição natural dum pequeno grupo de plantas e colocá-las em condições favoráveis de luz e de humidade. Ao cabo de alguns dias será fácil reconhecer sôbre a densa camada de rizoides o aparecimento de numerosos gomos caulinares. Compreende-se pois facilmente como esta propriedade dos pêlos radiculares contribui para tornar vivazes certas espécies (*Phascum*, *Pottia*, etc.) que por sua natureza deviam ser anuais.

Também sôbre os rizoides (*Barbula muralis*, *Grimmia pulvinata*, *Atrichum*) se formam gomos que reproduzirão novas plantas, sem que para isso se dê a intervenção dum protonema. Quando estes gomos nascem sôbre as ramificações subterrâneas, permanecem no estado de vida latente, sob a forma de pequenos tubérculos microscópicos, contendo produtos de reserva, até que por qualquer circunstância sejam transportados para a superfície do solo e possam continuar o seu desenvolvimento. No caso, porém, de se encontrarem ao lume da terra alguns pêlos radiculares, o desenvolvimento dos gomos faz-se num curto espaço de tempo, ou directamente (*Dicranum undulatum*) ou por intermédio dum protonema.

Nas fôlhas, os filamentos reprodutores devem a sua formação ao alongamento de parte das células do limbo, podendo tomar uma posição terminal ou marginal, conforme se desenvolvem no apex ou na margem. No primeiro caso o conjunto toma a forma de pequenos pinceis (*Orthotrichum Lyellii*, *O. obtusifolium*), no segundo os filamentos enrolam-se em volta da planta (*Buxbaumia aphylla*). Mas não são só as fôlhas das espécies indicadas que possuem a propriedade de emitir filamentos protonemáticos; muitas outras há (*Funaria hygromética*, *Camptothecium nitens*) que, caindo em lugar suficientemente húmido, se comportam pela mesma forma.

Propagação por gomos caducos. — Este processo de propagação

verifica-se num pequeno número de musgos (*Conomitrium Julianum*, *Bryum annotinum*, *Cinclidotus aquaticus*) e consiste na formação de pequenos gomos normais, que a certa altura se desprendem espontaneamente para produzir uma nova planta.

Propagação por inovações. — As espécies vivazes propagam-se também por meio de ramificações (1 a 5), que se formam uma vez por ano junto das flores terminais. Tais produções caulinares já ficaram suficientemente estudadas a págg. 245 e 249.

Propagação por mergulhia natural. — É êste sem dúvida o processo de multiplicação mais freqüente e de maior poder reprodutor, pois se efetua quasi continuamente para a maioria dos musgos, dando lugar a que estas plantas cubram por vezes grandes extensões.

IV. Utilidade dos musgos

Os musgós não são plantas inúteis; desempenham um importante papel na natureza, e o homem encontra neles muitas qualidades que os recomendam para determinados fins.

Em virtude do seu poder igroscópico e também pelo facto de se agruparem às vezes em densos tufos, os musgos desempenham um papel importantíssimo, retendo as águas das chuvas, impedindo que corram imediatamente sobre a terra, favorecendo a sua infiltração, e por conseguinte cooperando consideravelmente na formação das fontes, na conservação da humidade à superfície do solo, etc.

Podem fazer-se experiências interessantíssimas a êste respeito, avaliando pela diferença de pêso a quantidade de água que certos musgos conservam, depois de expostos muitos dias ao sol. Claro está que, os valores variarão segundo as espécies consideradas.

Algumas espécies que formam freqüentemente com os líquenes a única vegetação de certas regiões graníticas devem, sem dúvida, exercer também uma acção benéfica sobre atmosfera de tais regiões.

Não menos real é a acção dos musgos sobre as rochas, originando nelas uma desagregação lenta e preparando-as para receberem outras espécies vegetais, que de outro modo não poderiam ali viver. Estas partículas que se vão separando das rochas, juntas aos musgos, fôlhas, e outras matérias em putrefacção, contribuem em grande escala para a formação da terra vegetal e do húmus.

Segundo ROTH, os musgos exercem uma acção benéfica sobre o solo, conservando-lhe a permeabilidade, aumentando-lhe a porosidade e suavizando-lhe a temperatura, por forma a evitar as mudanças demasiado bruscas e as temperaturas extremas.

Tem-se verificado por meio de experiências que os musgos favo-

recem em alto grau o crescimento dos pinheiros. Em terrenos aliás idênticos, o crescimento destas árvores foi 50% mais considerável nos sítios cobertos por musgos que nos que dêles eram destituídos. A produção aumentou 15% pela irrigação, 39% pela cava em volta da árvore, 45% pela conservação de um tapête de musgos, e 64% conservando-se constantemente húmido o revestimento de musgos em redor da árvore ¹.

Grande é também o papel dos musgos aquáticos (*Hypnum palustre*, etc.) na formação da turfa ².

Os jardineiros utilizam os musgos na preparação de terrenos, que se tornam prodigiosamente férteis em virtude da grande acumulação de matérias orgânicas que estas plantas contêm. O terreno assim preparado presta-se muito bem ao desenvolvimento das plantas de organização mais elevada, como são as orquídeas epífitas, os antúrios, etc.

Na Suécia, Noruega, Holanda, e outros países, as espécies de maior desenvolvimento são muito procuradas e diariamente utilizadas para a cama dos animais, não só por se prestarem muito bem a esse fim, mas para serem expostas à acção dos produtos azotados provenientes da urina, e desta maneira serem aproveitados como adubos para as terras.

Alguns *Hypnum* são entre nós muito empregados no acondicionamento de frutos e plantas delicadas, assim como na calafetagem dos navios.

Principalmente nos países do norte, certos musgos constituem produtos farmacêuticos com propriedades adstringentes, diuréticas, etc. Ao *Polytrichum commune* atribuem-se propriedades peitorais e diaforéticas, sendo também em certas regiões empregado no fabrico de escovas e de cordas (Ilha do Pico).

O *Fontinalis antipirética* é utilizado entre os povos do norte para

¹ *Forstwissenschaft Zeitsch. von Dr. Karl F. T.*; 1893, pág. 193 e seg. (citado por ROTH).

² Os esfagnos são as Muscineas que mais concorrem para a formação da turfa, matéria muito explorada em certas regiões como combustível.

Os esfagnos e outras Muscineas aquáticas, à medida que se desenvolvem, vão depositando no fundo das águas as partes inferiores do seu aparelho vegetativo. Estes restos, acumulados em grande quantidade, acabam por formar uma massa compacta que, depois de uma decomposição lenta feita ao abrigo do ar, se transforma numa matéria rica em carbono:— a turfa.

Para a formação da turfa também concorrem algumas Gramíneas, particularmente a *Arundo Donax* (cana), um grande número de Ciperáceas (*Carex*, *Scirpus*, etc.), os *Juncus* e algumas espécies do género *Nymphaea*.

forrar os tabiques próximos das chaminés, a fim de evitar os incêndios. Na Suécia atribuem-lhe propriedades febrífugas depois de um longo cozimento na cerveja, além do que se emprega também no tratamento da angina ¹.

As espécies do género *Dicranum* constituem nas regiões polares uma grande riqueza para a alimentação do gado, bem como as do género *Andreaea*, se bem que em menor escala.

(Continua).

ARTUR ERVIDEIRA.

¹ Muitas outras aplicações medicinais se encontram indicadas no *Traité de Botanique Médicale* de H. BAILLON.

Miscelânea

O TRICENTENARIO DE FRANCISCO SUÁREZ E O CONGRESSO INTERNACIONAL DE GRANADA

Comemorando o tricentenário da morte de Francisco Suárez celebraram-se em Granada, nos fins de Setembro de 1917, solenes festividades, sob a alta protecção do Pontífice e de D. Afonso XIII, respectivamente representados pelo Núncio Apostólico em Madrid, Mgr. Ragonesi e Ministro de Instrução Pública, Sr. Andrade.

Das três cidades que historicamente poderiam lembrar este acontecimento — Coimbra, em cuja Universidade o *Doctor Eximius* regeu a cadeira de Prima da Fac. de Teologia (8-v-1597—23-vii-1615), Lisboa, onde, na comunidade de S. Roque, expirou, (25-ix-1617) e Granada, onde nasceu (5-1-1548), foi esta última que tomou a iniciativa; e a quem, na verdade, competia, pois Portugal tinha já cumprido a sua dívida de gratidão comemorando em 8 de maio de 1897, com a obra monumental do Doutor António Garcia Ribeiro de Vasconcelos — FRANCISCO SUÁREZ (*Doctor Eximius*), o tricentenário da sua incorporação no corpo docente desta Universidade. É a «Junta Organizadora del Centenario del eximio Doctor P. Francisco Suárez S. L.», constituída pelos Srs. Joaquim M. de Los Reyes, Eloy Señán, Ildefonso Izquierdo, sob a presidência do Sr. Luis L. Dóriga Meseguer, que se devem todas as homenagens prestadas ao ilustre Granatense. Aspirava a Junta, como consta do programa que em fins de novembro de 1916 distribuiu, realizar as festas cívico-religiosas mais adequadas, promover conferências e organizar um Congresso Internacional em que a vida e obra do homenageado fôsse estudada nestas secções: Psicologia de Suarez: S. ascético, filósofo, jurisconsulto, sociólogo, apologista, mestre de direito internacional e pedagogo.

Acolhida esta aspiração benévolmente pelo Pontífice, aprovada calorosamente pelo arcebispo de Granada, a Junta em breve via secundados os seus esforços pela propaganda de algumas revistas, como a *Razón y Fe* e, indirectamente, pela Univ. de Granada, que promoveu em 25 de abril de 1917 uma sessão solene, na qual o Prof. Torres Campos dissertou sobre «Francisco Suárez y el Derecho Cristiano de la Guerra». Um congresso em Granada, afóra a causa da sua celebração, pelo prestígio lendário da cidade e pelo seu incomparável recheio artístico, atrairia em outro momento que não fôsse o actual numerosos congressistas; mas apesar de todas as vicissitudes e dificuldades da hora presente concorreram ao apêlo da Junta algumas missões estrangeiras. A representação portuguesa era constituída por uma missão desta Universidade, formada pelos Doutores António Garcia Ribeiro de Vasconcelos¹, Director da Fac. de Letras, Eugénio de Castro, desta Fac., José Al-

¹ Por motivo de doença não pôde este Prof. acompanhar os seus colegas a Granada.

berto dos Reis, Director da Fac. de Direito e Manuel Paulo Merêa¹, da mesma Fac., e, como agregado, o assist. prov. daquela Fac. Joaquim de Carvalho, e, do episcopado, pelos Srs. Bispo de Portalegre, Antonio de Menezes e Correia Pinto, respectivamente representantes dos Srs. Arcebispo de Braga e Bispo da Guarda. A França enviou uma brilhante missão: Mgr. Baudrillart, da Academia, reitor do Instituto Católico de Paris, R. de Scorraille, o erudito biógrafo de Suárez, cuja obra fortemente contribuiu para esta comemoração, Ernest-Marie Rivière, bibliógrafo da Comp. de Jesus, continuador de Backer e Sommervogel e Paul Dudon, director dos *Études* e Prof. daquele Instituto.

Da Inglaterra vieram Mgr. Butt, bispo de Cambisopolis, auxiliar do Cardeal-Arcebispo de Westminster, e Mgr. Bidwell, chanceler dêste arcebispado, acompanhando-os os Srs. Hussey Walsh, Duque de La Mothe-Houdancourt, Jerome e Davenport, e, ostentando a representação da Real Academia Hispano-Americana de Ciencias y Artes, o jovem sacerdote Luis R. David.

Como era natural a representação espanhola foi mais numerosa. Além dos bispos de Jaén e Málaga, dos prof. de Deusto e Comillas, a quem adiante nos referiremos, de bastantes membros do noviciado da Cartuxa (Granada), fizeram-se representar a Univ. Central e Real Acad. de la Historia pelo notável prof. Bonilla y San Martín, a Univ. de Valladolid, pelo prof. Eloy Señán, Decano da Fac. de Filosofia e Letras de Granada, a de Saragoça pelo prof. Gómez Izquierdo, daquela Fac., a de Sevilha, pelo seu prof. Campos y Pulido e o Instituto de Cartagena, pelo seu membro Esteban y Ramirez, afora numerosas adesões que não cabem nos estreitos limites desta notícia. Começaram as festas no dia 24, à noite, com uma aparatosa recepção aos congressistas e missões estrangeiras, no «Ayuntamiento», sob a presidência do representante do Pontífice e do Rei, que recebiam as homenagens, finda a qual quasi todos se dirigiram para a «calle de S.^{ta} Escolástica», a fim de visitar a casa dos «Suarez de Toledo», berço do famoso Teólogo, correspondendo ao amável convite do seu actual proprietário, Campos de Los Reyes. Era, porém, no dia seguinte, que tinham lugar as maiores festividades. De manhã, na Catedral, o Nuncio celebra missa de pontifical, e ao Evangelho, o rev. Reyes García, um dos primeiros *suaristas* espanhóis, fazendo o panegirico de Suárez, salienta a sua originalidade, focando as doutrinas mais notáveis da vasta obra do polígrafo. As suas palavras perdiam-se na vastidão do templo; mas como um éco, esbatidas, uma ou outra passagem se percebia, como quando resaltou a dívida que Portugal contraíu com os granatenses, herdando o cérebro de Suárez e o coração de Frei Luiz de Granada. Findo o acto religioso com a benção papal, organiza-se um cortejo cívico, em que se incorporaram as autoridades civis, militares, eclesiásticas, missões estrangeiras, professores da Universidade, etc., afim de descerrar uma lápide encomiástica do Exímio, no palácio da Cúria eclesiástica, sede da antiga Universidade, onde Suárez, uma vez, de visita a sua família, proferira uma lição (1570).

O alcaide, Sr. Sola Segura, lê uma allocução e, ao som da Marcha Real, proferindo as palavras protocolares, o Ministro, representante do Rei, descerra-a. À tarde, no Palácio de Carlos V, na Alhambra, inaugura-se solenemente o Congresso. Assumem a presidência o Nuncio e o Ministro; em bancadas especiais, sentam-se os convidados, e por todo o vasto pátio, duplamente memorável na história e na arte, apinha-se a multidão. O Secretário da Junta, Mata Ávila, lê uma memória historiando a organização do Congresso, cuja idea attribue a D. Luiz L. Dória

¹ Por motivo de doença não pôde êste Prof. acompanhar os seus colegas a Granada.

Meseguer, terminando com uma saudação aos congressistas. Fala em seguida o eminente prof. da Univ. Central D. Adolfo Bonilla y San Martin. Um murmúrio permanente de vozes mal contidas, lugares disputados, abafava por completo as palavras do orador; e do seu discurso, que, como todos os trabalhos do insigne professor, deveria ser notabilíssimo, nada se conseguiu ouvir. Por fim, fala o Ministro de Instrução Pública. De constituição forte, voz sonora, impõe-se à rumorosa multidão; mas, apesar de tudo, a primeira impressão é ainda a dum comício. No seu discurso, de patriótico fim, acentuou a urgente necessidade cultural de dissolver a *lenda negra* — da incapacidade e pobreza intelectual da Espanha, e, recordando a obra de Menendez y Pelayo, Bonilla y San Martin, etc., antevia a certeza duma *lenda branca*, em que a Espanha fôsse vista como merece e deve ser, insistindo sempre, como idea directriz do seu pensamento, na necessidade de respirar inteligentemente o passado.

Estava inaugurado o Congresso. Nos dias seguintes, de 26 a 29, reunia-se em sessões privadas, no «paraninfo» da Universidade, sob a presidência do Núncio, ouvindo comunicações, discutindo teses, aprovando conclusões, formulando aspirações. Pela concorrência à sessão inaugural, parecia que a assistência deveria ser grande. Mas não. Não vem para o caso referir a vária fortuna com que alguns institutos religiosos e culturais da Espanha e estrangeiro acolheram o programa das homenagens, nem as discussões suscitadas em certas revistas sobre as relações de Suárez com o tomismo, relembrando, se é que não agravaram, velhos problemas; mas não deve deixar de dizer-se com o congressista Paul Dudoon S. I. que, se o Congresso não foi «torpedeado», ficou muito «mutilado», e a tal ponto que se não comparessem as missões estrangeiras teria «quasi o ar duma simples reunião de jesuítas». Respirava-se na velha sala nobre da Universidade uma atmosfera de devotado respeito: quem lá fôra quizera apenas testemunhar admiração pelo homem, a adesão a uma doutrina, ou cumprir um devêr de representação.

Vejamos, porém, dum modo muito geral, a actividade do Congresso. Dos institutos espanhóis o que mais contribuiu foi o «Colegio de Estudios Superiores de Deusto» (Universidade de Deusto).

Os seus prof., os Padres Nemezio Güenechea e Ramon Zurbano versaram o tema «Suárez mestre de direito internacional»: aquele referindo-se especialmente à comunidade jurídica internacional, ao *Jus gentium* e direito internacional e às aplicações do direito internacional privado, êste, às doutrinas de Suárez sobre a guerra. Luiz Izaga dissertou sobre «A autoridade suprema civil segundo Suárez», e Garcia Herrero expoz algumas «Questões sobre a lei penal segundo a doutrina do P.^e F. Suárez»¹.

Os Padres Sainz e Mostaza, professores do Seminário Pontifício de Comillas, ocuparam-se respectivamente de «Suárez exegeta» e «O direito consuetudinário em Suárez»; e Eugénio Cantera, o único sacerdote não jesuíta que colaborou no Congresso, expôs um trabalho sobre a opposição das doutrinas de Suárez ao imanentismo. Dos estrangeiros, só Paul Dudoon usou da palavra, falando sobre a teoria política de Suárez tal como a revelam a *Defensio fidei* e o liv. III *De legibus*, comparando-a especialmente com as de Maquiavel, Grocio e Hobbes, Bossuet, Montesquieu e Lamennais.

As teses que estes congressistas propunham, suscitaram por vezes discussões,

¹ Estas memórias estão hoje publicadas nos *Estudios de Deusto* (Bilbau) respectivamente nos t. ix (1917), pág. 265-283; *ib.*, 281-302; t. x (1918), pág. 5-21 e t. ix, pág. 325-349.

graves e comedidas sempre, que incidiram particularmente sobre a sua redacção. Votadas, constituíram as conclusões do Congresso, das quais transcrevemos as segg.:

I. — Secção de Apologética

(3 CONCLUSÕES)

- 3.^a — Considerando os grandes perigos que para a pureza da fé católica, contêm a admissão exclusiva ou principal da imanência na defesa da verdade cristã, o C. reprovava a imanência não só como doutrina, mas também como método apologético, conforme as doutrinas sobre este assunto contidas nas disposições pontificias.

II. — Secção de Direito Internacional

(7 CONCLUSÕES)

- 1.^a — O C. faz votos por que, sem menoscabo da legítima soberania e independência das nações se estreitem cada vez mais os vínculos da grande sociedade internacional, fundados, como diz Suárez, no preceito natural do amor reciproco e misericórdia, extensível a todos os homens.
- 3.^a — Um dos princípios que mais conviria inculcar aos povos é que a arbitragem, sendo possível obrigatória, constituiria o meio mais racional para resolver os litígios entre os Estados.
- 4.^a — O C. faz seus os princípios de Suárez sobre o direito do Sumo Pontífice intervir nos conflitos internacionais, em certos casos determinados pelos doutores católicos; mas limitando-se à questão da arbitragem propriamente dita, proclama que o Pontífice Romano, pelo carácter da sua personalidade jurídica universal, pela natureza do seu governo paternal, pela segurança das suas decisões comprovadas por tantos e tão indiscutíveis títulos históricos, é a pessoa que mais garantias oferece de acerto, imparcialidade e Justiça.

III. — Secção Jurídico-social

a) Direito político (3 concl.).

- 1.^a — Toda a filosofia política de Suárez se funda no princípio da suprema autoridade civil derivar de Deus, que a comunica à sociedade civil perfeita como um atributo conatural e inerente.

b) Direito consuetudinário (4 concl.)

- 1.^a — Para definir e explicar a natureza do Direito consuetudinário o C. prefere e adopta como sua a doutrina claramente exposta por Suárez no liv. VII *De legibus*.
- 2.^a — Por consequência, repelindo como infundadas e perigosas para o regimen social as teorias do racionalismo e do positivismo histórico, o C. estabelece com Suárez que o costume jurídico é um direito legal objectivo, não escrito, introduzido por uma larga observância do povo, com o consentimento, pelo menos legal, do legislador.

c) Direito penal (6 concl.).

- 2.^a — É necessário admitir, para defesa dos interesses sociais, no direito penal, como no direito civil, o costume e o direito natural, com as limitações referidas por Suárez.
- 5.^a — Deve dar-se a maior latitude, em matéria penal, à apreciação dos juizes, conforme a doutrina de Suárez, igualmente afastada da escola clássica e positiva.

O C. ocupou-se, assim, predominantemente de assuntos jurídicos e apologeticos. Algumas memorias, porêm, foram apresentadas, versando outras secções; mas a autoridade superior julgou prudente limitar a actividade do C. para evitar polémicas que as conclusões teológicas ou filosóficas certamente suscitariam. Entre estes trabalhos dominam os dos portugueses. A missão universitária contribuiu com três estudos: *O P.º Francisco Suarez em Coimbra* (Notas sôbre alguns dos seus contemporâneos e amigos), do Prof. Dr. Eugénio de Castro; *Suarez, jurista* (O problema da origem do poder civil), do Prof. Dr. Manuel Paulo Merêa, e *A¹ teoria da verdade e do êrro nas «Disputationes Metaphysicae» de Francisco Suárez*, do Dr. Joaquim de Carvalho e os Padres Luís Gonzaga de Azevedo, António de Menezes e Joaquim Abranches, respectivamente çom *Suarez e o regalista Gabriel Pereira de Castro*, *A origem do poder e a Formação intelectual de Suarez*. Independentemente das secções do C., mas em homenagem à sua celebração, o P.º Francisco Rodriguez ofereceu o estudo *A formação intelectual do jesuita*.

A última sessão foi no dia 29; todavia não ficou o C. definitivamente encerrado, esperando a Junta o momento oportuno, que só a paz trará, decerto. Uma das sessões, e das mais memoráveis, a do dia 27, foi dedicada às missões estrangeiras. Mgr. Butt, bispo de Cambisopolis, recordando os laços históricos que unem os católicos da Grã-Bretanha à Espanha católica, terminou aspirando que a doutrina cristã fôsse a lei suprema dos povos e a garantia da paz duradoura, que só ela pode dar.

Mgr. Baudrillart transmitiu, com muito patriotismo, as homenagens dos bispos protectores do Instituto Católico de Paris e do seu corpo docente, formulando o voto que as doutrinas de Suárez pudessem restabelecer o direito das gentes e o respeito pela Justiça. Usa então da palavra o Dr. José Alberto dos Reis. «No seu discurso, o Dr. Alberto dos Reis depois de saudar a Universidade de Granada, a comissão promotora do centenário e os congressistas, em nome da Universidade de Coimbra, procurou salientar os serviços que a esta Universidade prestou o Padre Francisco Suárez com o seu ensino de Teólogo eminente e com as suas variadas obras, em que o nome do autor era acompanhado dêstes dizeres: *Primarius sacrae Theologiae in celebri Conimbricensi Academia Professor*; e como estas obras tiveram uma repercussão e um acolhimento extraordinário em todo o mundo culto, daí veiu, observou o orador, que os créditos e o lustre da Universidade de Coimbra irradiaram então luminosamente por todas as esferas civilizadas, visto que as honras e os triunfos de Suárez vinham, em última análise, recair sôbre a Academia de que era professor. Em seguida, o comissionado da Universidade de Coimbra aludiu à publicação, em 1897, do livro do Dr. António de Vasconcelos, *Francisco Suarez, Doctor Eximius*, com a qual a Universidade começara a exonerar-se da dívida de gratidão para com a memória de Suárez, e pôs em relêvo os merecimentos dêsse livro, justamente exaltados na mais notável biografia de Suárez, a do Padre Raoul de Scorraille; mas, acrescentou, a referida homenagem não podia dispensar a Universidade de se fazer representar no centenário de Suárez e de contribuir para o brilho do congresso com toda a colaboração que estivesse ao seu alcance. Então, mostrou quais haviam sido os esforços da Universidade de Coimbra no sentido de assegurar a sua representação scientifica no congresso. Apresentou a memória do Dr. Eugénio de Castro, em que o primoroso artista faz desfilar diante de nós, como numa tela elegante e clássica, as figuras que viveram em

¹ Foram publicados nesta *Revista*, vol. vi, n.º 1 e 2 (Janeiro e Junho de 1917).

Coimbra no tempo de Suárez e com êle estiveram em contacto; referiu-se depois ao trabalho valioso do Dr. Joaquim de Carvalho sobre a *Teoria da verdade e do erro nas «Disputationes Metaphysicae» de Suárez*, lendo as conclusões, rigorosamente deduzidas, de tão proficiente estudo filosófico; por fim, ocupou-se da memória do Dr. Manuel Paulo Merêa, *Suarez, jurista* (O problema da origem do poder civil), leu as proposições que resumem a doutrina de Suárez e pôs em relêvo a impecável consciência e probidade com que fôra elaborada uma memória sobre assunto tão delicado, e ao mesmo tempo o valor literário e scientifico dêsse trabalho, sem dúvida um dos mais notáveis que foram presentes ao congresso. De tudo isto, concluiu o orador que a Universidade de Coimbra se empenhara em levar ao congresso a sua cooperação, tão assinalada quanto o haviam consentido as occupações profissionais dos seus professores e o reduzido tempo que mediará entre o convite e a comemoração.

Na segunda parte do seu discurso, o Dr. Alberto dos Reis procurou traçar o perfil de Suárez, sob o ponto de vista moral; mostrou que o prestígio e a autoridade do *Doctor Eximius* não podiam de forma alguma ser um produto do artifício ou do favor, e sustentou a tese de que a fama de Suárez não é senão o índice exacto do seu merecimento¹.

Fala ainda o jovem Padre David, da Columbia, que calorosamente transmite ao C. a adesão da América espanhola e, por fim, o Sr. Bispo de Portalegre, em nome do episcopado português, entusiasma a assembleia, que religiosamente o ouviu e aplaudiu.

Muito propositadamente deixamos para agora a representação da Alemanha, pelas condições especiais em que se deu. Inaugurado o C., a Junta solicitou do embaixador alemão em Madrid a nomeação dum delegado, não fôsse pensar-se que o C. quebraria a sua neutralidade...

Investido o Dr. Poschmann, director dum colégio em Madrid, nessa elevada missão, cumpriu-a proferindo uma alocução que, embora concisa, foi fecunda em conseqüências, suscitando logo protestos perante a presidência, da parte duma missão estrangeira, e, mais tarde, críticas acerbas em revistas e jornais, repercutindo-se até na Câmara Francesa. Intitulando-se representante «dos homens de sciência alemães», o Dr. Poschmann orgulhava-se que a sua pátria apreciasse o labor gigantesco do sábio granadino, editando-lhe, em Moguncia, no século xvii, as suas obras, interpretando-o e comentando-o nas suas universidades e inscrevendo o seu nome numa das ruas mais importantes de Berlim: a *Suarezstrasse*.

Há nesta alocução muito de exagero e alguma cousa de menos verdadeiro²; mas apesar disso, pelo exagero talvez, impressionou tanto a assembleia, na sua maioria de estudantes, que longamente a aplaudiu com frenéticas palmas...



A missão universitária chegou a Granada no dia 23, sendo aguardada na estação pelos Srs. Luis L. Dóriga Meseguer, Alfonso Izquierdo, Miguel M. de Pareja, Mata

¹ Do *Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra*, Ano iv, n.ºs 31, 32 e 33, (1917), pág. 225-7.

² Como Paul Dudon provou esta rua comemora não o granatense Suárez, mas o legista prussiano Karl Gottlieb Schwartz (1746-1798), autor do *Corpus juris Fredericianum* (1781), que assinava e gostava que assim o tratassem: — *Svarez*. Demais, longe de ser uma rua importante de Berlim, está situada... no extremo sudoeste de Charlotenburgo...

Cf Dudon, *Le Congrès de Grenade*, in *Études*, t. 153, p. 423-432 e *Rivista di Fil. neoscolastica*, Jan. 1918, pág. 150.

y Morales e Garcia Goyena, em nome da Junta do Centenário, Eloy Señán, Martin Berrueta, Gómez Izquierdo e Surroca y Morales, pela Faculdade de Filosofia e Letras e Hidalgo, Torres Campos e Garcia Valdeclasas, pela Faculdade de Direito, que amavelmente a acompanharam ao hotel. Neste mesmo dia era recebida pelo Arcebispo, que lhe prodigalisou todas as atenções, acompanhando-a na visita às preciosidades artísticas e bibliográficas do seu paço. No dia 26, a Univ. oferecia um almoço ao Ministro de Instrução Pública, para o qual convidou a missão universitária, distribuindo-lhe lugares de honra. No final, o Reitor da Univ. Central, D. Jose Carracido, como senador pela Univ. granadina, brindando ao Ministro, terminou com uma homenagem à Univ. de Coimbra e aos seus representantes. O Dr. Eugénio de Castro agradecendo em breves e delicadas palavras exprimiu a gratidão pela honra dispensada e afirmou o prazer dos representantes da Univ. de Coimbra em colaborar com os seus colegas de Granada nas festas do Centenário. Servem os congressos mais para aproximar intelectuais que promover directamente o avanço da sciência; e em verdade deve dizer-se que as Fac. de Letras e Direito de Granada foram inexcedíveis de deferências e gentilezas, bem como a Junta do Centenário. O prof. Martin Berrueta acompanhou-a na visita aos principais monumentos da cidade, guiando-a com o seu saber e valimento e esclarecendo-a com o seu delicado sentimento de artista. Na véspera da partida da missão, oferecia-lhe um almoço íntimo, no seu paço, o Arcebispo, e o Dr. Eugénio de Castro, a instantes convites do prof. Berrueta, fazia, na sua cátedra de «Teoria de las Artes», uma conferência sobre «A Arte em Coimbra», perante um público selecto, na maioria professores. Apresentado pelo Decano da Fac. de Fil. e Letras, Sr. Eloy Señán, nos termos os mais elogiosos para o artista e para o prof., o conferente acentuou o lugar de Coimbra nas artes portuguesas e evocando belos motivos em belas palavras terminou com um paralelo da paisagem portuguesa e castelhana, no que elas teem de diferente e expressivo nas artes dos dois povos. Em seguida, na sala nobre da Fac. de Fil. e Letras, com a assistência de todos os seus professores, faziam-se as despedidas e, por fim, o distinto prof. da Fac. de Direito, Fernando de Los Ríos Urruti, como último testemunhó de cativante gentileza, recebia-a na sua «classe».

Partiu a missão no dia 29 para Portugal; mas apesar da hora matutina compareceram ainda na estação alguns prof. como Eloy Señán e Berrueta e delegados da Junta do Centenário.



Sobre a representação de Portugal escreveu Paul Dudon o seguinte :

«Les intellectuels de Portugal se sont souvenus que Suarez enseigne pendant vingt ans à Coïmbre, et que Lisbonne garde sa tombe. Ils ont voulu que nul ne les surpassât en zèle, pour glorifier celui qui rendit célèbres leurs écoles. Le P. Antoine Meneses, jésuite, presenta à l'assemblée le résumé de trois mémoires étendus: un de lui sur l'origine du pouvoir d'après Suarez; un du P. Louis de Azevedo sur Suarez et le juriste régalien Pereira de Castro; un du P. Joachim Abranches sur la formation intellectuelle de Suarez. En 1897, l'Université de Coïmbre n'avait pas manqué de célébrer le centenaire de la prise de possession par Suarez de la chaire de théologie dite de *prime*. Le docteur Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, professeur de théologie, avait consigné dans un superbe volume le résultat de ses doctes recherches et son ardente admiration pour Suarez. Il a paru au corps professoral de l'Université qu'un tel hommage était insuffisant. M. Joaquim de Carvalho a écrit une brochure: *A teoria da verdade e do erro nas disputationes*.

metaphysicae de Francisco Suarez (doctor eximius). M. Manuel Paulo Merea a publié une étude intitulée: *Suarez jurista. O problema da origem do poder civil*. Leurs collègues, M. Eugenio de Castro, l'un des grands poètes portugais de l'heure présente, et M. dos Reis, professeur à la Faculté de droit, étaient aussi venus à Grenade. M. dos Reis prononça au Congrès, sur les travaux de Suarez, une conférence d'une inspiration très élevée et d'une cordialité impressionnante. Mgr l'évêque de Portalègre devait à la mémoire de son devancier, Rodrigo da Cunha, le grand ami de Suarez, de prendre la parole. Il le fit avec une onction évangélique et une bonne grâce parfaite».

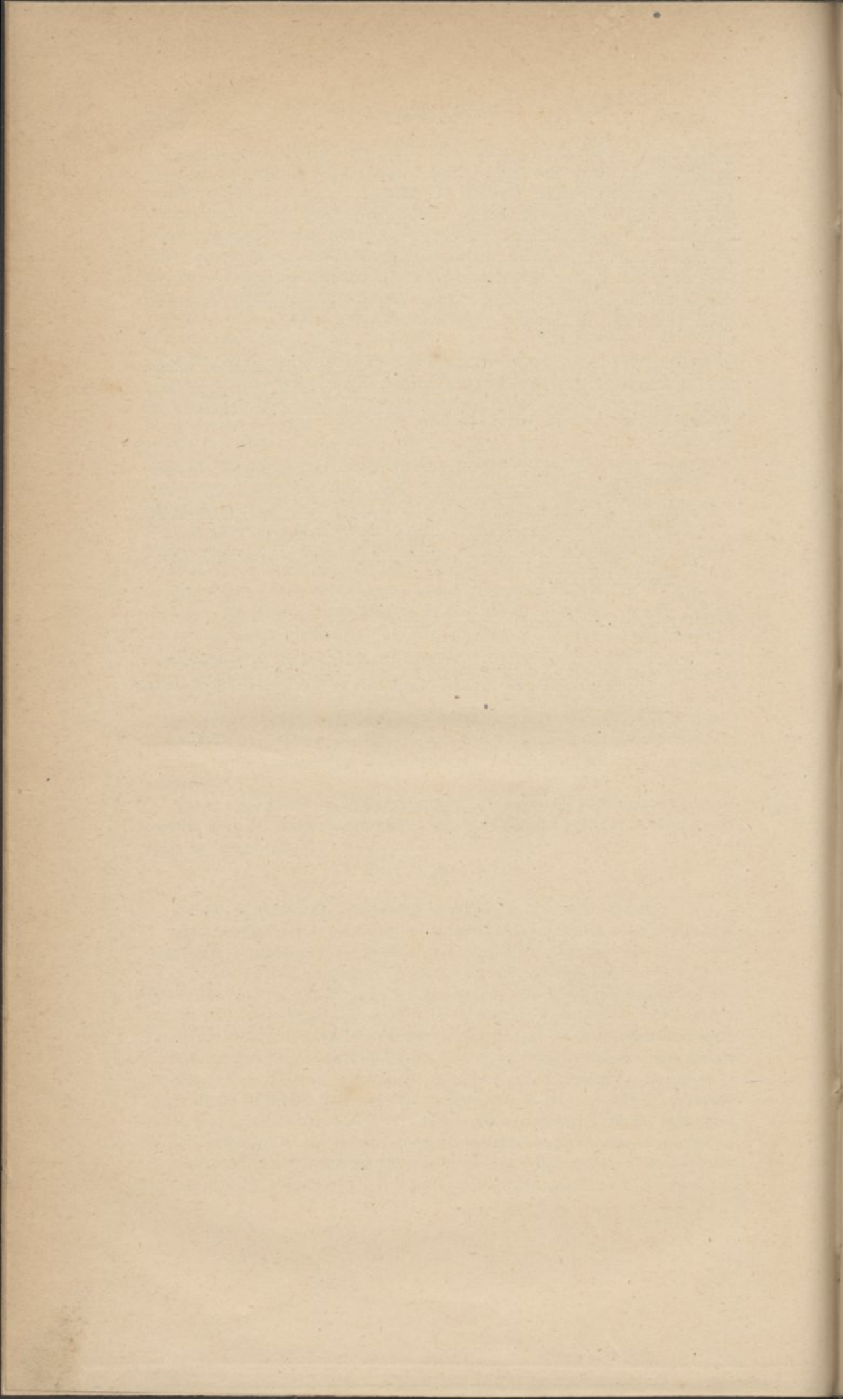
A Junta não publicou ainda o relatório do Congresso, nem reuniu em volume todos os trabalhos apresentados, aguardando, decerto, a sessão final, a que aludimos. Todavia já se publicaram algumas notícias, tendo nós conhecimento das seguintes :

- Paul Dudon — *Le Congrès de Grenade et le troisième centenaire de la mort de Suarez (1617-25 septembre 1917)*, in *Études*, t. 153 (20 nov. 1917).
Centenário de Francisco Suarez (Doctor Eximius), in *Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra*, ano IV, n.ºs 31, 32 e 33 (1917).
Le feste centenarie di Granata, in *Rivista di Filosofia Neoscolastica*, fasc. 1, ano X (Janeiro 1918).

E sobre a bibliografia :

- Suarez et son œuvre a l'occasion du troisième Centenaire de sa mort (1617-25 septembre-1917)*, por ERNEST-MARIE RIVIÈRE e RAOUL DE SCORRAILLE, Toulouse. 1918.

J. C.



Índice alfabético dos assuntos

	Pág.
Alves da Hora, pelo Prof. ALVES DOS SANTOS	260
Cerâmica (A) em Coimbra — Séculos XVI e XVII, pelo Prof. TEIXEIRA de CARVALHO :	
— Prólogo	183
— I. Posturas e regimentos	189
— II. Arruamento do officio dos oleiros — Suas causas determinantes em Coimbra — O bairro das «Olarias» — Freguesias de S. João de Santa Cruz e de Santa Justa — Extensão das «Olarias» — Insalubridade dêste bairro — Medidas da Câmara para a remediar	197
— III. A venda da louça — Taxas — Pessoas a quem era permitida a venda da louça — Alteração das taxas — Suas causas — Regatia — Serviçais e mulheres dos meirinhos — Licenças da Câmara	200
— IV. Cartas de oleiro no século XVI — Registo camarário delas — Sua insuficiência — Causas da deficiência do registo — Cartas de oleiro no século XVII — Offícios que delas se deduzem — Oleiros do século XVII a que se fazem referências nos registos paroquiais e de que não ficaram registadas as cartas	205
— V. Obras cerâmicas do século XVI existentes em Coimbra — O passo da Ceia de Udarte — Os vasos da colecção A. Augusto Gonçalves — A obrigação de Udarte — Udarte em Espanha — O refeitório do Mosteiro de Santa Cruz — Sua entrega à Associação dos Artistas de Coimbra — A destruição do <i>passo da Ceia</i> — A entrada das figuras mutiladas no Museu Machado de Castro depois de haverem passado pelo Museu da Câmara Municipal de Coimbra	422
— Documentos	228, 445
Contribuição para o estudo de flora briológica de Portugal, por ARTUR ERVIDEIRA	242, 469
Francisco Rodrigues Lobo — Ensaio biográfico e crítico, pelo Prof. RICARDO JORGE (Continuação do vol. V) :	
— Adenda	372
— XI. Opúscula — Obras diversas, esparsas, póstumas, inéditas e apócrifas	" "
— XII. Resenha bibliográfica	399

	Pág.
Geografia (A) moderna — Evolução. Conceito. Relação com as outras sciências, pelo Assist. ARISTIDES GIRÃO :	
— I. Observações preliminares	316
— II. Evolução da sciência geográfica	318
— III. Conceito da geografia considerada como sciência	321
— IV. Relação da geografia com as outras sciências da natureza e do homem	326
Miscelânea :	
— O Tricentenário de Francisco Suárez e o Congresso Internacional de Granada, pelo Prof. JOAQUIM DE CARVALHO	490
Notas filológicas, pelo Prof. GONÇALVES GUIMARÃIS (Continuação do vol. 1) :	
— II. Malapio. Marmelo. Amendoa; «nógado». Pêssego: maracotão; mira-olho. Cotão; algodão. Albricoque: damasco; alperxe.	304
Notas Vicentinas — Preliminares duma edição crítica das obras de Gil Vicente, pela Prof. D. CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELOS :	
— II. A Rainha Velha	263
— III. As madrinhas de D. João III	280
— IV. História do problema relativo à Didascália inicial das obras de Gil Vicente	288
— Anotações	295
P. ^e (O) Francisco Suarez em Coimbra — Notas sôbre alguns dos seus contemporâneos e amigos, pelo Prof. EUGÉNIO DE CASTRO	5
— I. Bispos de Coimbra	7
— II. Reitores da Universidade.	12
— III. Professores da Universidade	14
— IV. Padres da Companhia	28
— V. Discípulos de Suarez.	38
— IV. Escritores	41
Suárez, jurista — O problema da origem do poder civil, pelo Prof. MANUEL PAULO MERÊA	70
Teoria da verdade e do êrro nas «Disputationes Metaphysicae» de Francisco Suárez, pelo Prof. JOAQUIM DE CARVALHO.	42
Visita do Marquês de Pombal a Coimbra para reformar a Universidade, pelo Prof. ANTÓNIO DE VASCONCELOS	141
Versão (A) portuguesa das «Flores de las leyes» de Jacome Ruiz, pelo Prof. MANUEL PAULO MERÊA	341

Índice alfabético dos autores

	Pág.
ALVES DOS SANTOS (Dr.)	
<i>Alves da Hora</i>	260
ANTÓNIO GARCIA RIBEIRO DE VASCONCELOS (Dr.)	
<i>Visita do Marquês de Pombal a Coimbra para reformar a Universidade</i>	141
ANTÓNIO JOSÉ GONÇALVES GUIMARÃIS (Dr.)	
<i>Notas filológicas</i>	304
ARISTIDES GIRÃO (B. ^{el})	
<i>A geografia moderna — Evolução. Conceito. Relação com as outras sciências</i>	316
ARTUR ERVIDEIRA (B. ^{el})	
<i>Contribuição para o estudo da flora briológica de Portugal</i>	242, 469
CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELOS (Dr. ^a D.)	
<i>Notas Vicentinas — Preliminares duma edição crítica das obras de Gil Vicente</i>	263
EUGÉNIO DE CASTRO (Dr.)	
<i>O P.^e Francisco Suarez em Coimbra — Notas sobre alguns dos seus contemporâneos e amigos</i>	5
JOAQUIM DE CARVALHO (Dr.)	
<i>Teoria da verdade e do erro nas «Disputationes Metaphysicae» de Francisco Suárez</i>	42
<i>O Tricentenário de Francisco Suárez e o Congresso Internacional de Granada</i>	490
MANUEL PAULO MERÊA (Dr.)	
<i>Suárez, jurista — O problema da origem do poder civil</i>	70
<i>A versão portuguesa das «Flores de las leyes» de Jacome Ruiç</i>	341
RICARDO JORGE (Dr.)	
<i>Francisco Rodrigues Lobo — Ensaio biográfico e crítico</i>	372
TEIXEIRA DE CARVALHO (Dr. J. M.)	
<i>A cerâmica de Coimbra (Séculos XVI e XVII)</i>	183, 422

Índice das estampas

	Pág.
P. ^e Francisco Suarez (Desenho de A. Augusto Gonçalves)	5
D. Afonso de Castelo Branco (Desenho de A. A. Gonçalves)	7
D. Afonso Furtado de Mendonça — Quadro existente na <i>Sala dos exames privados</i> da Universidade de Coimbra	11
António de Mendonça — Quadro existente na <i>Sala dos exames privados</i>	12
D. Francisco de Castro — Quadro existente na <i>Sala dos exames privados</i>	13
D. João Coutinho — Quadro existente na <i>Sala dos exames privados</i>	14
Fr. Leão de S. Tomás — Quadro existente no <i>Museu Machado de Castro</i>	19
D. André de Almada (Desenho de A. Augusto Gonçalves)	38
Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo — Quadro existente no <i>Museu Machado de Castro</i>	41
Prof. Alves da Hora	260
Rosto da edição-príncipe da <i>Barca do Inferno</i> , propriedade da Biblioteca Nacional de Madrid)	270
Rosto de uma edição da <i>Barca do Inferno</i> de c. de 1600 (Biblioteca Nacional de Madrid)	»
Rosto de uma edição da <i>Barca do Inferno</i> de c. de 1600 (Livreria do Conde de Sabugosa)	»
Rosto de uma edição de Burgos, 1539, da redacção castelhana da <i>Barca do Inferno</i> (Biblioteca Nacional de Madrid)	272
Rosto da Primeira e Segunda parte dos Romances de Francisco Roiz Lobo, de Leiria	402
Rosto da <i>Primavera</i> , edição de 1601	403
Rosto do <i>Pastor Peregrino</i> , edição de 1608.	406
Rosto do <i>Desenganado</i> , edição de 1614	410
Rosto da <i>Jornada</i> , edição de 1623	415
O apostolado do refeitório de Santa Cruz de Coimbra, hoje no <i>Museu Machado de Castro</i>	422
Cristo do apostolado de Udarte no <i>Museu Machado de Castro</i>	427
Figura do apostolado de Udarte	431
Pergaminho encontrado num florão da capela do Apostolado	440